

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WANESSA MARGOTTI RAMOS STORTI

**EDUCAÇÃO ÁRABE EM CURITIBA:
A ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ
(1969 – 1972)**

CURITIBA
2011

WANESSA MARGOTTI RAMOS STORTI

**EDUCAÇÃO ÁRABE EM CURITIBA:
A ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ
(1969 – 1972)**

Dissertação apresentada ao Setor de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta.

CURITIBA
2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná e a todos que fizeram parte da Escola Islâmica do Paraná, sem eles, nada disso existiria.

AGRADECIMENTOS

Durante essa caminhada, muitas pessoas contribuíram para que este trabalho chegasse até aqui.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, em especial ao corpo docente da linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação.

Agradeço ao meu orientador, professor Marcus Levy Bencostta, a quem aprendi e reparti seu tempo e conhecimento, pelo apoio e pela aposta.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, professora Nádia Gaiofatto Gonçalves e professor Jamil Ibrahim Iskandar, cujas observações e críticas foram fundamentais para o crescimento desta pesquisa.

Agradeço à Sociedade Benéfica Muçulmana do Paraná e a todos os membros da comunidade em Curitiba por terem aberto seus corações e suas memórias, sem as quais não conheceríamos suas trajetórias de vida, matéria-prima para a pesquisa.

Agradeço à doutoranda Ana Paula Pupo, pela ajuda na elaboração das plantas e pela paciência em disponibilizar seu tempo a este trabalho.

Agradeço ao meu esposo, Eduardo, cuja iniciativa e incentivo foram fundamentais para que eu comesse e prosseguisse nesta caminhada. Agradeço a ele e a meus pais e meu irmão, por terem entendido e suportado as frequentes ausências. Sem eles, esse projeto não teria sentido.

EPÍGRAFE

*Não declares que as estrelas estão mortas só porque o céu está nublado.
(Provérbio Árabe)*

RESUMO

Essa pesquisa trata dos quatro anos de existência da Escola Islâmica do Paraná, fundada em 1969, em Curitiba. A escola possui relação direta com imigrantes árabes muçulmanos que, ao chegarem ao Brasil, sentiram necessidade de continuar a divulgar sua cultura e religião. A importância do trabalho reside, também na compreensão do papel desta etnia à sociedade curitibana, além de divulgar e problematizar a maneira como a cultura escolar, acontece em uma instituição privada islâmica que se fundamenta na manutenção dos valores e costumes trazidos pelos antepassados. Existem contribuições sociais e históricas que o estudo pode trazer como um maior conhecimento da cultura árabe e da história da educação no Estado. O termo árabe muçulmano remete aos imigrantes praticantes do Islamismo que chegaram ao Estado do Paraná na metade do século XX. A relação entre a chegada dos imigrantes árabes e a fundação e manutenção da escola auxilia na compreensão da instalação da etnia na cidade de Curitiba. A fundação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná teve um grande impacto para a estruturação dessa instituição de ensino. Mesmo sendo essa imigração estatisticamente pequena comparando-se com a chegada de outras etnias, os “turcos” construíram suas raízes na capital do Paraná. As fontes utilizadas foram em sua maioria os documentos escolares arquivados na instituição de ensino, entrevistas com os participantes da escola

Palavras – chave: educação, imigração árabe, cultura escolar.

ABSTRACT

This research deals with the four years of the Islamic School of Paraná, founded in 1969 in Curitiba. The school has a direct relationship with the Arab immigrants who, upon arriving in Brazil, felt the need to continue to spread their culture and religion. The importance of the work lies also in understanding the role of this ethnicity in society Curitiba, and disclose and discuss how the school culture, occurs in a private institution that is based on Islamic values maintenance and customs brought by the ancestors. There are social and historical contributions that the study could, as a greater understanding of Arab culture and history of education in the state. The term refers to the Arab Muslim immigrants practicing Muslims who came to the State Government in the mid-twentieth century. The relationship between the arrival of Arab immigrants and the foundation and maintenance of the school helps in understanding the installation of ethnicity in the city of Curitiba. The foundation of the Muslim Beneficent Society of Paraná had a great impact on the structure of this institution. Even if this immigration statistically small compared with the arrival of other ethnic groups, the "Turks" have built their roots in the capital of Parana. The sources used are mostly school documents filed at the institution, interviews with participants of the school.

Key - words: education, Arab immigration, school culture.

LISTA DE DESENHOS

DESENHO 1-	PLANTA BAIXA DO SUBSOLO DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1963).....	49
DESENHO 2-	PLANTA BAIXA DO TÉRREO DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1963).....	51
DESENHO 3-	PLANTA BAIXA DO PRIMEIRO PAVIMENTO DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1963).....	52

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 -	CARIMBO PRESENTE NOS LIVROS DE REGISTROS PESQUISADOS.....	55
IMAGEM 2 -	SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ.....	80
IMAGEM 3 -	FRENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ - ATUAL (1).....	120
IMAGEM 4 -	FRENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ - ATUAL (2).....	120
IMAGEM 5 -	LIVRO DE CHAMADA DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ, 1969.....	121
IMAGEM 6 -	LIVRO DE CHAMADA DO GINÁSIO MUÇULMANO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 1971.....	122
IMAGEM 7 -	BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1), 1970.....	122
IMAGEM 8 -	BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (2), 1970.....	123
IMAGEM 9 -	BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (3), 1970.....	123
IMAGEM 10 -	MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB (DÉCADA DE 70).	124
IMAGEM 11 -	MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB - ATUAL.....	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	MOVIMENTO DE IMIGRANTES NO BRASIL (1908 – 1936).....	27
TABELA 2 -	PRESIDENTES DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ (1957 -2010).....	36
TABELA 3 -	QUANTIDADE DE ALUNOS (1969 – 1972).....	57
TABELA 4 -	PROFESSORAS DO 1º ANO (1969 – 1972).....	60
TABELA 5 -	DIRETORAS DA ESCOLA (1969 – 1972).....	62
TABELA 6 -	FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1971).....	64
TABELA 7 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 1º ANO.....	103
TABELA 8 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 2º ANO.....	103
TABELA 9 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 3º ANO.....	104
TABELA 10 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 4º ANO.....	104
TABELA 11 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – JARDIM DE INFÂNCIA.....	104
TABELA 12 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 1º ANO – SEXO MASCULINO.....	105
TABELA 13 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 1º ANO – SEXO FEMININO.....	105
TABELA 14 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 2º ANO – SEXO MASCULINO.....	105
TABELA 15 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 2º ANO – SEXO FEMININO.....	106
TABELA 16 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 3º ANO – SEXO MASCULINO.....	106
TABELA 17 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 3º ANO – SEXO FEMININO.....	106
TABELA 18 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 4º ANO – SEXO MASCULINO.....	107
TABELA 19 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 4º ANO – SEXO FEMININO.....	107
TABELA 20 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO MASCULINO.....	107
TABELA 21 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO FEMININO.....	108
TABELA 22 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO MASCULINO.....	108
TABELA 23 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO FEMININO.....	109
TABELA 24 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – PRÉ-PRIMÁRIO – SEXO MASCULINO.....	109
TABELA 25 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – PRÉ-PRIMÁRIO – SEXO FEMININO.....	110
TABELA 26 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 1º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO.....	110
TABELA 27 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 1º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO.....	110

TABELA 28 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 2º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO MASCULINO.....	111
TABELA 29 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 2º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO FEMININO.....	111
TABELA 30 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 3º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO MASCULINO.....	111
TABELA 31 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 3º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO FEMININO.....	111
TABELA 32 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 4º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO MASCULINO.....	112
TABELA 33 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 4º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO FEMININO.....	112
TABELA 34 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 5º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO MASCULINO.....	112
TABELA 35 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 - 5º SÉRIE PRIMÁRIA - SEXO FEMININO.....	113
TABELA 36 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1972.....	114
TABELA 37 -	REGISTRO DE ALUNOS DE 1972 - MATRÍCULAS SUPLEMENTARES.....	117
TABELA 38 -	FAMÍLIAS DE IMIGRANTES NATURALIZADOS NO PR (1956-1983).....	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ÁRABES NO BRASIL: UM RETRATO DE MASCATES E FÉ	25
1.1 OS MUÇULMANOS NO BRASIL.....	29
1.2 CHEGADA DOS MUÇULMANOS NA TERRA DAS ARAUCÁRIAS.....	32
1.2.1 Presença educacional árabe no Brasil.....	39
2 ORIGENS HISTÓRICAS DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ	43
2.1 DISCURSO ARQUITETÔNICO E ESPAÇO SIMBÓLICO DA ESCOLA.....	46
2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ESCOLAR.....	53
3 PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ	74
3.1 CRIAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR ÁRABE ATRAVÉS DE RELATOS....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
FONTES ESCRITAS	87
FONTES ORAIS	89
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE	95
ROTEIRO PARA ENTREVISTA NÚMERO 1	95
ROTEIRO PARA ENTREVISTA NÚMERO 2	96
TERMO DE CESSÃO	97
ENTREVISTA	98
TABELAS DE ALUNOS	103

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa trata da história da Escola Islâmica do Paraná, fundada em 1969, em Curitiba. Apesar de esta escola possuir relação direta com imigrantes árabes¹ muçulmanos que, ao chegarem ao Brasil, sentiram necessidade de continuar a divulgar sua tradição, a religião islâmica não será o objetivo principal desta dissertação. Ela, porém, é um dos elementos culturais que compõe a construção da representação da comunidade em Curitiba.

O recorte histórico, 1969 - 1972, se insere no tempo de curta duração, sendo a primeira instituição educacional de origem islâmica no Estado do Paraná. Para tanto, tentarei entender e discutir a fundação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, como aquela responsável por organizar a criação da escola.

O objetivo desta pesquisa reside na compreensão da ação deste grupo na criação de uma escola em Curitiba, e na problematização das manifestações e construções que identificam traços culturais escolares em uma instituição privada que se fundamentava na manutenção de valores e costumes trazidos por seus antepassados. A escola passou a ser, para a comunidade, um dos centros de sua sociabilidade.

Quanto às fontes pesquisadas, os documentos aqui reunidos tornaram possível formular questões iniciais, tais como: como esta escola de origem árabe muçulmana conviveu em uma sociedade majoritariamente católica? Cumpria a função de complemento de uma educação formal que visava à demanda do grupo étnico-religioso e de sua própria comunidade? Por que funcionou por um curto espaço de tempo, já que foi a primeira experiência da comunidade árabe paranaense?

Esses questionamentos foram provocados a partir dos pressupostos da História Cultural. Para Charthier, essa corrente historiográfica, “tem por principal

¹ Os povos aos quais chamo de árabes representam um conjunto heterogêneo do ponto de vista étnico e religioso, mas que mantem similaridades nos costumes e na língua, portanto o termo árabe-muçulmano remete aos imigrantes praticantes do Islamismo, que no nosso caso são aqueles que chegaram ao Estado do Paraná na primeira metade do século XX. “Originalmente, os termos árabe e muçulmano coincidiam: de fato, restritos à península da Arábia, os árabes se tornaram quase todos muçulmanos. Num segundo momento, contudo, a expansão dessa população criou a esfera do Oriente Médio e, com o contato com outras culturas e religiões, ampliou esse conceito”. (DEMANT, 2004, p. 14).

objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1987, p. 16). Esse campo de pesquisa histórica é apresentado como um modo de evitar o distanciamento cultural construído por parte da sociedade em relação a outros modos de interagir cotidianamente nas cidades. A escassez de fontes sobre o objeto de pesquisa tem como consequência esse distanciamento, como se ela, a escola, nunca tivesse existido. A busca de fontes mostrou ser um trabalho árduo, entre o que se sabia da escola na teoria, como nomes dos alunos e professores, estrutura da instituição, e as revelações que foram surgindo na prática, com o relato de seus protagonistas.

A utilização das fontes (lugar onde se vai beber) depende, é certo, do que encontramos em bibliotecas, arquivos, acervos, internet, mas depende das concepções teóricas do pesquisador e do objeto que ele “construiu” para sua investigação. Na verdade, como sabemos, ocorre um movimento de vai-e-vem entre a concepção teórica e os dados empíricos que as fontes revelam ao pesquisador. A teoria permite direcionar o olhar, selecionar as fontes e interpretar a realidade, enquanto os dados empíricos fornecem o conteúdo do que se investiga. (MAGALHÃES, 2005, p. 18).

Ao tomar os recentes debates que entendem a história da escola como um campo de pesquisa e obedecendo aos procedimentos da investigação histórica, ao trato com as fontes, à sua análise e à interpretação, o uso de documentos como regimentos, leis, livros de professores, esses itens tornam-se ferramentas fundamentais para a compreensão de sua estrutura física e simbólica. Como afirma Viñao (2000), o aparecimento, o uso, a transformação e o desaparecimento desses objetos, são reveladores das práticas educacionais e suas mudanças.

Por tratar de uma escola fundada por imigrantes árabes, tornou-se necessária a contextualização de sua chegada ao Brasil, e particularmente, em Curitiba. Desvinculados daquela imigração destinada às lavouras do interior paulista e dos Estados do Sul nas primeiras décadas do século XIX, os imigrantes árabes ligaram-se aos ofícios urbanos e comerciais, sobretudo o de mascate², como uma forma de sobrevivência. Em 1895, os árabes representavam 90% dos mascates oficialmente listados em São Paulo (TRUZZI, 2007). Portanto, torna-se importante

² O termo vem do árabe Muskat, nome da capital do Sultanato de Omã, às costas do Oceano Índico, na Península Arábica. Entre os séculos XVI e XVIII, constituiu-se Muskat em importante entreposto comercial, visitado por mercadores das mais variadas praças do globo, portugueses inclusive, que daí extraiu o termo, desde então integrante do léxico português (NASSER, 2006).

compreender como se deu o processo de inserção do grupo no território de recepção, entendendo as negociações que os imigrantes e seus descendentes fizeram ao longo desta trajetória em relação aos elementos identitários de ordem familiar, comunal e religiosa. Através dos relatos obtidos, várias famílias que ajudaram na construção da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, ao chegarem à Curitiba, no início da década de 1950, tiveram como primeira fonte de renda o trabalho de mascate de tecidos, perfumes e flores.

Segundo Michaele (1969), os árabes se mostraram arredios durante a chegada ao Brasil devido ao termo turco, usado genericamente para todos, uma vez que seus passaportes eram expedidos pelo Império Turco Otomano. Até meados do século XX, a imigração árabe proveniente do Oriente Médio³ foi predominantemente cristã, entre eles: maronitas, melquitas, ortodoxos do rito antioquino, siríacos, católicos romanos e protestantes⁴. Apesar de a religião islâmica ser a religião oficial do Estado Otomano, administrado por uma elite turca muçulmana de orientação sunita, a maioria dos libaneses era maronita, enquanto os sírios costumavam ser católicos ortodoxos. Entre 1908 e 1941, 65% dos sírio-libaneses que entraram pelo porto de Santos eram maronitas, melquitas e católicos romanos, 20% eram católicos ortodoxos e 15% muçulmanos⁵. Esse contato com diversas frentes religiosas fez com que os imigrantes recém-chegados não estranhassem a cultura brasileira existente, facilitando sua integração. Esta integração, no campo religioso, não foi

³ “O termo Oriente Médio, usado para definir uma região geográfica, comporta discussões. O termo (do inglês *Middle East*) é evidentemente de cunho eurocentrista e data, justamente, do século XIX, época em que o império britânico controlou os mares e um quarto da Terra.” (DEMANT, 2004, p. 15).

⁴ Os principais ritos professados pelos imigrantes cristãos libaneses são o ortodoxo, o católico-melquita e o maronita. A Igreja Ortodoxa, apesar de não especificamente libanesa e sim oriental, tem importância fundamental para a comunidade cristã sírio-libanesa, da qual grande parte constitui-se de ortodoxos. Em São Paulo, sua Catedral foi erguida no início dos anos 1940 por integrantes desta colônia – o que se repetiu em outras cidades do Brasil como Curitiba, Guaxupé, Bariri, Rio Preto, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Goiânia. As Igrejas Melquita e a Maronita, por outro lado, são especificamente libanesas. A primeira, ligada ao Patriarcado Católico-Melquita de Antioquia, é uma religião católica de rito bizantino, em cuja liturgia são usadas as línguas grega e árabe. Suas principais igrejas foram inauguradas no Rio de Janeiro em 1946 (S. Basílio) e em São Paulo em 1952 (N. Senhora do Paraíso); em 1961, a Sede Episcopal foi transferida do Rio de Janeiro para São Paulo pelo Bispo D. Elias Coueter. Quanto aos maronitas, que compõem os primeiros grupos libaneses que chegaram ao Brasil, tiveram sua primeira sociedade de beneficência criada ainda em 1897 – a Sociedade Maronita de Beneficência, que estabeleceu sua primeira igreja em São Paulo naquele mesmo ano (inicialmente na R. 25 de Março, depois transferida à Rua Tamandaré). No Rio de Janeiro, a Missão Maronita Nossa Senhora do Líbano foi erguida em 1931, submetida ao Patriarcado Maronita de Antioquia. Os grupos cristãos de origem ocidental, como os protestantes presbiterianos e os católico-romanos, integraram-se a igrejas já existentes e freqüentadas por brasileiros, que não se caracterizavam como árabes ou libanesas, e mantiveram apenas nos níveis da família e dos clubes seus espaços de sociabilização. (GATTAZ, 2005, p. 122).

⁵ Estes podiam ser sunitas, xiitas, alauítas ou drusos.

fácil para os muçulmanos que, mesmo não tendo originalmente um local próprio de culto, mantiveram suas tradições.

Além disso, o particularismo religioso dos muçulmanos em sociedades predominantemente católicas coloca desafios distintos daqueles enfrentados pela imigração de origem árabe cristã, em sua maioria composta por maronitas e ortodoxos. (TRUZZI, 2007, p. 364)

O objetivo inicial era uma imigração temporária, que amenizasse as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias que vivam sob o domínio do Império Turco Otomano. Como afirma Holanda (1980), esses imigrantes eram indivíduos inseridos em um contexto familiar, dispostos a acumular capital durante certo tempo e depois voltar ao seio da família e da aldeia de origem. Entretanto, em vez do imigrante retornar à terra natal, em muitos casos, foi o restante da família que veio se juntar a ele no Brasil. Nas décadas de 1940 e 1950, a imigração começou a diminuir devido a medidas restritivas do governo brasileiro, que impôs cotas à imigração⁶ e à independência da Síria e do Líbano.

A preservação da identidade cultural era importante para aqueles que permaneciam ligados à comunidade sírio-libanesa ou mantinham laços com o território de origem.

Deve-se levar em consideração que o conceito de “família” no mundo árabe é um tanto diferente em relação ao conceito ocidental. Sua organização se dá em três níveis, sendo o primeiro deles a família “nuclear” ou “conjugal”, formada pelo casal e seus filhos; no nível seguinte encontra-se um conceito mais abrangente, a família grande, que reúne sob um mesmo teto três gerações, sendo constituída por avós, pais e filhos e considerada por alguns estudiosos da imigração árabe como a mais importante unidade familiar por ter, entre outras atribuições, a de controlar o comportamento e o matrimônio de seus membros. (HAJJAR, 1985)

⁶ “A questão do elemento estrangeiro no Brasil é encontrada em vários outros decretos durante a Era Vargas. A preocupação de se manter uma identidade nacional, bem com a xenofobia crescente, o medo da formação dos chamados “quistos étnicos”, ou seja, comunidades ou colônias de imigrantes que apresentavam “dificuldades” de assimilação era oposta a preocupação dos grandes proprietários de terra, sobretudo de São Paulo, com o medo da falta de mão-de-obra. O Governo deveria conciliar a tensão urbana e ao mesmo tempo incentivar a agro exportação, grande fomentadora da industrialização em desenvolvimento. Tal preocupação acarretou na lei de cotas estabelecida na Constituição de 1934 e reforçada na de 1937, que limitou a entrada do imigrante e sufocou mais as minorias residentes (e preteridas) em território nacional. Mais adiante e ainda no governo Vargas – já durante o Estado Novo - foram fundados também o Departamento Nacional de Imigração (1938), a Delegacia dos Estrangeiros (1941) e a Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteira (1944).” (TEIXEIRA, 2008, p. 4).

No início, o grupo árabe islâmico que residia no Brasil organizou sociedades beneficentes e centros de juventude, e posteriormente, locais de culto. A intenção era promover formas de solidariedade entre os membros e compartilhar suas tradições com as novas gerações.

Para a prática da religião muçulmana⁷ não havia um ambiente propício após a chegada dos primeiros imigrantes. O primeiro motivo era a ausência de uma rede de templos muçulmanos que permitisse a realização das orações conjuntas e festejos religiosos. (NASSER, 2006). A Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo foi criada em 1929 e serviu durante os primeiros anos de sua fundação até 1950, como centro de celebração religiosa em seu salão, quando mais tarde tal responsabilidade passa a ser da Mesquita Brasil, a primeira do país.

O marco institucional da presença da coletividade islâmica em Curitiba foi a criação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, cuja ata de fundação é datada de 28 de julho de 1957. Segundo Nasser (2006),

(...) as festividades religiosas e as orações congregacionais das sextas-feiras realizadas nas residências de um dos membros da colônia. Nos três primeiros anos de funcionamento, enquanto se manteve na Rua do Rosário, a sede da Sociedade era utilizada apenas para reuniões sociais. (NASSER, 2006, p. 111).

Com o crescimento da comunidade foi necessário um local maior para a acomodação de todos. Após três anos, a sede da Sociedade foi transferida para a Rua Kellers, número 473, no Alto São Francisco, que passou a servir para reuniões e encontros dos muçulmanos e seus rituais religiosos.

Os primeiros árabes de fé islâmica que chegaram a Curitiba instalaram-se no centro da cidade, como a Praça Tiradentes, onde já havia intenso comércio. Perseguiam a autonomia de gerir seu próprio negócio, ainda que fosse para realizar o trabalho de mascate. Eles mascateavam pelas zonas rurais, mas fixaram-se,

⁷ “O islamismo é pouco visível no Brasil também porque o interesse acadêmico tem se concentrado em certas tradições religiosas numericamente destacadas. Na verdade, o que acontece com o islamismo é muito similar ao que se passa com o estudo do judaísmo no Brasil. Como assinala Eva Blay, inúmeras hipóteses podem ser aventadas para explicar esta e outras ausências, entre elas uma constante preocupação da intelectualidade local em definir o que seria a identidade brasileira que fez com que se procure enfatizar a homogeneidade cultural em detrimento das diferenças internas e da pluralidade cultural. Não obstante, cabe assinalar que os estudos sobre ‘outras’ tradições tais como o judaísmo e o islamismo, ainda que recentes, podem contribuir em muito para a compreensão da dinâmica identitária religiosa no Brasil e para o estudo da localização específica de religiões de importância fortemente universal.” (MONTENEGRO, 2002, p. 61).

sobretudo na capital, inicialmente em cortiços, moradias populares com cômodos para alugar, onde se aglomeravam famílias inteiras em um espaço reduzido. À frente a loja, aos fundos a casa para a família.

Entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da década de 1920, imigrantes muçulmanos vindos especialmente do Líbano – que à época do Império Otomano não era nação independente, mas conformava, junto à Síria, Jordânia e Palestina a província denominada *Biladi Cham*, ou “Terra de Cham” – começaram a se instalar, de forma tímida, em Curitiba. Estes indivíduos que, como apontamos anteriormente, não constituíram, pela sua pequena quantidade, uma leva de imigrantes, foram importantes na fundação de uma primeira rede de sociabilidade islâmica na cidade, conformando uma estrutura étnica muçulmana que vai permitir a recepção e a inserção dos imigrantes que chegaram vinte ou trinta anos depois (NASSER, 2006, p.35).

Já estava previsto no estatuto da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, em 1957, a abertura de uma escola com o objetivo de manter a tradição islâmica e a língua árabe para os imigrantes que moravam na cidade.

O crescimento da comunidade e o nascimento dos filhos e netos em um ambiente não islâmico despertaram entre os mais velhos o receio de que a cultura árabe muçulmana se perdesse. A escola se constituiria, então, ao lado da família, em mais um espaço de afirmação e preservação da cultura dos antepassados, no qual se daria a transmissão da tradição islâmica ao longo das gerações futuras. (NASSER, 2006, p. 114).

Passaram-se 12 anos entre a fundação da Sociedade até a inauguração da Escola Islâmica do Paraná, em 1969. A adaptação à nova terra e a estruturação da comunidade foram elementos primordiais para o projeto escolar.

Para compreender de que maneira esse projeto tornou-se realidade e entender as origens, manutenção e fechamento desta escola, as principais fontes para esta pesquisa são os documentos escritos e relatos dos professores e dos administradores da própria instituição. O arquivo documental da escola é formado por dezessete livros catalogados, contendo registros de chamadas, atas de reuniões, compras da escola, registro de notas, livro ponto, entre outros. Os registros escolares dos quatro anos de existência da instituição estão contidos nestes livros, alguns com mais informações que outros. Além disso, a planta arquitetônica do edifício da Sociedade datada de 1963 mostrou que no projeto inicial da construção da sede estava assinalado o espaço para uma instituição de ensino.

A importância de se trabalhar com documentos originais é relevante para o historiador, apesar de estarem envolvidos em um cenário social determinado.

Para entender o quadro da imigração árabe muçulmana⁸ em Curitiba e observar as relações com a Sociedade, ajuda à pesquisa a consulta dos Livros de Registro de Naturalização (Arquivo Público do Paraná). Nestes há informações como nome dos imigrantes, região de origem, idade, data de concessão da naturalização e, em alguns registros, o seu endereço à época da naturalização. Também contribuem nas análises as atas das reuniões da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná e o Estatuto da entidade.

Acerca da produção historiográfica que trata da imigração árabe no Brasil, esta se concentra no estado de São Paulo, como as dissertações produzidas na Universidade de São Paulo, por Gattaz (2002), que trata da imigração libanesa para o Brasil; Osman (1998), da imigração árabe em São Paulo e Knowlton (1955), que foi um dos primeiros a estudar com profundidade o problema migratório árabe brasileiro. Além desses, outros trabalhos como os de Safady (1972), Hajjar (1985), Greiber, Maluf e Mattar (1998), Truzzi (2007), também se dedicaram à questão imigratória em São Paulo, além de problematizar questões culturais por eles trazidas. Outro trabalho referente à imigração árabe paranaense é de Ykegaya (2006), que aborda a chegada destes em Foz do Iguaçu. Dois outros trabalhos, que relatam a chegada dos imigrantes no Paraná e, em Curitiba, são: Siqueira (2002) trabalhou com a trajetória dos árabes desde a chegada à capital paranaense e a fundação do Clube Sírio-Libanês do Paraná, importante local de encontro da comunidade, e a dissertação de Nasser (2006), que teve como objeto de pesquisa a chegada dos árabes-muçulmanos no Estado e seus desdobramentos, como a criação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, da mesquita e do cemitério islâmico.

Quando se trata da imigração árabe muçulmana, os pesquisadores deste tema enfrentam a escassez de fontes, talvez por terem como objeto um grupo minoritário.

Posteriormente, a atual presença muçulmana não foi objeto de estudo no campo da análise das religiões do Brasil. Podemos encontrar apenas

⁸ “O termo muçulmano refere-se a um fenômeno sociológico, enquanto islâmico diz respeito especificamente à religião.” (DEMANT, 2004, p. 14).

alguma menção à chegada de contingentes de árabes muçulmanos no contexto de trabalhos sobre imigração árabe. Trata-se apenas de indicações, pois esses mesmos trabalhos assinalam que, nas diferentes ondas de imigração árabe para o Brasil, os grupos de árabes-muçulmanos foram muito minoritários, já que em todas essas etapas houve amplo predomínio de imigração de árabes-cristãos. (OSMAN, 1998, p. 17).

Além dos trabalhos comentados, os jornais circulantes na época e os arquivos da Secretaria de Educação do Paraná (SEED) são de importância a esta pesquisa. Contudo um obstáculo é a ausência de documentação sobre a Escola Islâmica do Paraná na SEED. O único registro encontrado trata da segunda escola islâmica⁹ inaugurada em 2003, sediada no mesmo local da anterior.

Para Le Goff (1992), a revolução documental é a possibilidade de novas produções serem validadas enquanto fontes de pesquisas. Essa afirmação pode englobar a imprensa, uma vez que ela faz parte da construção de um modo de pensar e de perceber a realidade. O uso de jornais pode ser considerado uma ampliação para a pesquisa historiográfica, fazendo parte desta revolução documental. A imprensa idealiza uma sociedade, evidenciando seus modos de observar o mundo e a si mesma. Para Vieira (2007):

A produção da matéria jornalística, apoiada em processos conscientes e/ou inconscientes de seleção do que deve ser considerada notícia, tem a força de tornar coisas visíveis ou invisíveis, de criar efeitos de verdade e de objetividade sobre mitos e/ou de conferir plausibilidade a posições absurdas. (Idem, p.17)

Para isso, arquivos de jornais encontrados na Biblioteca Pública do Paraná durante o período da pesquisa foram analisados. Assim como a ausência de documentos na SEED, não há fontes da imprensa curitibana sobre o tema proposto. O período pesquisado englobou os anos de 1957, com a fundação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, de 1968, que antecede a fundação da escola, de 1969, ano de inauguração da mesma e de 1972, ano de sua extinção. Foram selecionados três jornais do Estado para a pesquisa: Gazeta do Povo, Estado do Paraná e Diário do Paraná. Em nenhum dos três, nessas datas estipuladas, foram

⁹ A Escola Brasileira-Árabe foi criada em 2003, com o objetivo de atender a comunidade árabe, alunos oriundos das comunidades árabe e brasileira, bem como a todas as etnias, com a finalidade de integrar conhecimentos da língua árabe e a cultura islâmica. É proposto um ensino baseado na construção do conhecimento pelo aluno, com disciplinas curriculares obrigatórias (Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências, Geografia, Inglês, Artes e Educação Física), além de optativas (Língua Árabe e Cultura Religiosa). A escola funciona no mesmo local que a Escola Islâmica do Paraná. ESCOLA BRASILEIRA-ÁRABE, 2003.

encontradas informações sobre as realizações do povo árabe na capital paranaense. Essa lacuna documental, tanto nos jornais quanto na SEED pode revelar certo isolamento da comunidade na cidade, pois não há vestígios da sua presença na mídia impressa do Estado e nem na parte educacional, fazendo com que a divulgação da escola ocorresse apenas para o pequeno grupo formado pelos imigrantes. Apesar de estar inserida em um contexto maior, como a cidade de Curitiba, a comunidade árabe não se fazia perceber como parte integrante do funcionamento do município.

Para trazer essa instituição de ensino ao centro da história educacional brasileira, a pesquisa traz conceitos sobre a história das instituições escolares. Como afirma Werle, Britto, Colau (2004),

A história das instituições escolares é uma tentativa de enunciar, de elaborar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado, vinculado, o mais possível, a diferentes momentos ou fases da instituição e a seu contexto. Pode-se talvez imaginar que a intenção seja de alcançar a instituição em si, como se houvesse uma essência institucional a ser descrita. Isso, entretanto, é um equívoco. A história das instituições escolares apresenta-se na forma como a organizamos, como “objetos fenomenais”, isto é, objetos como são vistos pelo sujeito que os descreve, com suas interpretações e em decorrência das suas possibilidades de construção como pesquisador. (Idem, p. 14).

A pretensão desta pesquisa, então, não é somente relatar os acontecimentos e marcos importantes da escola, mas sim interpretá-los. É como tornar presente o que está ausente. (WERLE, 2004). Isso ocorre através da análise dos ritos, das histórias, dos símbolos educacionais que servem como indícios para o relato da escola. Para Magalhães (1999, p. 68), “a instituição educativa constitui, no plano histórico, como no plano pedagógico, uma totalidade em construção e organização, investindo-se de uma identidade.”.

O termo instituição durante a pesquisa terá como significado não somente a escola, mas os espaços que a cercam e sendo, direta ou indiretamente, responsáveis pela sua manutenção. A instituição é uma unidade escolar, com componentes da memória coletiva, mantendo elementos identificáveis referentes à base material e à base de gestão.

Histórias das instituições escolares não é só uma história da base material que evoca o passado, uma história dos prédios ainda conservados. Ao contrário, histórias das instituições educativas também poderá tomar como

objeto escolas que cessaram suas atividades, que não existem mais. Qual o impacto para o pesquisador que se propõe a fazer história das instituições escolares, do fato de as escolas, objeto de estudo, não existirem mais como organismos em funcionamento, terem seus prédios destruídos, ou ocupados com outros usos ou cujas estruturas administrativas foram desarticuladas? No que se diferencia o processo de pesquisa cujo objeto são instituições escolares extintas daquele referido a outras ainda em funcionamento, que continuam reconstruindo-se, revendo, planejando em sua base material e de gestão? (WERLE; BRITTO; COLAU, 2004, p. 21).

O fato de a escola não existir mais, o trabalho de pesquisa torna-se um processo de exploração dos diversos vestígios. São resquícios que ficaram para trás, como um quebra-cabeça, no qual o pesquisador deve juntá-los e contar sua história. A própria estrutura física se modificou, muitos de seus protagonistas se esqueceram do que viveram ou já se foram e grande parte dos documentos não existe mais.

Ao analisar as informações obtidas com a análise das fontes, cabe ao historiador construir um diálogo com elas a fim de responder suas questões e criar um possível caminho de construção da história.

A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado. (...) Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver. (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

Mas o documento, em si, não é um elemento neutro. Ele é resultado de sua época, das forças sociais atuantes então. Com isso, é importante rever o conceito de documento/monumento, formulado por Le Goff (1992). Ele orienta que o documento deve ser observado como uma construção, um agregado de partes que devem ser decifradas para que se tenha uma concepção completa de sua constituição.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-la e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1992, p. 545).

Ao considerar, portanto, que todo documento deve ser analisado como monumento, não haveria nenhum documento, nenhuma fonte que não devesse ser inquirida, indagada pelo historiador. Todos os documentos devem ser analisados em

seus diversos ângulos, fazendo a sua crítica e compreendendo as intenções de suas produções e transmissões.

Para buscar as informações que dão suporte as análises, além de consultar os documentos e registros da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, depoimentos de alunos e funcionários da escola na época foram utilizados.

Com o aumento de pesquisas feitas com base na fonte oral, este tipo de pesquisa passou a constituir um importante instrumento de conhecimento do passado que muitas vezes não é possível fazer através de outros documentos. O passado é resgatado pela memória, pelos lugares de memória e pela identidade de um grupo (BURKE, 1992). A escola, objeto da pesquisa, torna-se um lugar de memória, que constrói e fortalece o vínculo daqueles que por ali passaram e, conseqüentemente, reforça as características coletivas de seus participantes. A memória, com o objetivo de retornar ao passado, daquilo que foi esquecido, auxilia na construção do estudo da História da Educação. São histórias de gente que, como todo mundo, convenientemente apagam da lembrança o que não lhe interessa, construindo uma memória que ao historiador cabe elucidar.

Nora (1993) questiona onde guardar essa memória, e em qual lugar as pessoas irão buscá-la? Para isso são produzidos elementos, como lugares de memória para que se possa identificar um povo, um grupo. A construção desses locais é baseada em um jogo de forças, onde se tenta “inventar” uma tradição.

Apesar de sua importância histórica, a memória tem limitações, como qualquer outra fonte histórica, uma vez que não se trata de uma ação isenta, imparcial ou que esteja imune à ação do tempo. Precisa-se, com isso, buscar a autenticidade das datas, locais e eventos, levando o pesquisador a uma nova etapa, na qual ele verificará os dados obtidos oralmente com as informações contidas nos livros, atas, arquivos e documentos.

A trajetória desta pesquisa mostra elementos referentes à memória e a forma pela qual ela mantém em primeiro plano o ideário cultural e religioso do grupo objeto de estudo. A reflexão acima sobre os diferentes usos da memória torna-se importante uma vez que além das fontes documentais, será utilizada a fonte oral como base da pesquisa.

É preciso lembrar que pesquisas que utilizam fontes orais, geralmente, levam à construção, criação e organização de arquivos de documentos relatados de forma oral e transcritos posteriormente (LOZANO, 2002). Elaborou-se dois roteiros

de questionamentos, para todas as entrevistas, sendo disponibilizados no Apêndice. Um questionário para os ex-alunos da escola e outro para as professoras e funcionários da instituição. Entretanto, eles não impedem que os entrevistados falem, comentem, ou mesmo, conversem sobre outros assuntos, não pré-estabelecidos. Para cada entrevistado foi feito um Termo de Cessão, constando nome completo de cada um, tempo de entrevista e autorização de divulgação e publicação do que foi respondido. A escolha dos entrevistados ocorreu por contato telefônico (através da busca pelo nome e sobrenome em listas telefônicas da cidade e indicações dos próprios convidados) ou via correio eletrônico, sendo que alguns não responderam.

Além de documentos escritos, houve a busca por fotografias da escola mostrando alunos e professores durante o ano letivo. A fotografia é sempre um referencial do passado. Acaba confundindo-se com a memória de um determinado grupo ou instituição (KOSSOY, 1998). A fotografia torna-se um possível filtro entre o passado e o presente, onde o espectador é uma testemunha. Entre a imagem e a realidade existem as mediações ou interpretações. A cada olhar, cria-se um novo problema e novas questões vão sendo levantadas. Não é apenas uma restituição da realidade, mas uma reconstrução (LISSOVSKY, 2001). A escassez de imagens, assim como ocorreu com outras fontes possíveis para o trabalho, fez com que a memória fosse mais explorada durante a pesquisa. Somente fotografias após o fechamento da escola foram encontradas, mostrando alunos que lá estudaram. Essas imagens são mostradas no trabalho devido a seus protagonistas terem participado da história dessa instituição de ensino.

A fotografia mostra algo material, um espaço físico, pessoas, objetos. Além disso, revela um passado, uma visão de mundo que mereceu ser guardado para o futuro. Cabe ao pesquisador, traduzir o seu contexto e as suas diversas mensagens possíveis de transmissão.

Todos sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que, identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente com base em metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstrução histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário, assim como do mais recente. (KOSSOY, 1998, p. 42).

Um conceito importante, no que se confere à historiografia e que se utilizará no decorrer desta dissertação, é o de Cultura Escolar. Diversos pesquisadores trabalham com esse conceito como Forquin (1993), Faria Filho (2007), Viñao (2000), com variações em relação às suas ênfases. Dentro das instituições escolares, é viável verificar esse conceito, pois é através das práticas e normas que valores, comportamentos e conhecimentos são transmitidos e se impõem. Para Viñao, Cultura Escolar é:

Um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas – formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos – sedimentados ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras do jogo não postas no entredito e em juntar estas instituições para interagir e realizar em todas elas na sala de aula, as tarefas diárias que se espera de cada um, de modo a satisfazer as exigências e restrições que implicam ou envolvem tais tarefas. Seus traços característicos seriam a continuidade e persistência no tempo, a sua institucionalização e relativa autonomia que lhe permite gerar produtos específicos - por exemplo, o programa de disciplinas escolares - que formam a cultura independente como tal. (Idem, 2000, p. 2).

Cada colégio, instituição de ensino, apresenta características distintas, suas particularidades. No rumo contrário ao das generalidades, deve-se acompanhar a escola em suas relações com os moradores e o desenrolar dos acontecimentos. A narração do passado torna possível criar um laço com o que já ocorreu e o presente.

A narração do passado, se for boa, isto é, não só “verdadeira” (quanto aos factos contados) mas feita com um mínimo de profundidade, é inseparável da simpatia do historiador pelo “vivido” do período a que se referem os acontecimentos por ele narrados, a maneira como os homens dessa época apreenderam e atravessaram o que constitui a matéria da sua narração. Ora, esta simpatia, que desapareceu, é da ordem do afectivo ou do ideológico, ou de ambos. Esta substitui-se à questão explicitamente formulada para construir o laço entre o passado e o presente: alimenta-se este espaço vazio que a profissão de historiador, neste caso, consiste em preencher. (FURET, s.d., p.26).

Essa ligação com o passado é preenchida com as fontes e, principalmente, com os relatos dos que participaram da escola.

Para organizar a dissertação, ela foi dividida do seguinte modo: o primeiro capítulo discute a imigração árabe no Brasil e no Paraná, com destaque para a imigração árabe muçulmana, ressaltando a relação entre a vinda destes imigrantes e a fundação da escola e a formação da comunidade, com seu modo de fazer comércio e sobreviver. Além disso, experiências escolares islâmicas anteriores em

outros Estados e sua ação social e educacional também contribuíram para a experiência paranaense.

O segundo capítulo explica a história da escola fundada pela comunidade árabe curitibana e o modo pelo qual essa comunidade entendia sua instituição de ensino. A escola mantinha suas particularidades como as disciplinas de Cultura Religiosa e Língua Árabe. Apesar de formada por uma maioria de alunos muçulmanos, a instituição de ensino seguia o calendário escolar vigente com as festividades religiosas católicas. Os feriados católicos nacionais eram respeitados, por mais que não fossem celebrados. A arquitetura da escola, o currículo escolar e os agentes da instituição como professores, alunos e funcionários que fizeram parte do processo educacional, foram temas abordados como forma de construção da instituição de ensino.

O terceiro capítulo procura discutir a manifestação de uma cultura escolar com particularidades da cultura islâmica. Para tanto, serão foco de análise as festividades, os rituais escolares específicos da instituição. Seus diferenciais, apesar de estar inserida em uma sociedade cristã, apresentando de que maneira ocorreu a manutenção de determinados valores da comunidade árabe-muçulmana. Buscam-se as peculiaridades da escola através das fontes orais.

Ao final, encontram-se tabelas com os anos letivos da escola, com os nomes dos alunos e respectivas séries.

1 ÁRABES NO BRASIL: UM RETRATO DE MASCATES E FÉ

De árabe e turco muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho, de intimidade. De turco ele não gostava que o chamassem, repelia irritado o apodo, por vezes chegava a se aborrecer:

- Turco é a mãe!

- Mas, Nacib...

- Tudo que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graças a Deus.

- Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa.

- A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer história e geografia.

- Ora, Nacib, não se zangue. Não foi para lhe ofender. É que essas coisas das estranjas pra gente é tudo igual... (AMADO, 1975, p. 43).

Na segunda metade do século XIX, sírios e libaneses imigraram para territórios da África, América, Europa, Austrália, Ásia Ocidental e Ilhas do Pacífico. A fronteira aberta e os grandes espaços vazios a serem ocupados desde os descobrimentos da civilização ocidental atraíram os movimentos transoceânicos de populações europeias. A partir da segunda metade do século XIX, a vinda de imigrantes para o Brasil se apresentou baseada em dois propósitos: preencher amplas áreas desocupadas no sul do país (com condições climáticas favoráveis e possibilidade de instalação de pequenas propriedades) e criar oportunidades de sucesso em áreas novas, conseguindo com isso mão-de-obra barata, frente às dificuldades encontradas nos países de origem.¹⁰

A imigração reforça a ideia de se constituir como um fator civilizatório. No caso dos sírios e libaneses, a imigração ocorreu de forma espontânea, sem contar com a organização governamental (JORGE, 19[--]).

A imigração dos árabes para o Brasil apresenta suas próprias características, pois não foi dirigida ou controlada por governos ou instituições, por não encontrarem, seus países de origem, em fase de amadurecimento político, ou mesmo em condições para tal. Portanto, a emigração árabe baseou-se no espírito de aventura. (SILVA, 1986, p. 77).

Particularmente contribuíram para essa imigração, as visitas que o imperador do Brasil, D. Pedro II realizou no Oriente Médio, nos anos de 1871, 1876 e 1879. As viagens do imperador tanto à Europa como para a região do Oriente Médio serviriam como “uma estratégia para estimular a mão-de-obra para o Brasil, já

¹⁰ O Oriente Médio passava por um período de fome e de epidemias e de aumento populacional.

que o trabalho escravo estava em vias de abolição” (SIQUEIRA, 2002, p. 25). D. Pedro II demonstrou grande interesse pela história, cultura e idioma árabe, visitando a Síria, o Líbano, a Palestina e o Egito. Essa visita e o conhecimento do imperador sobre o que acontecia no Oriente Médio “estimularam a imigração espontânea daqueles povos ao Brasil” (HAJJAR, 1985, p. 28).

O fascínio brasileiro, nesta época, representava a esperança que a América suscitava e o Brasil, em particular sendo este quase a síntese árabe na Andaluzia, agora miscigenado com a América. Imigrar ao Brasil, inconscientemente, seria como ir ao encontro à feliz etapa árabe na Andaluzia, onde se sabia a possibilidade de aqui poder criar, viver, florescer em liberdade e sem opressão, dando pleno ímpeto ao seu desenvolvimento. (HAJJAR, 1985, p. 32).

Esse fascínio foi o responsável pela vinda das primeiras famílias árabes que, ao instalar-se, recebiam os viajantes seguintes com a esperança de uma nova vida. Após a visita do imperador a

(...) emigração direta em direção ao Brasil aumentou consideravelmente; no entanto o fluxo maior ocorreu a partir de 1880, e os pioneiros da imigração árabe no Brasil destacam-se por terem entre eles, além de camponeses, uma elite política e cultural, pois a emigração tinha por objetivo procurar uma vida melhor em seu país de origem. Portanto, inicialmente eram as emigrações provisórias, para assim se organizarem e divulgarem a causa árabe no exterior e um dia voltarem vitoriosos para sua terra. (KHATLAB, 1999, p. 36).

No período de 1890 a 1929, mais de um terço dos imigrantes que deram entrada no Brasil eram italianos. Depois, vêm os portugueses e os espanhóis, seguidos pelos alemães, austríacos, japoneses, russos, sírio-libaneses e outras nacionalidades. Os sírio-libaneses somavam 73.690 pessoas. Eles se fixaram nas fazendas de café ou nas cidades, contribuindo para a urbanização dos estados e para o desenvolvimento da industrialização que se iniciou praticamente no momento em que chegam as primeiras grandes levas de imigrantes (PETRONE, 1978).

No começo, os imigrantes vindos do Oriente Médio eram classificados como turcos. Mais tarde, em 1892, os sírios passaram a ser inscritos separadamente (SIQUEIRA, 2004). Os sírios e libaneses que imigraram eram portadores de um passaporte fornecido pelas autoridades turcas. A Turquia conferia a permissão oficial para aqueles viajarem, sendo que qualquer imigrante oriundo da região

oriental fosse ele egípcio, persa ou palestino¹¹, era chamado de turco (JORGE, 19[--]). "A imigração árabe a rigor engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes no Brasil" (FARAH, 2009).

No período de 1908 a 1936, ingressaram pelo porto de Santos, segundo os dados do Memorial do Imigrante de São Paulo:

TABELA 1 – MOVIMENTO DE IMIGRANTES NO BRASIL (1908 – 1936)

NACIONALIDADE	ENTRADA	SAÍDA	FAMÍLIA	AVULSO ¹²	CASADO	SOLTEIRO	VIÚVO
Turco	26321	12364	3054	16543	8587	17452	282
Sírio	17275	7587	2583	8390	6423	10483	369

FONTE: Disponível em <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historico/index.htm>. Acesso em: 10 abr. 2009.

Chegados ao Brasil, principalmente nos portos da Bahia e de Santos, encontraram um ambiente propício para se desenvolver econômica e socialmente, pois o país atravessava a sua primeira fase de urbanização e industrialização, iniciada na segunda metade do século XIX. Primeiramente, iniciavam a nova vida como mascates, depois, voltando-se para o comércio varejista, devido a uma maior demanda.

O próprio sucesso dos pioneiros estimulou o subsequente processo migratório, pois aqueles que conseguiam se estabelecer chamavam seus parentes e amigos para que também viessem tentar a sorte no Brasil, formando uma corrente que se estendeu dos anos 1880 até o presente, com breves períodos de interrupção, especialmente durante as guerras mundiais. (GATTAZ, 2002).

À medida que o imigrante ganhava dinheiro, mandava buscar os pais e irmãos. Depois da chegada destes, o pequeno grupo trabalhava para mandar vir os membros da família que desejassem reunir-se a eles, e com o tempo, outros parentes do grupo de parentela eram trazidos. (HAJJAR, 1985, p. 44).

¹¹ Embora vindos de países ou de regiões distintas como o Líbano, Síria, Turquia, Iraque, Egito ou Palestina, a união comum entre esses povos acontecia através da língua ou dos dialetos derivados do árabe. Dessa forma, não se pode falar de uma imigração de um país localizado para o Brasil, como no caso de portugueses ou italianos, mas sim em povos com diferentes organizações políticas e um fundamento comum na língua e práticas culturais. (MOTT, 2005, p. 181).

¹² Para "avulsos", entende-se os adultos solteiros ou casados desacompanhados de suas respectivas famílias.

A maioria fugia das dificuldades econômicas no Oriente Médio, além disso, havia a intolerância do cidadão árabe em servir ao exército otomano, as guerras sucessivas e suas consequências. Na Argentina e em outros países eles se tornaram agricultores, lojistas ou mercadores. Na Guiana Britânica, em Trinidad e em algumas ilhas das Antilhas, muçulmanos serviram como mão-de-obra após a abolição da escravidão.

A data de 1871 é consensual nas estatísticas oficiais para a entrada dos primeiros sírios e libaneses no país, inicialmente no Rio de Janeiro, além de Santos e Bahia. Já a tradição oral afirma que eles entraram no Brasil em data anterior, uma vez que saíram do Líbano para a Espanha e Portugal, inicialmente, e de lá para o Brasil, já nas primeiras expedições colonizadoras (KNOWLTON, 1955).

Hajjar (1985) divide a imigração árabe no Brasil em duas etapas principais. A primeira etapa teve início em 1860/1870 e terminou em 1938, com o início da Segunda Guerra Mundial, sendo considerada a imigração pioneira ou espontânea, já que condições adversas os levaram a procurar outras terras, mais seguras para as suas famílias e prósperas economicamente. Os navios que partiam da Europa traziam, além dos árabes, italianos, espanhóis e outros grupos. Esses imigrantes instalaram-se nas ruas da Alfândega e do Ouvidor, quando habitaram a cidade do Rio de Janeiro.

Houve uma profissão à qual eles se entregaram e sob o nome da qual são conhecidos no mundo árabe: procuravam um comerciante ou fabricante de bugigangas que lhes dava uma caixa com pentes, vidros de perfume, etc., e iam vender nos arredores das cidades. Foram chamados de "Ahal Kacha" (povo da caixa), a palavra brasileira entrou, aliás, no vocabulário árabe comum. (HAJJAR, 1985, p. 89).

Após desembarcarem no Rio de Janeiro, ou no porto de Santos, os imigrantes convergiam para o norte, o planalto central e o sul. No final dessa fase, o imigrante que começara como mascate, consegue mais tarde abrir sua própria loja.

A segunda etapa teve início em 1945 e continua até os dias de hoje. Já há a presença de consulados, embaixadas e centros culturais, ligando esses imigrantes à nova terra. Esses fatos surgiram como ferramentas para instalar de maneira

definitiva os imigrantes na nova terra, com o ensino da língua, marcante na formação da identidade. Algumas décadas antes, esse ensino era proibido.

Inúmeras tentativas se fizeram para a preservação do ensino da língua árabe no Brasil. Muitas das primeiras escolas da coletividade usavam o árabe como língua de instrução. Por volta de 1937, com as leis do governo Vargas que proibiam o uso da língua estrangeira nos estabelecimentos de ensino e imprensa, acabam por desativar-se aquelas escolas que vinham sobrevivendo após 1925. Portanto, o apogeu do ensino da língua árabe no Brasil ocorre por volta de 1918/1924, quando os imigrantes, após o término da Primeira Guerra Mundial, vinham alimentando sonhos de retorno feliz à terra de origem, agora em liberdade. (HAJJAR, 1985, p. 63).

Ocorria, portanto, a ideia de um possível retorno à terra de origem. Pode-se questionar se essa volta realmente aconteceu ou se os imigrantes conseguiram adaptar-se a outra realidade.

Aqueles imigrados chegados no início do século XX procuraram manter e preservar sua língua e sua cultura. “Para tanto, fez-se necessária a implantação de cursos e mesmo escolas em diferentes níveis” (HAJJAR, 1985, p. 62). Além disso, houve resistência de se aprender o português, trazendo a ideia de um maior afastamento de suas tradições. Os líderes religiosos tiveram papel fundamental no ensino e na perpetuação da língua árabe, servindo como uma ligação com a terra de origem. Os sheiks, ou chefes espirituais, tem a incumbência de dirigir as atividades da religião, combater as diferenças na comunidade, realizar casamentos e manter os fieis seguindo a fé. Podem se casar, constituir família, tornando-se um importante elemento religioso de manutenção dos valores da religião.

1.1 OS MUÇULMANOS NO BRASIL

A história da imigração muçulmana para o Brasil confunde-se com a história da colonização do país. Os primeiros imigrantes de fé islâmica a aportar em terras brasileiras chegaram aos porões dos navios negreiros que traziam escravos africanos para trabalhar a terra. (NASSER, 2006).

A entrada mais significativa deste contingente de escravos, porém, ocorreu a partir do século XIX, com a criação do Califado¹³ de Socoto na região do Sudão Central, em 1804. Constituindo-se desde cedo em potência na região central da África, o Califado teve como base da economia o escravismo e favoreceu o estabelecimento de novas rotas de comércio escravista, tornando-se importante fornecedor de escravos para o Brasil, particularmente para a praça mercantil de Salvador (LOVEJOY, 2003). Alguns escravos mais instruídos memorizaram o Alcorão e conseguiram manter a religião no Brasil.

Com o início do comércio de escravos da África¹⁴ para a Europa em 1442 e em 1517 para a América, eles vinham em sua maioria já islamizados. A língua árabe era a segunda língua. Como afirma Hajjar (1985):

Apesar da tentativa de despersonalização, o negro escravo conseguiu se organizar por diversas vezes e o Islamismo foi um fator de aglutinação e resistência, que viria futuramente a criar a mítica do negro altivo, insolente, insubordinado e revoltoso. (HAJJAR, 1985, p. 24).

Para os imigrantes muçulmanos, a religião era tão importante quanto a identidade nacional. Os chefes religiosos muitas vezes têm funções seculares e são os responsáveis em manter a comunidade unida. A instituição religiosa teve um papel central na vida do imigrante, já que mantinha a ligação com a pátria, sendo um refúgio dos problemas da vida no Brasil. Na celebração dos cultos, a comunidade se reunia para conversar e trocar experiências.

Um manuscrito traduzido para a língua portuguesa por Farah (2008) traz a história de um imã que embarcou no Rio de Janeiro em 1866. Este texto, guardado na Biblioteca de Istambul, mostra a chegada do súdito do Império Otomano, Al-Baghdádi, e como foi sua permanência de três anos nos trópicos. O relato é uma rica fonte de estudos sobre os muçulmanos do Brasil e uma tentativa de promover uma mediação entre o Islã e a realidade cultural do país. O imã se surpreendeu com a comunidade islâmica organizada no Império.

¹³Califado era o nome dado a império. O califa não era um profeta e sim líder da comunidade. Não poderia ser mensageiro de Deus, mas mantinha uma aura de santidade e uma autoridade religiosa.

¹⁴ Para Lima (2004), “é com o advento do Islamismo, que de fato os árabes começaram a se estabelecer no continente africano, um processo iniciado, a partir de 639 d.C. Os árabes chegam ao Egito e inicia a sua obra de “conversão”. Entre avanços e recuos, num confronto por vezes violento com a religião tradicional, o Islã vai se impondo, e intercambiando com essa religião aspectos fundamentais”. (p. 1).

Ao descer do porto, Al-Baghdádi, que era um respeitável erudito, versado em teologia e em diversos idiomas, surpreendeu-se ao ser saudado com o cumprimento tradicional islâmico, *as-salámu 'alaykum* (“Que a paz esteja contigo!”). Aos poucos, foi descobrindo que havia no Império do Brasil uma população muçulmana bastante organizada – a *umma*, como é denominada a comunidade islâmica -, na verdade, a maior da América Latina. [...] Dessa experiência em terras brasileiras restou um documento valiosíssimo – o único registro conhecido de um olhar árabe muçulmano sobre o Brasil do século XIX. (FARAH, 2008, p.28).

Com a presença de Al-Baghdádi no Brasil, delegações muçulmanas da Bahia e do Pernambuco visitaram a então capital do Império para conhecer o imã e convidá-lo para ministrar aulas sobre as fontes e as doutrinas do Islã. “Como professorar o Islamismo era proibido, ele reunia seus discípulos num local clandestino, a cerca de 20 quilômetros do centro da cidade. Em Salvador e no Recife, também lecionou em locais secretos.” (FARAH, 2008, p. 30).

Mesmo proibido de propagar a fé islâmica, o imã encontrou em uma livraria do Rio de Janeiro um Alcorão para vender, sendo impresso na França. Para garantir o sucesso da difusão religiosa, encomendou vários exemplares do livro sagrado ao livreiro. Segundo o manuscrito, os muçulmanos tinham medo de serem identificados e praticavam a sua religião secretamente.

O manuscrito e a análise minuciosa que o acompanha contribuem para o estudo da História do Brasil de diversas formas. Em primeiro lugar, evidenciam a importância dos atores africanos, indígenas e árabes, entre outros, para a formação da identidade brasileira, uma identidade múltipla que muitas vezes é caracterizada apenas sob a perspectiva eurocêntrica. [...] (FARAH, 2008, p.32).

No início, as comunidades se situaram isoladas umas das outras, sem possuírem um local para o culto. Esse fato, segundo Gattaz (2005), poderia levar a duas situações: persistir na religião ou abandoná-la.

Outro aspecto importante a se considerar sobre a vida islâmica no Brasil é a questão da família, pois é em seu âmbito que se dá a verdadeira direção à fé do muçulmano no Brasil. Também aqui se podem apontar dois opostos – o abandono quase total da religião islâmica em prol da católica, e a manutenção fervorosa dos hábitos muçulmanos. O primeiro caso ocorreu, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, quando os imigrantes muçulmanos não tinham onde professar sua fé e preferiram criar seus filhos na religião católica para que estes não perdessem a espiritualidade. (GATTAZ, 2005, p.138)

Em 10 de janeiro de 1924, é fundada a primeira Sociedade Beneficente Muçulmana em São Paulo, surgindo a ideia da construção de uma mesquita. A criação da Sociedade mostra uma possível união dos imigrantes.

Em 1940, o número de muçulmanos recenseados era de mais ou menos 3053 em todo o Brasil. [...] Com o reinício da imigração árabe, esse número aumentou consideravelmente, chegando a se constituir num grupo de imigrantes concentrados, localizando-se, a maioria, nas zonas periféricas das cidades. (HAJJAR, 1985, p. 81).

Essas sociedades beneficentes, segundo Truzzi (2008-b), têm suas sedes normalmente construídas em áreas anexas às mesquitas. Esse fato ocorre na cidade de Curitiba. As sociedades servem para o encontro das famílias, para realização de atividades sociais, culturais e de apoio à comunidade. A origem religiosa dos imigrantes foi a responsável na estruturação da rede de associações comerciais, religiosas, culturais e beneficentes. A religião serviu, portanto, como o elo necessário para continuação das tradições.

Os conceitos ocidentais restringem a religião dentro de limites estreitos que não se estendem além do culto, ritual e as crenças espirituais, que governam o homem no seu comportamento, enquanto indivíduo independente da sociedade. O Islã não admite essa visão estreita de religião, mas se opõe a ela e à finalidade a que serve, ao máximo. Muitas pessoas ainda acreditam que o Islã é semelhante ao Cristianismo ou Budismo, e consiste em crenças e exercícios devocionais, às normas éticas e nada mais. Mas, de fato, o Islã, em seu sentido preciso, é uma ordem social, uma filosofia de vida, um sistema de princípios econômicos, uma regra de governo, além do seu credo religioso em sentido estrito ocidental. (AL-BAZZAZ, 1954, p. 203).

Com isso, entende-se o Islã como um conjunto de regras e condutas que permeiam a vida do fiel tanto no sentido religioso quanto em sua vida em sociedade.

1.2 CHEGADA DOS MUÇULMANOS NA TERRA DAS ARAUCÁRIAS

As características das populações que se dirigiram ao sul do Brasil eram heterogêneas. Os muçulmanos vinham de diferentes locais, com profissões características do meio rural ou vinculado ao meio urbano.

Não existem estatísticas fidedignas – a Argentina, maior concentração fora do Brasil, contaria com setecentos mil muçulmanos. Mas há também grupos menores no Peru, Venezuela e até no Panamá. A origem das comunidades muçulmanas lembra a norte-americana: por um lado, uma certa porção dos escravos importados da África eram muçulmanos; por outro, muçulmanos constituíam parte dos imigrantes do mundo árabe – o Líbano e a Síria em particular – que desde a metade do século XIX se estabeleceram aqui, erroneamente conhecidos como turcos. (DEMANT, 2004, p. 187).

Como afirma Lamb (1999), a província do Paraná no século XIX, “manteve em destaque os empreendimentos de incentivo à imigração de trabalhadores europeus” (1999, p. 01). Mas, o Paraná também foi território escolhido pelos imigrantes sírios e libaneses. Balhana, Machado, Westphalen (1969) afirmam que os imigrantes sírios e libaneses chegaram ao estado a partir de 1890. No entanto, a chegada de um maior número de sírios e libaneses aconteceu no início do século XX com o desenvolvimento da economia cafeeira. A atuação dos imigrantes ocorreu nas fímbrias do sistema econômico, realizando comércio a miúdo. Por terem origem urbana, o sucesso deles foi no estabelecimento em cidades, participando de atividades comerciais ou industriais.

Essa chegada de imigrantes ocorreu tanto por um processo de migração interna, com contingentes vindos de outros estados como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso entre outros, como externa. Entre os anos de 1872 a 1921 não foram registrados processos de naturalização, mas para o período compreendido entre 1922 a 1940, foram realizadas quinze naturalizações de sírios e quatro de libaneses. De acordo com dados do IBGE, em 1940 havia 1.516 sírio-libaneses no Paraná, sendo 961 homens e 555 mulheres. (SIQUEIRA, 2004).

O impacto do momento da chegada e os primeiros olhares sobre o país e a cidade, evidenciaram a importância da existência de uma rede prévia de indivíduos pertencente ao mesmo grupo, construindo suas primeiras sociabilidades.

Meu pai foi para o norte do Paraná, pois já tinha dois irmãos mais velhos que vieram antes dele. Veio para o norte do Paraná para mascatear. Depois, conseguiram abrir uma loja, ficaram sócios, ficaram bem de vida. Eles tinham uma máquina para torrar café. Depois, vieram para Curitiba. Casaram, abriram a primeira loja no centro. Na Rua Monsenhor Celso. Sempre foram muçulmanos e faziam a prática da religião em casa, porque não existia a mesquita. Minha mãe era católica. Ela se converteu ao Islamismo para poder casar. Ela se dava bem com todos. A gente participava das festas na Sociedade. A colônia sempre foi unida. (ZAHRA, 2010).

Nesse relato, é possível perceber a importância do trabalho como mascate e da prática da religião. Mesmo sem um local próprio para isso, ela não foi abandonada.

Como já foi dito, o primeiro marco institucional da presença da coletividade islâmica em Curitiba foi a criação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, cuja ata de fundação é datada de 28 de julho de 1957. Ela tinha como fim:

- a) Unir os muçulmanos brasileiros e seus descendentes ajudando os necessitados, previamente julgados pela comissão nomeada pela Diretoria, da conveniência desse auxílio ou não;
- b) Fundar e administrar uma escola que ensine árabe e português, inclusive religião muçulmana;
- c) Construir uma Mesquita em Curitiba, e mantê-la;
- d) Adquirir terreno num dos cemitérios da Capital, para os muçulmanos e seus descendentes;
- e) Estabelecer pelo convívio social, fraternal aproximação entre os sócios; e adaptar ao ambiente, especialmente, àqueles oriundos dos países árabes e muçulmanos, como nações amigas que são;
- f) Estabelecer relações de sociabilidade e cooperação, bem como correspondência com sociedades congêneres do país e exterior;
- g) Proporcionar aos seus sócios e familiares destes, diversões sociais e desportivas, bem como reuniões de carácter cultural, artístico e literário;
- h) Criar e manter uma biblioteca científica e literária notadamente de assuntos árabes e brasileiros;
- i) Promover ou patrocinar exposições de arte ou concertos musicais ou outras iniciativas que correspondem com seus fins culturais, recreativos e beneficentes;
- j) Promover ou participar de solenidades de carácter cívico e patriótico por ocasião das datas festivas do país e acontecimentos dignos de serem festejados. (ATA DE ASSEMBLEIAS, 1957).

Esses objetivos refletem a importância dada pela boa convivência entre os muçulmanos entre si e com a sociedade em geral. Percebe-se que a Sociedade não quis fechar-se em sua comunidade, mas sim interagir com a sociedade, comprovado pelo fato de respeitar as datas cívicas da nova terra. Além da união dos imigrantes muçulmanos, no documento, já chamados de brasileiros, aparece também a fundação de uma escola com três conteúdos principais: línguas árabe e português e religião.

Situada numa sala na sobreloja do imóvel localizado à Rua do Rosário, número 14, no centro da cidade, foi o primeiro espaço oficial da comunidade. (NASSER, 2006). O espaço era provisório, sendo a residência de um imigrante, como já fora citado anteriormente. A ideia era a de arrecadar dinheiro da comunidade para que um local definitivo fosse construído. Como afirma a Ata da

Assembleia Geral para a organização e fundação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná:

A Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, foi fundada em 28 de julho de 1957 – 1º muharram – 1377 Hégira, é uma sociedade civil-religiosa de duração indeterminada. A Sociedade acima mencionada está sediada em carácter provisório à Rua do Rosário, 14 nesta Capital, até que se possa instalar com séde de sua propriedade ou noutra séde provisória que consulte seus interesses, num e noutro caso, comunicando-se o fato aos seus componentes. (Idem, 1957).

As modificações que ocorreram nos valores e práticas dos imigrantes árabes muçulmanos de Curitiba implicam não apenas situar o quadro político e econômico que estabeleceu as bases deste movimento imigratório, mas, também, verificar quais foram as estratégias adotadas por eles durante o seu processo de inserção social.

As gerações de árabes muçulmanos que chegaram à capital a partir de 1970 encontraram, portanto, uma cidade de feição marcadamente urbana e industrial, com amplo setor de serviços e comércio bem estabelecido, atividade a qual elas se dedicaram preferencialmente. A região central foi o local de instalação dos imigrantes árabes muçulmanos. No centro da cidade, havia comércio árabe, sendo que as famílias moravam nos fundos das lojas. A concentração populacional nestas regiões as tornava importantes mercados consumidores, favorecendo investimentos na atividade comercial, à qual vão se dedicar. (NASSER, 2006). Os bairros mais centrais, localizados em torno do Centro Histórico, caracterizavam-se como um espaço em torno do qual continuaria a gravitar a vida política, burocrática e cultural da cidade.

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 o Centro da cidade era reconhecido especialmente por sua função comercial, notadamente a região habitada pelos imigrantes árabes muçulmanos ou eleita por eles para instalar suas lojas e que consistia no quadrilátero formado pelas ruas Cruz Machado e Marechal Deodoro, de um lado, Barão do Rio Branco e Ébano Pereira, de outro. Dentro desta região, merece destaque a presença árabe muçulmana no entorno das praças Tiradentes e Generoso Marques, esta última caracterizada pelos seus moradores – até hoje em dia – como “Turquia”. (BLEY, 1999, p. 229).

Foi nos limites dessa região que instalaram, inicialmente, o local onde praticavam as orações e que abrigou a primeira sede da Sociedade Beneficente

Muçulmana do Paraná. A religião islâmica serviu como base para a construção do espaço na cidade. O Islã engloba diversos aspectos da vida do seu seguidor, não podendo ficar restrito apenas à questão religiosa. Ele contempla a vida do indivíduo e da sociedade por completo. Como afirma um dos membros da diretoria da Sociedade na época, responsável pela sua fundação;

Era uma média de 30 membros da comunidade que se reuniam, na Rua do Rosário para fazer as orações. Criamos a Sociedade, cada um pagava um pouco para ela funcionar. Buscamos ajuda dos patrícios de fora, como em São Paulo, Ponta Grossa, Paranaguá. Ajuda vinha também de fora, do Oriente Médio. (CHARCHIECH, 2010 – a).

Os presidentes escolhidos para comandar a Sociedade participaram desse processo de mudança, adaptação e fortalecimento da comunidade em Curitiba. Entre os anos de 1991 e 1993 não houve presidente, o comando da Sociedade ficou nas mãos de um grupo de pessoas.

Não houve uma liderança para chamar para as eleições. O primeiro presidente estava bem doente. Tinham grupos interessados, mas não deixaram sucessores. Ficou um grupo de pessoas no comando, não havendo uma unanimidade entre todos para decidir aquele que iria governar. (ISKANDAR, 2011).

O primeiro presidente ficou por 23 anos no cargo, presenciando a abertura e o fechamento da escola, como é observado na tabela abaixo.

TABELA 2 – PRESIDENTES DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ (1957 - 2010)

NOME	GESTÃO
Hussein Omairiy	1957 – 1980
Ali Feres Messmar	1981 – 1985
Saad Hamdar	1986 – 1990
Kemel Mansur	1994 - 1998
Jamil Ibrahim Iskandar	1998 - 2010

FONTE: Atas de Assembleias da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

Participando desde o início da Sociedade, Hussein Omairiy tornou-se um símbolo dentro da comunidade.

Ele era bem carismático, tinha dinheiro, era uma liderança natural. Ele agregava muitas pessoas ao seu redor. Ele estava antes da criação da Sociedade, era um símbolo. Participou de sua criação. Tirava dinheiro do bolso para pagar as coisas. Então, não havia necessidade de escolher outro. (ISKANDAR, 2011).

Na Ata de Fundação da Sociedade, foi publicada uma lista de atributos que a diretoria e seus membros devem seguir como organizar serviços, garantir os direitos dos associados, convocar assembléias e fazer cumprir o estatuto.

A precariedade das instalações levou a mobilização da comunidade, para coleta de recursos em Curitiba e comunidades muçulmanas de outras regiões, como Paranaguá e Ponta Grossa. A inauguração da nova sede da Sociedade aconteceu em 1964 e passou a se situar na Rua Kellers, número 473, no Alto do São Francisco. No local havia uma casa de madeira, onde foi instalada a secretaria da Sociedade e começaram a ser oficializados os ritos religiosos. Mais tarde, em 1972 a mesquita foi inaugurada, em outro endereço, porém próximo, Rua Kellers 383.

No âmbito das sociedades beneficentes, cujas sedes são normalmente construídas em áreas anexas às mesquitas, ocorre um conjunto expressivo de atividades sociais, culturais e de apoio à comunidade. Elkholy refere-se à importância das mesquitas para as comunidades muçulmanas americanas nos seguintes termos: A instituição da mesquita desempenha um papel crucial à vida de toda a comunidade, já que nela as funções psicológicas vitais da religião integram a personalidade do indivíduo à da sociedade em seu entorno. No Brasil, ali é o lugar no qual a comunidade se reconhece, onde as informações circulam, as pessoas se encontram, as relações são revigoradas, os matrimônios tecidos, as visitas de autoridades recebidas, as comemorações celebradas, os negócios discutidos etc. O almoço de sexta-feira, que ocorre após os serviços na mesquita, é, semanalmente, o momento mais importante de reunião social da comunidade. (TRUZZI, 2008 b).

É possível transportar essa informação para os muçulmanos de Curitiba, pois esses encontros são presenciáveis até os dias de hoje.

No Arquivo Público do Estado do Paraná, estão informações relativas aos registros de concessão de naturalidade brasileira aos imigrantes de origem árabe muçulmana. Para definir as regiões originárias desses imigrantes e suas possíveis crenças religiosas, utilizaram-se os critérios descritos por Nasser (2006).

Para identificá-los, utilizou-se dois critérios: o registro expresso de sua origem, realizado pelos oficiais que lavravam os referentes registros; e os

nomes dos imigrantes, que permitem identificar a filiação religiosa do imigrante. Podemos afirmar que árabes cristãos não concedem, salvo exceções que apenas confirmam a regra, nomes aos seus filhos que correspondam aos do Profeta do Islã e suas variantes (Muhammad, Mohammad, Muhamed, Mohamed, Mahmud, Mamede, Ahmad, Ahmed, Hamid, Hamud, Hamed, Mustafá), bem como daqueles que foram companheiros do Profeta durante a sua missão (Ali, Omar, Osman, Othman) ou da descendência do Profeta (Hassan, Hussein, Mortada, Morteza, Rida, Reza, Haidar, Heidar, Ussama, Ossama). Entre os muçulmanos é comum, também, dar a seus filhos nomes de Profetas que são comuns ao islamismo, cristianismo e judaísmo, como Mussa (Moisés), Issa (Jesus), Ibrahim (Abraão), Yaqub (Jacó), Daud (Davi), Yahia (João), entre outros. (NASSER, 2006, p. 111).

De 1954 a 1983, foram naturalizados¹⁵, segundo dados obtidos no Arquivo Público, 62 imigrantes árabes muçulmanos que passaram a residir em Curitiba. A maioria era proveniente do Líbano (49), seguidos pela Síria (cinco), Jordânia e Transjordânia (três de cada local), Turquia e Jerusalém (um de cada local). Não foram encontradas informações que relatassem com precisão sua chegada, sendo possível somente identificar os seus processos de naturalização. Constam informações sobre os endereços, as datas de nascimento e a data em que foi efetuada a naturalização. Percebeu-se, através dos endereços dos imigrantes, a preferência dessas famílias pelas regiões centrais da cidade.

Em 1991, segundo o IBGE, o Paraná era o estado com a segunda maior colônia muçulmana do país, sendo que a cidade de Foz do Iguaçu apresentava o maior contingente.¹⁶ No censo de 2000, havia no Brasil um total de 27.239 muçulmanos residindo no país, sendo sua maioria formada por homens e moradora da área urbana das cidades¹⁷. Hoje, a comunidade muçulmana na capital do estado conta com, além da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, a mesquita, o cemitério Jardim de Alá e a Escola Brasileira Árabe¹⁸.

¹⁵ Mais de um quarto dos muçulmanos residentes no Brasil, ou seja, 6339 pessoas, não possuem a nacionalidade brasileira. WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social*. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n2_Waniez%20e%20Brustlein.pdf. Acesso em: 02 abr. 2010.

¹⁶ O estado de São Paulo é o que mais se destaca em relação ao número de muçulmanos. Ao contrário do caso anterior, não é na capital do estado, Curitiba, que se encontram os efetivos mais elevados, mas sim na quinta cidade do Paraná, Foz do Iguaçu. WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social*. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n2_Waniez%20e%20Brustlein.pdf. Acesso em: 02 abr. 2010.

¹⁷ IBGE, Censo Demográfico, 2000.

¹⁸ A Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, a Escola Brasileira Árabe e a Mesquita situam-se na Rua Kellers, bairro Alto do São Francisco, em Curitiba. O Cemitério Jardim de Alá situa-se na Cidade Industrial de Curitiba.

1.2.1 Presença educacional árabe no Brasil

Os muçulmanos enfrentaram um problema comum às minorias religiosas ao chegarem ao Brasil, como afirma Truzzi (2008-a): “Como transmitir, às novas gerações, valores e referenciais de conduta condizentes com a sua fé religiosa, em um país de maioria católica e maciçamente cristã?” (Idem, p.159).

Para educar as crianças e os jovens, levaram-se em consideração as tradições religiosas muçulmanas, a família e a comunidade mais ampla, atuando como elementos essenciais. Essas práticas amenizam o distanciamento dos seus costumes e tradições. Como menciona Truzzi (2008-a),

[...] por família entende-se não apenas à família nuclear, mas à ampliada, composta por avôs e avós, tios e tias, primos e primas e seus respectivos cônjuges e filhos. Isso constitui o elemento mais essencial da identidade de imigrantes árabes. Por outro lado, por comunidade entende-se o conjunto das famílias muçulmanas que habitam a mesma região. (Idem, p.160).

Além da família, há a fluência do idioma que, juntamente com a religião, mantém a comunidade vinculada à terra de origem. O árabe serve para a leitura do Alcorão, sendo uma língua sagrada para os muçulmanos. Esse processo educacional serve para integrar o indivíduo na sociedade através do espaço escolar, além de ser o Alcorão base para todo o conhecimento da religião.

Após a morte do profeta Maomé em 634, várias mesquitas foram construídas com o objetivo de transmitir o conteúdo do Alcorão, e também ensinar literatura, gramática, poesia e aritmética. Como entidade educacional, a mesquita foi a primeira instituição que possibilitou a transição da sociedade árabe da tradição oral que estava profundamente arraigada nesta sociedade, para a tradição escrita. Este fato pode ser considerado como uma etapa importante em termos de educação. Ainda no século VIII aconteceram as primeiras discussões teológicas na mesquita de Basra, no Iraque. Nasceu daí a formação de grupos de estudo em lingüística, direito e teologia. Nos séculos X e XI, a educação muçulmana experimentou um avanço significativo: a mesquita, além de ser uma entidade aglutinadora da comunidade, torna-se uma universidade pública. No século XII se amplia em número uma outra instituição de ensino: a Madrassa. Esta era uma espécie de colégio mantido pelo poder público. As disciplinas lecionadas eram a jurisprudência, o direito, a filosofia da língua árabe, literatura árabe, geografia, história, etnografia, arqueologia, astronomia, matemáticas, música, desenho geométrico, química, estudos corânicos e Hadith (tradição profética). Posteriormente, foram constituídos muitos colégios semelhantes a este. Os pedagogos muçulmanos daquela época praticavam uma divisão de métodos de ensino para adultos, adolescentes e crianças. Outra característica do ensino nas mesquitas era o "círculo". Este era formado por um grupo de educandos que se colocavam ao redor do professor que ficava sentado desenvolvendo uma

aula de forma dialética. Na Idade Média, este templo foi a sede da vida intelectual, social e religiosa dos muçulmanos; não era considerado como um simples santuário, por isto pode-se afirmar que esta circunstância peculiar tenha oferecido condições para o surgimento das escolas e da educação no mundo árabe-muçulmano. (ISKANDAR, 1999).

Para os muçulmanos, a educação e a religião caminham juntas, abrangendo todas as suas necessidades e fazendo-os preocupar-se com todos os âmbitos da vida.

Dentro dessa centralidade e equilíbrio, a religião de Deus educa o indivíduo e a sociedade, sem deixar qualquer das partes da nossa vida sem uma orientação. Assim, a educação equilibra-se com o equilíbrio da religião que o Criador estabeleceu para orientar o homem. Trata-se de uma educação completa e abrangente por ter Deus como originador e estabelecedor. Quando esquecida em alguma de suas partes, leva o indivíduo e a sociedade a resultados indesejáveis. Essa educação completa e equilibrada é representada pela: educação espiritual, moral, mental, física, estética, social, política, econômica. Se o muçulmano for educado em todos estes aspectos e extremos, terá completado sua personalidade, podendo utilizar suas capacidades para servir a si próprio, à sua família, e à sociedade. (MAZLOUM, 2007, p. 3).

Mesmo não demonstrando a questão religiosa de maneira predominante, outras instituições de ensino fundadas pelos imigrantes também fizeram parte do contexto educacional brasileiro. A escolaridade sempre foi incentivada entre sírios e libaneses cristãos, sendo que em 1897 já havia uma Escola Sírio-Francesa (Maronita) em São Paulo. Nos anos seguintes foram fundados na capital paulista o Ginásio Oriental (1912), o Colégio Sírio-Brasileiro (1917), o Colégio Moderno Sírio (1919) e o Liceu São Miguel (1922). No Rio de Janeiro, a Escola Cedro do Líbano (1935); e em Campos, a Escola Árabe (MOTT, 2005). Essas instituições de ensino apresentavam características de seu povo fundador, como a questão religiosa.

O investimento familiar na escolaridade agia tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. A diferenciação surgia no ensino superior. Enquanto os homens eram privilegiados, relatando-se casos de famílias em que o sacrifício para a formação de "doutores" foi muito grande, as mulheres eram instadas a não se profissionalizarem, limitando-se na maioria dos casos à obtenção do diploma. (MOTT, 2005, p. 193).

Em São Paulo, há uma escola confessional que funciona desde a década de 1960. A Escola Islâmica Brasileira não possui relação com a Escola Islâmica do Paraná, apesar de ambas terem surgido no mesmo período. A maioria dos

estudantes são de filhos de imigrantes árabes, estando presente também a ideia de preservar a cultura da comunidade. Há o ensino de árabe e da religião islâmica, voltada a todos os estudantes, muçulmanos ou não. O ensino do árabe é diretamente ligado ao de religião na escola, já que, dependendo do grau de fluência da turma, as aulas de islamismo são dadas em árabe. Ela tem como mantenedora a Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo, com o objetivo de perpetuar a tradição islâmica no Brasil¹⁹.

A comunidade mantém uma escola islâmica na Vila Carrão, zona leste de São Paulo, que oferece, desde a década de 1960, matrículas da pré-escola ao ensino médio, mas os esforços para uma orientação pedagógica que se coadune com os preceitos islâmicos são relativamente recentes e, além do mais, é evidente que nem todas as famílias da comunidade tiveram seus filhos nessa escola. (TRUZZI, 2008 -b, p. 165)

A educação é baseada nos valores morais e éticos do Islamismo, proporcionando a oportunidade das práticas religiosas. A proposta pedagógica da Escola Islâmica Brasileira é fundamentada como uma instituição confessional.

Outras experiências educacionais baseadas na doutrina islâmica também se tornam presentes, como casos na Índia, Estados Unidos e Nigéria. Apesar de suas particularidades e distâncias entre si, essas outras instituições de ensino possuem características semelhantes à praticada no Brasil. Na Índia, mesmo contando com a maior parte de sua população seguidora do Hinduísmo, há relatos que um colégio chamado Anglo-Oriental de Maomé fora fundado em 1875 pela minoria muçulmana moradora no país. Esse colégio admitia alunos não muçulmanos, o que favorecia a integração com a população local.

Feriados nacionais hindus e indianos eram celebrados para promover uma integração emocional entre as pessoas. Esse fato era visto como um novo ânimo para o funcionamento do colégio que, através da dança, da música, os alunos eram convidados a vir ao campus para participar das atividades. (WRIGHT, 1966, p. 52).

A experiência islâmica na Índia visava integrar o muçulmano dentro e fora da escola. Esse ideal de interação com o restante da comunidade está presente

¹⁹ Escolas Islâmicas e Árabes no Brasil hoje: Escola Árabe Brasileira de Foz do Iguaçu, Foz do Iguaçu – PR; Escola Brasileira-Árabe, Curitiba – PR; Escola Islâmica Brasileira, São Paulo – SP; Escola Atenes – Árabe São Bernardo dos Campos, SP; Escola Abu Bakr Assediq, São Bernardo dos Campos, SP.

também na escola nigeriana, que tinha como base da educação a mistura da cultura islâmica e tribal.

O conhecimento do Alcorão e dos vários rituais islâmicos caminham junto com a cultura local, o que forma sua identidade. Talvez o mais importante é que a experiência da escola islâmica serve como um ponto de entrada social, em que, mais tarde, o adulto participa da organização da sua comunidade. (MORGAN; ARMER, 1988, p. 635).

A preocupação com a sociabilidade fez com que os pais encaminhassem as crianças para essas escolas, muitas de ensino primário, tendo como obstáculo a união dos currículos islâmicos e ocidentais.

No caso norte-americano, considera-se a Escola Irmã Clara Maomé, como pioneira na área educacional voltada ao ensino islâmico na América. Ela teve início na década de 1930, em Detroit, Michigan. Apesar de ser chamada anteriormente como Universidade, por acreditar que o ensino era universal, possuía apenas o ensino primário e fundamental. O que chama a atenção é o fato de a escola ser voltada, inicialmente, apenas aos afro-americanos convertidos ao islamismo.

Em 1975, a escola se tornou um sistema de ensino independente e contava com 41 unidades localizadas ao longo dos Estados Unidos. Em cada cidade que existia uma mesquita, uma escola poderia ser encontrada. [...] Mais tarde, a escola passou a atender não muçulmanos, com o objetivo de ensinar a todos sobre o Alcorão e a vida do profeta Maomé. (RASHID; MUHAMMAD, 1992, p. 181).

Essas escolas internacionais apresentam traços similares à escola objeto da pesquisa, o que favorece o seu entendimento. Uma vez que foi fundada por imigrantes, deve-se levar em consideração o fato destes terem um conhecimento prévio das práticas de ensino fora da nova terra. Já trouxeram consigo determinados conceitos e métodos educacionais presentes no local onde moravam. A Escola Islâmica do Paraná surgiu, portanto, como reflexo dessas práticas e com a preocupação da união dos valores familiares e religiosos.

2 ORIGENS HISTÓRICAS DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ

No Estatuto da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná estava prevista a abertura de uma escola com o objetivo de manter a religião islâmica e a língua árabe para os imigrantes que moravam na cidade. Esse trecho já foi citado anteriormente e diz: “Fundar e administrar uma escola que ensine árabe e português, inclusive religião muçulmana” (ATA DE ASSEMBLEIAS, item b, 1957).

É necessário, com isso, levar em consideração todos os atores envolvidos no processo educacional da instituição, observando suas influências e elementos capazes de fazê-la distinguir-se das demais. A partir dessas informações, uma realidade é construída, tendo como personagens principais os professores, diretores, alunos e a comunidade a qual pertence. A cultura e os propósitos educativos de cada sociedade influenciam na concepção e concretização da identidade e da missão educativa das organizações educacionais.

Como se pode perceber, historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implicá-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças que ocorrem em âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. (GATTI JR., OLIVEIRA, 2002, p. 74).

A escola, mesmo inserida em um grupo com religiões e métodos educacionais diversos, não perdeu sua singularidade, sua especificidade. As práticas escolares, o currículo, o projeto educativo, tornaram-se ferramentas para a compreensão do funcionamento da instituição objeto da pesquisa. O espaço escolar passou a ter elementos de diferentes significados e, através da análise dessa diversidade, é possível compreender suas apropriações.

A materialidade da escola tem significado para a identidade institucional e para a sociedade, para os moradores das cercanias do prédio escolar. Implica a vida dos moradores da cidade, mesmo que estes não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos e netos para aquele estabelecimento de ensino. À cidade como um todo pertence a escola e, portanto, a preservação da memória das instituições escolares está afeta ao ambiente no qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro. (WERLE, BRITTO, COLAU, 2007, p. 160).

Percebe-se que esse período foi de instabilidade para os imigrantes, uma vez que a sede da Sociedade foi transferida para outro local. A Escola Islâmica do Paraná foi fundada contando com cerca de 60 alunos, todos descendentes da comunidade.

Escola Islâmica do Paraná, com sede em Curitiba, Paraná, à rua Dr. Kellers nº. 473, pelo Decreto do Governador do Estado do Paraná sob nº. 13697, de 31/12/68, registrada sob o nº. 968 em 21/01/69, Cadastro Geral de Contribuinte de Ministério da Fazenda Nacional sob nº. 76677871. Curitiba, 01 de janeiro de 1970. (LIVRO PONTO, 1971).

Esse registro está presente no Diário Oficial do dia 31 de dezembro de 1968, como citado no trecho, afirmando que:

O governador do Estado do Paraná, no curso das atribuições que lhe confere a Constituição Estadual;
Considerando os artigos 40 e 42 do Sistema Estadual de Ensino²⁰ (Lei nº. 4978, de 5 de dezembro de 1964), e
Considerando que o estabelecimento de ensino atendeu as exigências da Resolução nº. 38/67, do Conselho Estadual de Educação,
Decreta:
Art. 1º - É concedida, em caráter confessional e pelo prazo de 2 anos, a partir do próximo ano letivo, autorização par funcionamento do Curso Primário da Escola "Islâmica do Paraná", desta Capital, que terá como entidade mantenedora a Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.
Art. 2º - A escola autorizada a funcionar por este Decreto deverá observar o que lhe fôr aplicável, os preceitos da legislação estadual de ensino;
Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Curitiba, em 31 de dezembro de 1969, 147º da Independência e 80º da República.
(aa) Paulo Pimentel
Cândido Manuel M. Oliveira (DIÁRIO OFICIAL, 31/12/1968, p.6).

²⁰ A Lei n.º 4.978/64 estabelece o sistema estadual de ensino. Ela foi elaborada na gestão do governador Ney Braga, pela Secretaria de Educação e Cultura e, segundo a sua introdução, "inaugura-se nova fase na história educacional do Paraná". Juntamente com a lei foi publicado também o Índice Remissivo da mesma, organizado pela Profª. Cecília Maria Westphalen que, segundo o texto "muito auxiliará, por certo, milhares de professores paranaenses na aplicação da Lei". Os artigos citados acima são:

Art. 40 – É da competência exclusiva do Estado do Paraná autorizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino que, na forma do disposto no artigo 29, estiverem sujeitos à legislação estadual.

Art. 42 – As autorizações para funcionamento de estabelecimentos de ensino primário e médio não pertencentes à União, serão dadas por Decreto do Governador, sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura, observadas as normas fixadas pelo Conselho Estadual de Educação.

Parágrafo único – Quando se tratar de estabelecimento estadual de ensino primário ou médio, criados por Decreto do Governador, a autorização para funcionamento será dada pela Secretaria de Educação e Cultura, observadas as normas fixadas pelo Conselho Estadual de Educação. Os dois artigos estão presentes na Seção III, cujo título é: Da autorização para funcionamento de estabelecimentos de ensino.

A sua mantenedora era a Sociedade, que arrecadava dinheiro de seus sócios, além de cobrar uma taxa mensal dos alunos. Alguns alunos não pagavam essa taxa, sendo encaminhados pela SEED. “Tinha alunos que não pagavam nada, era gratuito. O Estado decretou para nós também dois professores. Cerca de 20% dos alunos não pagavam. Também tinha a merenda que vinha do Estado.” (CHARCHIECH, 2010 – a).

As despesas com a infraestrutura, pagamento de professores e manutenção da escola dependiam da Sociedade.

A Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná é a entidade mantenedora da respectiva escola, e assume todas as responsabilidades de atos e fatos administrativos da referida escola. Portanto, o patrimônio que está registrado no diário da Escola Islâmica do Paraná, transfere-se para a Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná. (LIVRO PONTO, 1971).

A Sociedade foi a responsável pela doação de materiais como quadros-negros, carteiras, mesas e material didático para a escola. A comunidade árabe muçulmana de Foz de Iguaçu também aparece nos documentos contribuindo com donativos. Esse histórico de despesas está registrado em um livro datado de 1970. Juntamente estão informações sobre compras de papelerias, salários de professores, compras em mercados, tudo o que estava relacionado com as despesas escolares. Um ônibus de marca Mercedes Benz foi concedido pela Sociedade à escola em janeiro do mesmo ano. Esse transporte era responsável por conduzir os alunos até a escola e depois, para casa novamente. Como relata um ex-aluno, “a escola tinha ônibus escolar, que levava e buscava a gente para casa. Era bem cheio. Chegávamos tarde em casa e quase morríamos de fome.” (ZAHRA, 2010). Esse trajeto, em 1970, foi acompanhado pela ex-professora e diretora, Ermelina Bontorin. “No final da aula, grande parte dos alunos vinha no ônibus da escola. Durante o ano de 1970 eu acompanhava o ônibus para entregar os alunos pela cidade.” (idem, 2011). Esse transporte escolar facilitou a vida de muitos alunos que moravam longe e, por serem ainda muito crianças, não poderiam ir sozinhos até a escola.

2.1 DISCURSO ARQUITETÔNICO E ESPAÇO SIMBÓLICO DA ESCOLA

Meu pai sempre explicou o motivo de nós estarmos indo à escola árabe. Que nós tínhamos que ir porque era importante para aprender a sua religião, saber suas origens, ter uma convivência com a sua cultura. Para ele foi muito importante a escola. Tão importante que ele foi para o Líbano para construir uma casa. A idéia era deixar uma casa como referência para os filhos e netos, mas infelizmente ele faleceu antes de concretizar isso. (ZAHRA, 2010).

A escola se localizava no mesmo terreno da Sociedade. Confirmando o que diz no seu Estatuto e na análise das plantas arquitetônicas, é possível evidenciar a divisão do terreno situado à Rua Kellers, 473, em duas partes: um espaço destinado para a escola, no subsolo, e outro reservado para a Sociedade, nos andares acima. As plantas datam o ano de 1963. O projeto original foi criado pelo arquiteto Kamal D. Curi, com desenhos de E.Moreschi. Para Gatti Jr. e Oliveira (2002),

Entre os vários dispositivos que constituem uma instituição educativa, chama à atenção a estrutura espacial: arquitetura, plantas, normas de construção dos prédios, comumente normatizada por projetos estabelecidos pelo governo, impondo o cenário de uma determinada cultura escolar. Não só o espaço físico, mas todo o conjunto didático pedagógico é um revelador significativo da cultura de uma instituição: essa é uma dimensão que envolve a ação educativa em si, os professores, as disciplinas, a metodologia de ensino, as estratégias, a organização curricular, os alunos, os gestores. (Idem, p. 75).

No caso da Escola Islâmica do Paraná, o projeto arquitetônico foi elaborado por um integrante da comunidade árabe e este projeto, ao lado da dimensão humana, contribuiu para a formação da cultura da instituição. O campo da história das instituições descreve temas como os elementos da arquitetura, além dos perfis de seus agentes e propostas pedagógicas. Todos esses elementos fazem parte da instituição, trazendo-lhes características singulares.

Investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola. Estas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade. (BUFFA, 2002, p. 27).

Com isso, a análise do espaço físico e simbólico da instituição, sem esquecer os outros elementos, torna-se indispensável para a compreensão de sua história, mostrando o que era considerado importante no momento da criação do lugar.

Truzzi (2007), ao citar em seu texto a contribuição na análise arquitetônica árabe no Brasil através de Lúcio Costa, afirma que existiu a preocupação de se mesclar duas tendências de construção: a brasileira e a árabe.

A influência que Lúcio Costa exerceu sobre a adoção de soluções construtivas inspiradas na tradição, a preponderância da forma livre na linguagem arquitetônica brasileira, assim como a permanente preocupação em se incorporar a paisagem natural, revelam uma afinidade natural muito mais profunda. (TRUZZI, 2007, p. 361).

Essa sincronia pode explicar a influência da arquitetura brasileira no projeto inicial da Sociedade e da escola, que não deixa evidenciadas características árabes. Como afirma Uthman (1978, p. 26), “o desafio dos arquitetos árabes é promover, através do desenho, culturas de várias pessoas cujo modo de vida muda constantemente, porém sem destruir as antigas tradições.”

Dois projetos arquitetônicos foram encontrados no arquivo da Sociedade. Eles remetem ao mesmo espaço, mas com a distribuição de salas de aulas e espaços pedagógicos diferentes. O primeiro projeto, datado de 1963, mostra a escola situada no subsolo da Sociedade. O segundo projeto foi na verdade somente um esboço, para o caso de a escola continuar funcionando.

Esse esboço seria apresentado na Secretaria de Educação. Foi feito no ano de fundação da escola, em 1969. A intenção era essa, mas a escola fechou. Foi uma tentativa para caso a escola continuasse aberta. Seria mais ampla, com mais salas. (CURI, 2010).

Essa tentativa de aumento do espaço escolar demonstra o desejo de continuidade da instituição. O projeto estava pronto, porém permaneceu guardado.

O projeto da Sociedade e da escola aprovado pela Prefeitura de Curitiba era formado por três partes: o subsolo pertencente à escola, o térreo (que abrigaria os visitantes, constituído por apartamentos) e um primeiro pavimento contendo um amplo salão, com banheiros e uma vasta sacada de frente para a rua. Tanto o térreo quanto o primeiro pavimento ficaram restritos ao uso da Sociedade, mas, nem

sempre os alunos da escola ficaram isolados. “Quando chovia, e era dia de aula de Educação Física, não dava para ir ao pátio. Éramos levados ao salão, para fazer aula lá.” (ZAHRA, 2010). Esse salão, em tese, ficaria restrito à Sociedade, com o auditório servindo para festas, reuniões e encontros da comunidade, além de servir como local de oração antes da construção da Mesquita.

Para a construção, foi necessário arrecadar dinheiro da comunidade ainda nova na cidade. Além disso, era preciso estar atento aos detalhes islâmicos que seriam realizados, uma vez que o responsável pela obra era cristão.

Quando fiz os projetos, os detalhes religiosos foram fornecidos pelo sheik na época. Quem me contratou foi o presidente da Sociedade, Omairi. Ele era vendedor de fruta, comerciante, e muitas vezes tirou do seu próprio bolso dinheiro para a construção. Os recursos não eram disponíveis. Era tudo por doação. Com isso pagavam os operários e a construção. Na hora, não havia dinheiro. Eles pegavam dos associados, que não eram ricos, então foi aos poucos. Tiveram momentos de parada na obra, depois continuava. Todos tinham opiniões para dar, como fazer, o que poderia ser colocado ou não. A comunidade toda na época participou. (CURI, 2010).

Pelo fato de todos estarem envolvidos na obra, a Sociedade apresenta algumas mudanças de seu projeto original, como a questão da fachada. A fachada aprovada pela Prefeitura é diferente da que foi construída.

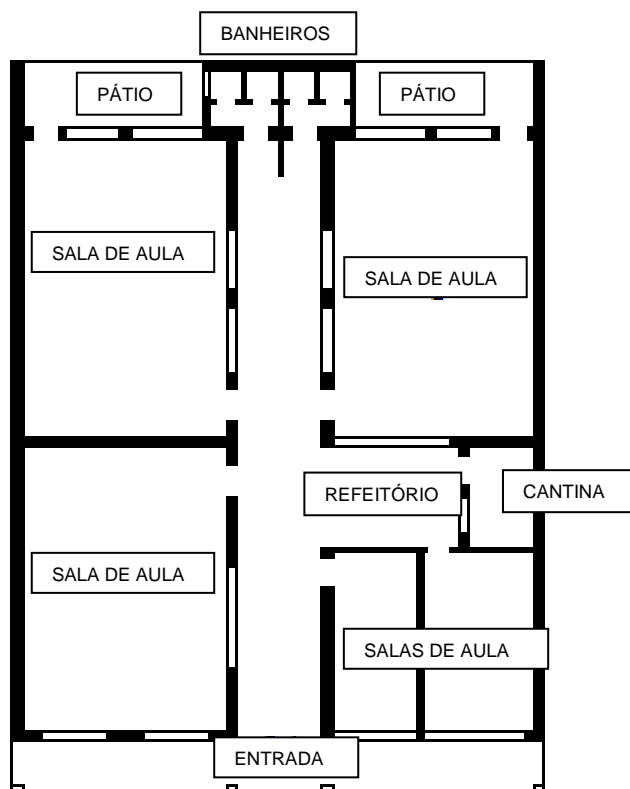
O projeto foi aprovado rápido. A execução demorou e várias mudanças foram feitas, principalmente na fachada. Alteração do projeto foi feita durante a construção. Alguns elementos não foram possíveis fazer por causa dos recursos da época. O desejo era trazer azulejos para colocar na Sociedade, vindos de fora, mas não deu certo. Precisávamos de uma doação. (CURI, 2010).

A fachada original contava com traços da cultura árabe islâmica. As principais características arquitetônicas árabe são as colunas, os arcos em ferradura, as cúpulas, decoradas por mosaicos e arabescos. Além disso, existem as muxarabis, treliças de madeira que permitem a ventilação e a iluminação, mantendo a privacidade. Essas treliças e os arcos podem ser encontrados na Sociedade, na sacada e nas janelas do primeiro pavimento, sendo somente essas duas características da arquitetura árabe presentes.

Com a construção da primeira mesquita na Arábia Saudita, se definiu que esse estilo representaria a cultura islâmica. Serve para passar a ventilação

e iluminação, além de ser um elemento acústico. Esse arco foi propagado em todo mundo islâmico, passou a ser típico dessa cultura. (CURI, 2010).

Na área destinada à escola, a planta mostra a disposição das salas de aula e das estruturas que iriam existir.



DESENHO 1: Planta baixa do subsolo da Escola Islâmica do Paraná (1963).
FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

Essa planta apresenta uma série de anotações à lápis e numerações indicativas feitas com uma caneta azul.

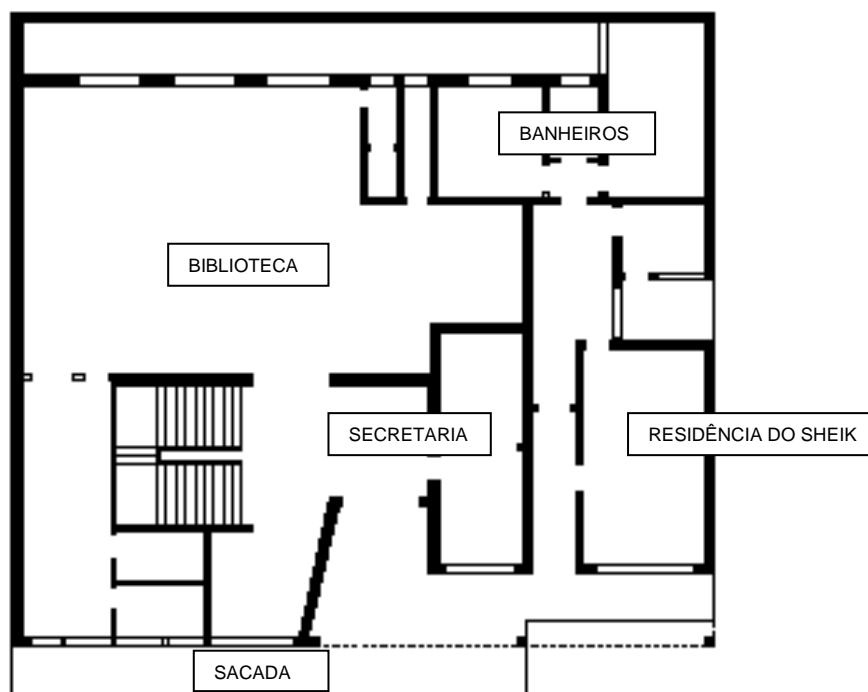
O subsolo é formado por cinco salas de aula, divididas entre Sala de Brinquedos, Sala de Ping-Pong, Sala de Recreio, Rouparia e Biblioteca. O pátio ficava nos fundos, um pequeno espaço. Existe um refeitório e a cantina.. A entrada da escola era coberta, porém apenas em um pequeno espaço.

Pela planta é possível observar que esse local pertencia ao subsolo da Sociedade, com um largo corredor e os sanitários aos fundos. Esses sanitários tinham duas saídas: uma para o corredor da escola e outra para o pátio externo. Algumas turmas dividiram a mesma sala de aula, como será visto posteriormente. O que chama a atenção é o fato da construção da escola em um local de difícil acesso,

pouca ventilação e iluminação, como o subsolo. Ao contrário da idéia das muxarabis, no espaço escolar não se observam janelas ou saídas de ar. Essa circulação acontecia somente no corredor, na entrada e nas portas das salas ao fundo. “Já no projeto, a escola foi planejada. O maior problema da obra é que o local era um banhado, tanto que tivemos de colocar estacas de 12 metros de concreto para segurar tudo.” (CURI, 2010). As dificuldades na obra, falta de estrutura do local, não impediram que a escola fosse fundada. Os alunos ou demais visitantes não precisavam entrar no prédio da Sociedade para ter acesso à escola. Eram duas entradas independentes, por mais que estivessem ocupando a mesma estrutura. Pode-se pensar que as duas atividades: a da escola e a da Sociedade eram separadas, mas na verdade, tudo dependia da ajuda não só financeira, mas também administrativa de seus membros para funcionar.

Ao analisar o projeto também é possível perceber, pelas anotações na planta feitas a lápis, que aquele espaço não era destinado para abrigar as salas de aula. Cada local tinha uma especificidade diferente, servindo posteriormente a fins educacionais. Apesar de amplas, as salas eram poucas, e conforme a escola foi crescendo, não havia mais para onde, sendo as turmas obrigadas a dividirem o mesmo espaço.

O térreo, espaço já mais amplo que o subsolo, era formado pela biblioteca, secretaria da escola, residência do sheik e os banheiros. Havia também uma escada que levava ao primeiro pavimento. Ao lado dessa escada, uma pequena entrada onde possivelmente as pessoas deixavam seus casacos e bolsas antes de se encaminharem ao auditório, como uma chapelaria.



DESENHO 2: Planta baixa do térreo da Escola Islâmica do Paraná (1963).
 FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

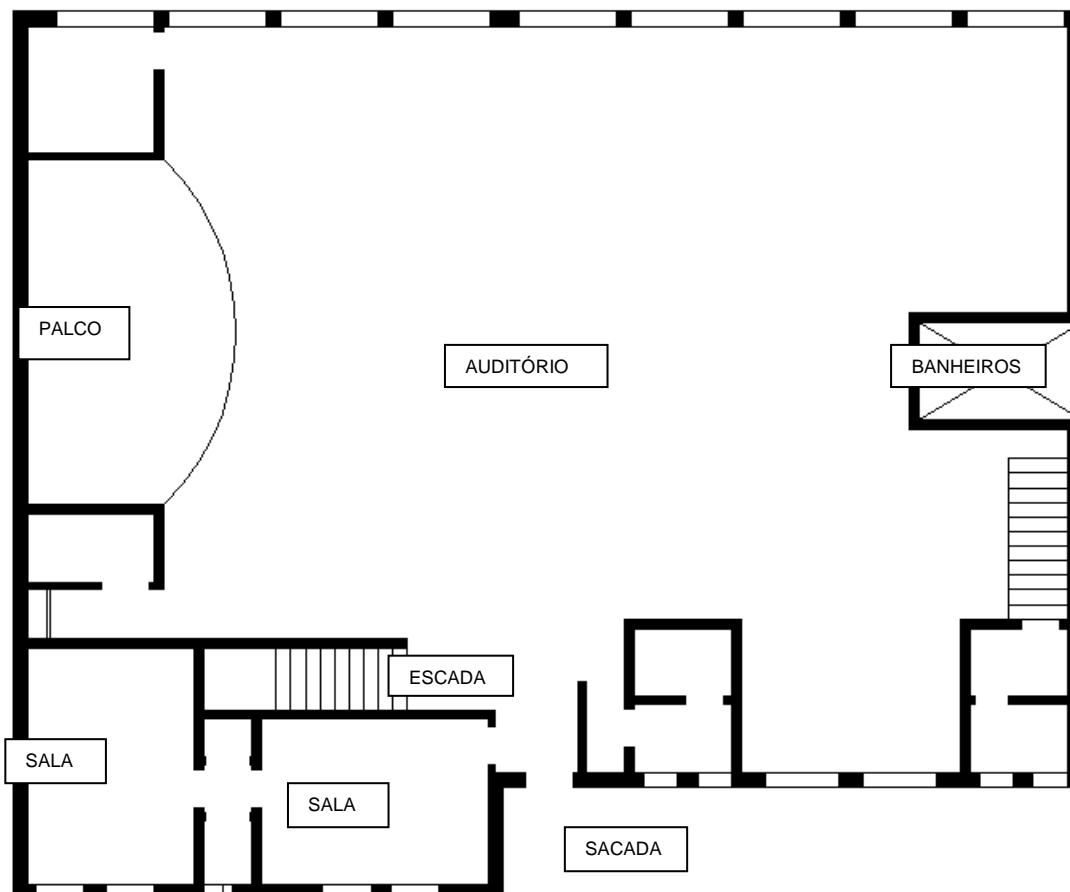
Esse espaço, através das entrevistas, era pouco utilizado pelos alunos. Não há referências de atividades na biblioteca pelos alunos ou professores, apesar de ocupar uma grande parte do piso.

Na época ainda não havia a mesquita, apenas o prédio da sociedade que era uma estrutura de três pisos. No térreo havia a secretaria, a residência do Sheik – com entrada independente- uma recepção e uma biblioteca; no 1º andar uma grande sala, onde eram realizadas as orações e cerimônias da sociedade, de acesso restrito aos homens; as salas de aula ficavam no subsolo. Na frente da sociedade havia uma área ampla, onde os alunos realizavam as atividades de recreação. (BONTORIN, 2011).

A residência do sheik era formada por uma sala, dois quartos e um banheiro. A planta original já se apresenta em melhor estado que a do subsolo, sem quaisquer anotações ou mudanças em sua estrutura. Por outro lado, a ausência de descrições sobre o que iria ocupar aquele local também impede de analisar se o que lá existiu já estava pré-determinado.

O relato da ex-diretora acima traz à tona a ideia de o primeiro pavimento pertencer somente aos homens da comunidade para que realizassem suas orações.

Esse andar era formado por um grande auditório, com duas salas nas laterais, banheiros e uma ampla sacada.



DESENHO 3: Planta baixa do primeiro pavimento da Escola Islâmica do Paraná (1963).
 FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

Esse auditório servia, antes da criação da Mesquita, como um local de oração para a comunidade. Como afirma Bontorin, “às sextas-feiras os homens tinham suas orações no salão às 12h. Então quando chegávamos nos dirigíamos diretamente para as salas de aula.” (Idem, 2011). Nas duas salas, aconteciam reuniões para decidir os caminhos da Sociedade e momentos de descontração entre seus integrantes.

O espaço, formado por esses três pavimentos, representou o cotidiano de seus participantes, que foram de adaptando e construindo a história da escola.

Segundo o relato de um ex-aluno, a escola:

Tinha um pátio fora grande, tinha lanchonete, as salas eram grandes. Na parte de cima, tinha balanço, escorregador. Do outro lado, nós jogamos bola, tínhamos aulas de educação física. Como uma escola normal. A minha sala era a primeira da escola. Bastava descer as escadas e a sala já estava ali, de frente para a entrada. (ZAHRA, 2010).

Esse relato ajuda a compreender de que forma o espaço era representado. A ideia dessa sala de aula estar a frente da escola, por onde todos os outros alunos passavam. A lembrança de dois momentos: a da posição da sala e das atividades recreativas que aconteciam.

Como afirmam Carloto e Gil Filho (2000), é no cotidiano, através da ação, do pensar, dos símbolos e da linguagem dos atores sociais, neste caso os árabe muçulmanos em Curitiba, que é possível verificar suas concepções, entendimentos e construções da realidade. Apesar de a escola estar localizada no mesmo terreno que a Sociedade, que na época servia como um espaço tanto religioso quanto cultural, observa-se que o espaço de representação da comunidade árabe muçulmana não apresenta ligação direta com o sagrado, uma vez que não mantinha símbolos religiosos como decoração. Dessa maneira o sagrado não é determinante para a representação da comunidade. Isso é possível ser analisado pelas estruturas arquitetônicas da Sociedade e da escola, que se mantém até os dias de hoje.

Os espaços escolares e a formas pelas quais seus agentes se apropriam formam a identidade da instituição. Nessa apropriação, estão presentes relações dialéticas entre o universal e o particular.

2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ESCOLAR

“Como relatou um dos entrevistados, tão resoluto em sua fé quanto em outros assuntos, as coisas são muito claras: ‘português é na escola, em casa é árabe e na loja é misturado’”. (TRUZZI, 2008 - a).

Como citado anteriormente, não foram encontrados na Secretaria de Estado de Educação do Paraná documentos que confirmassem seu reconhecimento enquanto parte integrante das instituições de ensino de Curitiba. Manteve-se exercendo as atividades educacionais, segundo informações obtidas, até 1972, data limitada pela disponibilidade de documentos. No mesmo ano foi fundada a Mesquita

de Al Imam Ali Ibn Abi Taleb²¹, em Curitiba. A instituição foi registrada no Ministério da Fazenda como realizadora de atividades de ensino primário, mantida por uma fundação ou cooperativa, ficando a Sociedade responsável por todos os atos administrativos daquela. (CADASTRO GERAL DE CONTRIBUINTES, nº. 76677871, 68).

Nas páginas iniciais dos livros encontrados na escola, encontra-se um carimbo que representava o símbolo da instituição na época. Nele, estão escritos o nome da escola na língua portuguesa e, em árabe, está escrito: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”, frase mencionada em todo início de atividade do muçulmano. Além disso, uma figura de um pinheiro, representando o Estado do Paraná, e uma lua crescente²², reforçando o seu ideário religioso. Neste símbolo, porém, a escola apresenta-se com outro nome, sendo “Escola Islâmica Bras. PR.” Uma possível referência à escola presente em São Paulo, de mesmo nome. Essa instituição de ensino também usava a lua crescente como logomarca da escola. Apesar de este nome ser representado no carimbo, não foram encontradas evidências da utilização desse título em outros documentos.

²¹ Nome do genro de Maomé, que segundo a tradição, teria dado origem a divisão xiita do Islã. .

²² A lua crescente com uma estrela acima tem acompanhado o povo do Islã desde o século XV, quando era usado pelos turcos. Desde então aparece em bandeiras de muitos países muçulmanos. No calendário islâmico, todo mês começa no momento d alua crescente. O renascimento da lua após um período de escuridão é um símbolo de esperança.



IMAGEM 1: Carimbo presente nos livros de registros pesquisados.
 FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

Esse símbolo é semelhante ao da Sociedade, sendo substituindo o nome da escola por Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná. Cria a idéia de pertencer à comunidade muçulmana, sendo um importante símbolo da religião.

Através da religião, ao chegar a Curitiba, os imigrantes tenderam a ficarem agrupados, mantendo a idéia de *umma*²³.

Imaginávamos que iríamos ensinar a religião islâmica. Conservar nossos filhos na religião, no nosso dialeto. A escola era um auxílio na educação de nossos filhos. Aqui, nos éramos muito sozinhos e trabalhávamos. Assim, a escola servia como uma continuação da educação que tínhamos em casa. (CHARCHIECH, 2010 – a)

O que se percebe na escola é o esforço do grupo na tentativa de fazer com que ascenda o vínculo com suas origens. A escola passou a ser uma forma de

²³ Comunidade, tanto de fieis quanto no sentido de nação.

transmissão da cultura árabe-muçulmana. Como descreve um ex-aluno, “a escola era um orgulho para a comunidade”. (ZAHRA, 2010).

As aulas eram ministradas no período da tarde, de segunda à sábado, no período das 13 às 17 horas. Um sino tocava indicando que as crianças deveriam formar filas no pátio antes de se encaminharem para as salas de aula. A responsável pela organização dos discentes era a diretora. As professoras esperavam essas crianças dentro da sala e a aula tinha início. Esse mesmo som era ouvido para indicar a mudança de disciplina e de professor, além de sinalizar o momento de ir embora. Nas paredes da escola havia pendurados dizeres do Alcorão, demonstrando ser ali um local religioso. Um inspetor circulava pelo pátio para evitar possíveis transgressões à conduta escolar. Chama a atenção à rigidez de sua educação, demonstrando que resquícios de castigos corporais ainda existiam. Esse rigor pode ser notado na fala do ex-aluno, que relembrou as práticas escolares como a palmatória. “Tinha um inspetor que cuidava dos corredores. Ele era bem sério. As aulas eram bem rígidas. Tinha palmatória. Eu nunca levei nenhuma, mas minha irmã... levou só uma vez e nunca mais.” (ZAHRA, 2010).

A escola, além da cidade de Curitiba como uma nova oportunidade de crescimento, atraiu alunos oriundos de Curitiba, Rio Negro, Ponta Grossa, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Santos, Toledo e Antonina. Havia também alunos do Líbano, Egito, Jordânia e Paraguai, que chegaram na escola durante o ano letivo e ingressavam nas turmas, mesmo com idades superiores à média da classe.

Dentre as disciplinas ministradas, o ensino da Língua Árabe aparece nos documentos somente no ano de 1971, mas, segundo entrevistas com ex-alunos, ele sempre foi ministrado. A hipótese de, por serem filhos de imigrantes, os alunos já dominassem o árabe, não foi confirmada. A língua era vista como algo difícil de ser aprendida, por mais que, muitas vezes em casa, fosse o idioma dos pais.

O professor de religião e de árabe era um sheik. Quando tinham festas religiosas, ele fazia as turminhas decorarem alguma coisa em árabe para fazer uma apresentação. Rezávamos também, cada um tinha sua roupa e tinha que levar. Vários alunos não sabiam árabe. Poucas crianças falavam árabe. A gente tinha muita dificuldade. Mas a gente ficava feliz porque queríamos ser os primeiros da sala. Eu me lembro disso. Que a gente nunca queria errar, principalmente nas aulas de árabe. Até hoje eu não sei direito, se você não pratica esquece. Meu pai era comerciante. Eu via meu pai de manhã quando ele estava indo trabalhar e depois só à noite. Então,

só conseguia praticar o árabe com ele. Minha mãe não falava árabe, era brasileira. (ZAHRA, 2010).

A figura dos pais aparece como um elo entre o que se aprendia na escola e o que se via em casa, como uma forma de perpetuar as suas origens. Os pais mostravam-se presentes nas festividades e reuniões escolares. Além da língua, acreditavam que as aulas de religião também serviriam como uma ligação com a terra natal.

A disciplina de Religião é observada somente no boletim de um aluno, encontrado no interior de um dos documentos pesquisados, e não nos livros de registro. Essas aulas eram voltadas para o ensino do Islamismo, base da criação da Sociedade e da vida social da comunidade, constando inclusive no nome da escola.

No primeiro ano de funcionamento, a escola apresentou turmas de Jardim de Infância, 1º, 2º, 3º e 4º anos, como mostra a tabela a seguir. Somente em 1971, abriu-se uma turma de Pré-Escola e de 5º ano.

TABELA 3 – QUANTIDADE DE ALUNOS (1969 – 1972)

CLASSE	1969	1970	1971	1972	Total
Jardim	25	35	18	14	92
Pré-Escola	X	X	17	8	25
1º ano	10	29	18	12	69
2º ano	15	18	20	3	56
3º ano	4	19	10	6	39
4º ano	7	11	16	3	37
5º ano	X	X	9	1	10

Observa-se através desses números a diminuição no número de alunos no decorrer dos anos. A escola teve seu auge em 1970, com 112 discentes, dois anos após sua fundação. As turmas do Jardim de Infância e do 1º ano se destacam como as de maior concentração de alunos.

Os alunos brasileiros vinham de outras instituições de ensino da capital, em sua maioria de confessionalidade católica. E, após seu fechamento, regressaram para essas escolas. Como relata Zahra, muitos amigos seguiram juntos nos anos seguintes em outras escolas. “Depois que saímos da escola árabe fomos para o Colégio Guadalupe, depois para o Bardal”. (Idem, 2010). Os pais dos alunos matricularam seus filhos na Escola Islâmica acreditando no ideário criado. As saídas

desses alunos teve início um pouco antes de a escola fechar suas portas, mostrando que desavenças internas entre os membros da Sociedade estavam começando a surgir.

É possível analisar que os alunos que iniciaram em 1969 no 1º ano, continuaram matriculados em sua maioria na escola. Havia o desejo de crescer junto à escola, criando vínculos de amizade e mantendo as tradições vivas. Como afirma um ex-aluno:

Fiz muitas amizades. Nós éramos amigos desde a infância. Lá fiz amigos para o resto da vida. Como a colônia era grande, havia a separação dos xiitas e dos sunitas, mas com a escola isso não existia. Dentro e fora da escola, o convívio era feito normalmente. (ZAHRA, 2010).

No livro de registro, que equivale a um livro de matrícula, aparecem os nomes dos alunos, além dos nomes dos pais ou tutores, data e local de nascimento. Algumas informações como o local e data de nascimento de alguns alunos não estavam presentes, fato que irá se repetir ao longo da análise.

Nessa classe de 1º ano, pode-se perceber que a maioria dos sobrenomes²⁴ dos alunos, registra-o como integrantes das famílias dos imigrantes naturalizados durante o período. Através da data de nascimento, percebe-se a diferença entre as idades dos alunos, variando entre sete e nove anos.

A turma de 2º ano, em 1969, também mostra em sua maioria a família dos imigrantes naturalizados, fato que ocorreu com freqüência, uma vez que a escola foi fundada por esse grupo de pessoas. As idades variam entre sete e onze anos, maior que a do 1º ano. Há os casos de possíveis irmãos, já que os nomes dos pais ou tutores são os mesmos: Mohamed Charchiech e Ali Iskandar. Com isso, mesma pela diferença na faixa etária, pode-se ter privilegiado a união dos familiares em uma mesma classe. Mas, isso não era uma regra, pois existem irmãos em classes diferentes, como o caso dos alunos Ali e Jamila Janhari, que com dois anos de diferença, ficaram em turmas separadas. No 2º ano também aparece um aluno proveniente do Líbano.

Além do predomínio de sobrenomes de origem árabe entre os alunos, a maioria da classe era formada por meninos.

²⁴ Alguns sobrenomes apresentam grafias diferentes, fato que também será evidenciado em outras tabelas. Procurou-se manter a grafia original do documento, sem modificações.

A turma do 3º ano contou com apenas quatro alunos, com idades entre oito e dez anos. Não deveria ser um critério de inclusão em uma determinada turma a questão da faixa etária, pois esse fato existiu em várias turmas da escola.

Não há o registro do local de nascimento dessa classe, fato que se observa somente essa vez. Novamente, irmãos são matriculados juntos (filhos de Abdul Rahman Mahmond Traya).

A turma de 4º ano contou com sete alunos, com idades entre nove e doze anos. Talvez por ainda não existir o 5º ano e desejar estudar na escola recém-criada, essas crianças foram matriculadas nessa classe, mesmo com uma grande diferença de idade.

Cidades do interior do Paraná como Rio Negro e Ponta Grossa aparecem como local de nascimento dos alunos. Aqui é observado três irmãos na mesma turma: Faissal (10 anos), Sandra (sem data de nascimento) e Saleh (12 anos), provavelmente o mais velho. Esses alunos eram provenientes de regiões com moradores árabes muçulmanos. Ponta Grossa e Paranaguá formavam duas importantes colônias de imigrantes árabe muçulmanos, auxiliando na construção da Sociedade (NASSER, 2006).

A maior classe do ano, a do Jardim de Infância, contava com 25 alunos. Ocorre uma escassez de dados referentes ao nome do pai ou tutor, data e local de nascimento. Os sobrenomes das famílias se repetem, com poucos diferentes. O que chama a atenção é o sobrenome espanhol Garcia, destacando-se entre os outros de origem árabe. Mais dois alunos são da capital do Líbano, Beirute, confirmando que a maioria dos imigrantes era proveniente dessa região. A idade varia entre dois a seis anos, o que para uma turma de alfabetização pode ser sido algo complicado.

Os registros dos alunos estão presentes em um só livro, contendo os quatro anos da escola. Como será visto mais adiante, essa estrutura irá se modificar, tornando-se mais completo os dados cadastrais dos alunos. Esse fato acompanhou o próprio desenvolvimento da escola. A pouca experiência nos registros pode ser evidenciada, mesmo no seu quarto e último ano de funcionamento, ainda havia falhas nas documentações, como faltas de dados de alunos, de reuniões, livros em branco. Os livros de registros dos alunos são os que se apresentam de maneira mais completa.

Esses livros de registros de chamadas eram divididos da seguinte maneira: número do aluno, nome da professora, classe, número da matrícula, quantidade de

alunos presentes e ausentes, eliminados, matriculados, total, frequência e observações. Nessas observações estavam registradas a quantidade de meninos e meninas de cada sala. O primeiro livro de registro inicia-se no dia três de março de 1969, provavelmente primeiro dia do ano letivo, segunda-feira. Cada professora era responsável pelo seu livro, constando seu nome da capa do mesmo. Em 1969, eram cinco professoras, divididas nas classes de Jardim de Infância, de 1º a 4º ano.

O livro de 1º ano conta com essa mesma série durante os anos de 1969 a 1972. São professoras diferentes para cada ano, com exceção dos dois últimos anos, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 4 – PROFESSORAS DO 1º ANO (1969 – 1972)

NOME	1969	1970	1971	1972
Odelia Kalluf	X			
Teresa Bilobran		X		
Maria Yonne Vizaco			X	
Maria Yonne Vizaco/ Wanda Lúcia Davét ²⁵				X

É possível perceber, pelo sobrenome das professoras, uma minoria de origem árabe, ao contrário dos sobrenomes dos alunos. Esse fato é relevante por levantar duas hipóteses: a da não prioridade em optar por funcionários desta etnia ou pela escassez de profissionais da educação da etnia árabe na cidade. Mesmo quando relatados os demais participantes da escola, não foi evidenciada essa característica.

A Escola Árabe Brasileira (Escola Islâmica do Paraná) chegou a ter uma diretora de ascendência árabe cristã ortodoxa, Loris Marchesini. E havia vários alunos cristãos no estabelecimento. A necessidade de construir as bases da sobrevivência em território estrangeiro, com todos os percalços e dificuldades que daí podem surgir, talvez seja o motivo que tenha levado à constituição desta corrente que poderíamos chamar “unionista”, tanto entre os muçulmanos, procurando preservar a convivência cordial entre as correntes xiita e sunita, quanto entre muçulmanos e cristãos. (NASSER, 2006, p. 91).

Segundo o relato de um ex-aluno, “as professoras eram brasileiras talvez para não dar choque às crianças que não falavam árabe. Na época, acho que ainda

²⁵ A professora Wanda Lúcia Davét ingressa na escola em julho de 1972, substituindo Maria Yonne Vizaco.

não havia professores árabes com formação acadêmica.” (ZAHRA, 2010). Somente o sheik, que ministrava aulas de religião e de língua árabe, era árabe. Porém, mesmo sem esse fato ser evidenciado buscava-se certa etnia árabe, como no caso da ex-professora e diretora Bontorin.

Lembro-me das conversas com o Sheik sobre a cultura islâmica. Ele era muito culto e fazia questão de chamar atenção para a influência árabe na cultura ocidental. Lembro-me que ele me explicou a origem de meu sobrenome (Bontorin) e disse que com certeza eu teria ascendência árabe por o sufixo “in” é próprio dessa cultura e que foram os árabes que colonizaram a Península Ibérica. (idem, 2011).

Essa atitude do sheik também colaborava com uma maior identificação das professoras na escola, como se todos fossem parentes ou pelo menos ligados em uma mesma origem.

O sheik tinha a função de fazer a escola funcionar.

O Sheik mantinha relações de autoridade com toda a comunidade escolar. Foi ele que me contratou e definiu as normas de conduta. Ele também era responsável pelas aulas da língua árabe em todas as turmas. Ele sempre recebia os alunos na entrada com a habitual saudação “Salon aleicon” (não sei se é assim que se escreve), cujo sentido é “A paz esteja com você”. Na 5ª série sempre solicitava cópia dos conteúdos de história porque queria saber como tratávamos os temas referentes ao povo islâmico no contexto das grandes navegações, por exemplo. O Sheik que conheci tinha uma família numerosa e uma de suas filhas foi minha aluna. Ele tinha projetos e queria que a IEMEN (1º nome da minha aluna) cursasse a faculdade de letras no Cairo e fosse professora de literatura brasileira. (BONTORIN, 2011).

O ensino do povo árabe, suas conquistas e sua importância na História, deveriam ser evidenciados pelas professoras da escola. O desejo de ter uma filha professora também chama a atenção. Por mais que quisesse que ela estudasse no Cairo, seguiria seus estudos aprendendo sobre a cultura brasileira.

Em 1971 aparecem, junto à chamada, as disciplinas e notas adquiridas pelos alunos. Em cada mês, o aluno era avaliado com uma nota. Essas notas levavam em consideração duas fases: uma que era baseada no conhecimento aprendido durante o mês e outra na participação do aluno durante as aulas, sendo distribuída em comportamento, aplicação e comparecimento. As disciplinas ministradas eram: Português, Matemática, Estudos Sociais, Árabe, Conhecimentos

Gerais e Ciências Naturais. Raros eram os casos onde um aluno apresentava notas baixas, estando a grande maioria acima da média.

Esse livro de registro de chamadas do 1º ano é o único completo, abrangendo todos os anos da escola, com dias letivos, nomes de alunos e respectivas notas.

O livro ponto dos funcionários da escola é dividido no período que vai de março de 1969 até agosto de 1971, e a outro que se inicia em setembro de 1971 até dezembro de 1972. Percebe-se o rigor em relação ao horário de entrada dos funcionários. Marcações como atrasos de cinco minutos eram detalhados e justificados posteriormente. Todas as professoras preenchem o livro ponto, iniciando o dia letivo com a assinatura da diretora.

As diretoras²⁶ da escola também mudaram ao longo dos anos, como mostra a tabela abaixo:

TABELA 5 – DIRETORAS DA ESCOLA (1969 – 1972)

NOME	1969	1970	1971	1972	PERÍODO
Lorys Jorge Marchenisi	X				Março a Dezembro
Telma de Oliveira		X			Dezembro a Junho
Leda Mara Caron		X	X		Julho a Março/71
Sônia Maria Hey Sauki			X		Março a Junho
Gilda Maria Souza Friedlauder			X		Julho a Dezembro
Ermelina Bontorin				X	Março a Dezembro

Foi uma grande rotatividade de diretoras, um total de seis em apenas quatro anos de escola.

Num dos períodos em que a diretora Gilda teve um problema de saúde, foi solicitada a responder junto à secretaria da educação do estado (SEED) pelos relatórios, históricos escolares e teve muita dificuldade porque havia várias questões pendentes por falta de uma estrutura administrativa regularmente constituída. Quem respondia por essa organização era sempre pego de surpresa, como foi o meu caso, ou seja, não como profissional responsável pelo setor, mas para atender a uma situação de emergência, acumulando funções. (BONTORIN, 2011).

²⁶ As diretoras Leda Mara Caron, Telma de Oliveira e Ermelina Bontorin foram também professoras da escola.

Isso explica essas constantes mudanças. Era como se a diretora fosse escolhida ao acaso, não que estivesse preparada para isso.

Um fato observado foi uma anotação, durante a mudança de diretoras no ano de 1971. O texto está assinado por Mohamed Hussam Iddin, primeiro sheik da comunidade árabe-muçulmana em Curitiba e, segundo ele, também possuía o título de diretor²⁷. Esse fato pode mostrar a grande influência da Sociedade na escola, não separando as duas funções.

Em data de 13/03/1971, assumiu o cargo de Orientadora-Pedagógica e Diretora e professora Sônia Maria Hey Sauki. Mohamed Hussam Iddin, diretor. (LIVRO DE FREQUÊNCIA, 1971).

Esse sheik, também professor de religião e língua árabe, era muito admirado pelos alunos. “O sheik morava nos apartamentos que havia em cima da escola. Nós adorávamos ele. Ele era como um supervisor de tudo, sempre estava presente.” (ZAHRA, 2010).

Em 1969, as professoras tinham como titulação “Normalistas”, nome que, no ano de 1971, é alterado para “Professoras”.

No primeiro ano, somente as normalistas e a diretora assinam o livro ponto. Aparecem as turmas de Jardim de Infância, 1º a 4º ano, sendo que o 3º e 4º ano ficavam na mesma sala, com a mesma professora²⁸, talvez pelo pequeno número de alunos e pelo reduzido número de salas de aula. Em 1970, surge a classe da Pré-Escola e do 5º ano, além das outras já citadas, e, em 1971, os alunos aumentam sua grade curricular com aulas de Música, Artes e Educação Física. Pela primeira vez, um professor ministra as aulas na escola, com a disciplina de Educação Física, além do sheik Iddin.

²⁷ Em um documento de 26 de maio de 1971, quando se informa sobre o médico responsável pelos funcionários da escola, o nome do sheik aparece como o título de “administrador geral”.

²⁸ Fato que aconteceu somente em 1969, durante os três primeiros meses da existência da escola.

TABELA 6 – FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1971)

NOME	FUNÇÃO	TURMA
Wanda Lúcia Davét	Professora	2º ano
Bárbara Gohr	Professora	4º ano
Leda Mara Caron	Professora	5º ano
Sônia Maria Hey Sauki	Professora	4º ano
Gilda Maria Souza Friedlauder	Professora	Diretora
Ermelina Bontorin	Professora	5º ano
Tereza Bilobran	Professora	1º ano
Daniela Josefina Vitória Nota	Professora	2º ano
Telma de Oliveira	Professora	Jardim
Mariju Etsuko Washida	Professora	Pré
Maria de Jesus da Rosa	Professora	Jardim
Youssef Rachid	Professor	Educação Física - Pré
Maria Yonne Vizaco	Professora	1º ano
Valdeci de França	Professora	5º ano
Lurdes Terezinha Paglio	Professora	Artes
Elizabeth Lobo dos Santos	Professora	3º ano
Isolete Mendes	Professora	Educação Física - Jardim
Leila Carneiro dos Santos	Servente	Cantina
Aramis Ferreira Pacheco	Motorista	

A única responsável pela limpeza da escola, também trabalhava na cantina, mostrando uma escassez de funcionários, como afirma Bontorin:

A estrutura administrativa contava com o Sheik, uma secretária e diretora, um contador, um atendente e segurança, uma cantineira e servente, 1 motorista e os professores. Era tudo muito direto e pouco formal. (Idem, 2011).

A pouca formalidade citada pela professora evidencia que cada um deveria ser responsável por si. Não eram feitas muitas reuniões, somente aquelas para discutir questões pontuais da escola.

Não havia reuniões de planejamento. Havia uma exigência inicial que cada professor tivesse especialização para a série onde atuava e um pressuposto tácito de que cada um teria a competência para tal. Assim, todos os professores haviam cursado ou estavam cursando os cursos de especialização ofertados pelo Instituto de Educação do Paraná. (BONTORIN, 2011).

Cada professor, se estava ali, deveria mostrar sua competência e fazer a escola funcionar.

O livro de registro dos alunos, quando inicia o ano de 1970, já divide a classe entre alunos do sexo masculino e do sexo feminino. A turma do 1º ano de 1970 possui alunos com idades entre dez e seis anos.

Há uma equivalência entre os alunos dos dois gêneros. Nomes de pais ou tutores reaparecem, como Ali Iskandar, Mohmed Al Charchiech, Abdul Traya, Hassan Mustafá Hussein Zahra. Mais um sobrenome de origem espanhola, Pacheco aparece. O pai ou tutor, João Adalberto Pacheco, possui dois filhos na escola, na mesma turma. Outras cidades paranaenses surgem como Antonina, Colombo e Paranaguá, além de Santos, litoral de São Paulo. São dois alunos estrangeiros, vindos do Líbano e da Jordânia, os mais velhos da turma.

Na turma do 2º ano, percebe-se uma continuidade nos alunos matriculados, nove no total. Muitos continuaram na escola, mantendo-se assim até o seu fechamento. A idade varia entre sete a 12 anos. Aparece um aluno vindo do Egito²⁹. Essa continuidade de alunos pode evidenciar o interesse na manutenção da escola e na crença de ser aquele um bom local de aprendizado. Ela também pode ser vista na turma de 3º ano.

Com 19 alunos (sendo 12 vindos da série anterior), de idades entre dez e treze anos, o 3º ano de 1970 cresceu de modo significativo se comparado com o do ano anterior.

Duas novas cidades brasileiras aparecem: Belo Horizonte e Porto Alegre. As capitais brasileiras despertaram grande interesse nos imigrantes, que viram ali uma oportunidade de iniciar uma nova vida através do comércio.

Em outras capitais, concentrações semelhantes ocorreram, embora em menor proporção. Ao longo do tempo, os libaneses, os sírios e seus descendentes inseriram-se de forma irreversível em todos os patamares da estrutura comercial de várias cidades do país, procurando instalar-se em zonas centrais da cidade, freqüentemente próximas a estações ferroviárias ou a mercados municipais, para que pudessem tirar proveito do movimento como comerciantes. (TRUZZI, 2000. p. 15).

²⁹ País participante da Liga dos Estados Árabes, fundado em 1945 e que, atualmente, conta com 45 países.

Segundo Truzzi (2000), na década de 1940, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul havia, respectivamente, 12,1% e 4% de imigrantes árabes nesses estados.

A turma do 4º ano também cresceu, com 11 alunos. Surge pela primeira vez, a capital São Paulo.

Os censos nacionais de 1920 e de 1940 forneceram instantâneos do volume dos estrangeiros em todo o país nessas datas, possibilitando pela primeira vez um cenário da distribuição regional dos sírios e libaneses no Brasil. O primeiro registrou que quase 40% dos “turco-asiáticos” do Brasil (quase 20 mil indivíduos) estavam em São Paulo e constituíam a quinta etnia mais volumosa do Estado. Destes, um pouco mais de 30% habitavam a capital. Vinte anos depois, o estado de São Paulo abrigaria praticamente a metade do contingente nacional. (TRUZZI, 2000, p. 16).

Os outros locais de nascimento também são bastante diversificados, o que mostra como a população curitibana estava se estruturando na época. Nessa classe, as meninas estão em maior número, com a idade variando de oito a onze anos. Ainda permanece essa diferença grande entre a faixa etária dos alunos. Com a divisão de idades escolares, onde cada fase é marcada por determinadas características e condutas pedagógicas, define-se os procedimentos a se seguir. Mas, não se pode homogeneizar as crianças, como se todas aprendessem o mesmo conteúdo ao mesmo tempo.

As classes com as diferenças nas faixas etárias podem mostrar a tentativa de inserção do aluno na escola. Por pertencerem em uma comunidade minoritária na cidade, não havia o interesse em buscar a educação fora dela. As experiências que cada aluno trazia, vindo fora do país ou de outras cidades, falando uma língua estrangeira, colocava cada discente como parte importante para os imigrantes. Eles seriam os responsáveis pela continuação dos valores da etnia na cidade.

Novamente, na turma de 4º ano, há um predomínio de meninas na classe. Observa-se uma seqüência dos alunos matriculados nos anos anteriores, com poucos novos e uma diferença de idade entre eles. As turmas de Jardim de Infância são as mais numerosas, independente do ano, assinalando também a ausência de dados dos alunos. Não é possível observar as datas de nascimentos deles, somente constando nos anos seguintes, quando continuam na escola.

No ano de 1971, surge uma nova classe, a do Pré-Primário ou Pré-Escola. São alunos novos, com pouca diferença de idade, com exceção de uma aluna

Sandra Alves Kalil, com seis anos. Essa aluna já poderia ter sido matriculada em uma série mais avançada, fato observado com outros alunos.

Sobrenomes diferentes dos que normalmente são vistos aparecem, como Lima e Penha. A escola parece consolidar-se no ensino e na estrutura das turmas, com a introdução do Pré-Primário. Essa turma, assim como acontecia com a do Jardim de Infância, é bastante numerosa.

Foi encontrado um xerox de um boletim, do ano de 1971, do aluno Kurt Bozgazi, estando ele apto para cursar a 3ª série do primário. Pode-se observar o nome da professora: Wanda Lúcia Davet, assinatura do pai, as notas nas disciplinas de Português, Matemática, Estudos Sociais, Ciências, Religião (apresentando notas medianas), Aplicação e Comportamento durante o ano letivo. O aluno foi aprovado com média 7,5.

A presença das famílias também é um dado importante. As turmas e a escola no geral contam com a presença de irmãos ou parentes próximos devido aos mesmos sobrenomes. Como afirma Truzzi (2008 - b),

Sendo assim, a sociabilidade dos indivíduos é quase que exclusivamente dependente do círculo familiar e das relações da família com a colônia muçulmana, pois, como observou um entrevistado, "trabalha-se fundamentalmente em família". Fora da família não há nada muito além das atividades propostas pelas mesquitas e respectivas sociedades beneficentes associadas a cada uma delas. Isso se reflete mesmo em termos espaciais, pois se observa que as famílias procuram se aglutinar próximas tanto do trabalho (em geral, da loja) quanto da mesquita que freqüentam. Há uma expectativa implícita de que os membros de uma família permaneçam o máximo possível juntos, seja em casa, no trabalho, seja em outras atividades. Espera-se assim manter as crianças sempre envolvidas no seio da família, a fim de que se lhes possa transmitir os valores da vida familiar em um ambiente islâmico. (Idem, p. 15).

A classificação da série trocou de nome no livro de registro, passando a ser contada como 1ª a 4ª séries primárias. Na maioria das vezes tem a presença de um aluno de fora da cidade nas turmas.

O ano de 1971 foi o segundo em maior número de estudantes. A 2ª série primária teve auge nesse ano, contando com 20 alunos, com idades entre sete e doze anos. O aluno mais velho, Mamon Mahmud Ismael Shehadeh, veio da Jordânia e, como acontece com grande parte dos alunos provenientes de outros países, ingressam em uma turma com alunos mais novos, provavelmente para fazer a adaptação no novo país em relação principalmente à alfabetização.

A turma da 3^o série primária conta com um aluno de Elmansoura, Egito, que é o mais novo da classe. A turma da 4^o série primária de 1971 foi a maior da história da escola, com 16 alunos.

A Escola Islâmica do Paraná, como já fora citado anteriormente, estava apta para oferecer ensino primário. A partir de março de 1971, criou-se o Ginásio Muçulmano Nossa Senhora de Fátima, com atividade no ensino secundário. As duas modalidades de ensino eram mantidas pela Sociedade, localizadas no mesmo terreno, mas tem suas funções educacionais separadas, como professores, organização curricular e reuniões. Isso é evidenciado através do Livro Ata de 1971, com a convocação de professores para uma reunião.

Escola Islâmica do Paraná

Aviso nº. 09

Senhores professores

Comunico-lhes que haverá reunião dos professores da Escola Islâmica do Paraná, no dia 11 de novembro de 1971, às 16 horas, para tratarmos de assuntos referentes à prova final.

Para os professores do Ginásio Muçulmano Nossa Senhora de Fátima, a reunião será dia 12, sexta-feira próxima, às 13h30 hs, para discussão de horário para as provas finais.

Agradecemos antecipadamente seu comparecimento na reunião.

Curitiba, 10 de novembro de 1971.

O nome do ginásio chama a atenção pelo fato de sincronizar duas tradições religiosas: cristã e muçulmana. Fátima é a quinta filha do Profeta Maomé com Khadija. Ela é tida como exemplo de pureza e moral. Sua adoração é grande especialmente entre os xiitas, já que era a mãe de Husain Ibn Ali – um dos líderes do xiismo, o ramo minoritário do Islã.

Assim como a Virgem Maria alcançou aquela alta posição que comprova o Alcorão, anuncia-se, à divina seleção, ser a senhora das mulheres de sua época e a infalibilidade, similar à Senhora Fátima, a filha do profeta Maomé, tem essa posição. Ela também é a líder das mulheres, porém de todas as épocas. O sagrado Alcorão e a tradição profética, ambos confirmam que a Senhora Fátima também tem aquele status alcançado pela Virgem Maria. (AL-FURATI, 2006, p. 15)³⁰.

A Senhora Fátima é, para os muçulmanos, uma das principais autoridades divinas, porque ela recebeu a visita do Arcanjo Gabriel e é quem Deus escolheu,

³⁰ “Así como la virgen Maria alcanzó aquella alta posición que el testifica el Corán, es decir, la divina selección, ser la señora de las mujeres de su época y la infalibilidad, similarmente la Señora Fátima, la hij del Profeta Muhammad tiene esa posición. Ella también es la líder de las mujeres, pero de todas las épocas. El sagrado Córán y la tradición profética, ambos confirman que la Señora Fátima también tuvo aquel alto status alcanzado por la virgen María.” Tradução livre da autora.

purificou e engrandeceu toda a nação islâmica. Para um ex-aluno, “de qualquer jeito, como você olha, dá certo. Se você olha do lado muçulmano, está bem. Se católico, olha, fica bom também. O nome foi criado para atrair brasileiros. Para ter bons olhos para o povo de Curitiba.” (ZAHRA, 2010).

O ginásio permaneceu em funcionamento por dois anos, apresentando somente turmas de quintas séries, sendo chamado de 1º série ginásial. Por mais que tenha durado por dois anos, não chegou a apresentar turma de 6º série, o que pode demonstrar a saída dos alunos para outras instituições de ensino ou a não oferta dessa série.

As disciplinas do ginásio eram divididas em: Português, Matemática, História, Ciências, Educação Moral e Cívica³¹, Geografia, Educação Física, Inglês, Organização Comercial. Talvez essa disciplina tenha surgido com o objetivo de encaminhar os alunos para a vida comercial, atividade principal de seus pais e familiares. Com isso, surge a “necessidade de pensar a relação da escola com as outras instituições responsáveis pela socialização da infância e da juventude, principalmente com a família, a Igreja e o mundo do trabalho” (FARIA FILHO, 2007, p. 206).

A disciplina de Educação Moral e Cívica estava de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornando-a obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969, juntamente com a disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) no Ensino Médio. O ensino deveria envolver toda a escola e a comunidade, na realização de eventos cívicos, como desfiles e comemorações relacionadas a datas e “heróis” nacionais. “Lições sobre família, escola, pátria, nação, religião, trabalho, virtudes cívicas e morais, heróis e símbolos nacionais, segurança e desenvolvimento.” (ALMEIDA, 2009). O interessante é o fato de a escola ter uma confessionalidade de prática muçulmana, diferente da que se referia a lei.

A primeira turma da 5º série ginásial era pequena, com apenas dois meninos e sete meninas. A escola, nessa época, já apresentava sinais das primeiras crises de seu funcionamento, com a diminuição de alunos e por discussões entre os

³¹ Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. Parágrafo único. O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus.

membros da Sociedade, criando dois grupos distintos: de um lado aqueles que queriam manter a escola funcionando mesmo com problemas financeiros e estruturais; e de outro aqueles que não viam na escola uma realização concreta da comunidade.

Em 1971, os funcionários da escola se reuniram para discutir os reflexos da Escola Moderna na educação e outros temas da escola.

Aos vinte e quatro dias do mês de abril de mil novecentos e setenta e um, às treze horas e trinta minutos, no pátio do Ginásio Muçulmano Nossa Senhora de Fátima, reuniu-se o corpo docente do aludido ginásio, na presença do Administrador Geral do ginásio e representante da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, entidade mantenedora do referido ginásio, sr. Cheik Mohamad Hussan El Din, sob a presidência da senhora diretora Sônia Márcia Hey Sauki e na presença dos seguintes professores: Walli Loeffler, Rosemeri Juck, Leila Hannuck, Youssef Rochid e Gilberto Grácia Pereira. Aberta a sessão, a senhora diretora discorreu sobre assuntos gerais da Escola Moderna, consultando o corpo docente sobre suas posições acerca da nova escola. Prosseguindo a reunião, foram abordados os seguintes temas: apuração do rendimento escolar, criação do Grêmio Estudantil, criação da Associação de Pais e Mestres, assistência à biblioteca, comemorações relativas ao Dia das Mães, problemas concorrentes à situação da sala de aula da primeira série e novo horário. O senhor Cheik Mohamad Hussan El Din, Administrador Geral, comprometeu-se melhorar a situação e localização da sala de aula, da primeira série, no menor espaço e esforço de tempo possível. Nada mais tendo a tratar, a senhora diretora encerrou a sessão, de que eu, Gilberto Grácia Pereira, secretário "ad-hoc", lavrei a presente ata, que assino com a senhora diretora e o corpo docente, depois de lida e aprovada. Curitiba, 24 de maio de 1971. (LIVRO DE AVISOS, 1971).

Observa-se a importância da figura do "Administrador Geral", responsável pelos problemas estruturais da escola. A criação do Grêmio Estudantil pode suscitar a idéia de uma representação discente feita por alunos muito jovens ainda, uma vez que o aluno, na época, mais velho tinha 16 anos, com a maioria entre 12 e 13 anos.

Esse livro de avisos, que integra os anos 1971 e 1972, traz informações sobre datas comemorativas, horário das reuniões, consultas médicas, uso obrigatório do avental para os professores, férias, calendário escolar. Segundo o regimento interno, só eram aceitas as justificativas médicas baseadas nas consultas com o médico representante da escola, Dr. Ali Zraik. Porém, não existe nenhum aviso sobre o possível fechamento da escola, sugerindo que foi uma decisão tomada somente no final do ano de 1972, após o encerramento do ano letivo.

No dia 19 de abril de 1971, um dos avisos era sobre a comemoração do feriado de Tiradentes.

Peço-vos, outrossim, que dêem especial relêvo, em suas aulas de amanhã, à magna figura de Tiradentes, uma vez que não será letivo a data de sua morte; espero que inculquem em nossas crianças, no seu espírito, o amor, o respeito e a admiração devidas à êsse herói nacional. Curitiba, 19 de abril de 1971. Sônia Maria Hey Sauki, direção. (LIVRO PONTO, 1971).

Percebendo a escola como parte integrante da sociedade curitibana e brasileira da época, além da comemoração do feriado de Tiradentes, há também a iniciativa de celebração para o “Dia das Nações Unidas”, no dia 24 de outubro.

Escola Islâmica do Paraná
Aviso nº. 12
Senhores professores,
De acordo com determinação do Ministro de Educação, Excelentíssimo Sr. Jarbas Passarinho, e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná, deverá ser comemorado o “Dia das Nações Unidas”, em 24 de outubro. Deixo em anexo a íntegra do Telex do Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação e Cultura, e, comunico aos professores que por está ocasião deverá ser desenvolvido o assunto: ONU (objetivos, realizações), dando aos alunos uma idéia do que isso seja. Poderemos depois discutir e apresentar sugestões para uma comemoração cívica.
Curitiba, 20 de outubro de 1972.
Pela diretora – Ermelina Bontorin. (LIVRO DE AVISOS, 1971).

Além dessas comemorações, as festas religiosas muçulmanas também ocorriam. “Os feriados católicos eram respeitados. Tinham feriados muçulmanos também. Como depois do jejum, que sempre tinha festa, sempre com todos os alunos participando. Faziam teatros, apresentações em árabe para os pais.” (ZAHRA, 2010). Essa afirmação é confirmada em outro relato: “Eram duas festas principais que nós comemorávamos. Do Ramadã e do sacrifício do filho de Abraão, Ismael, quando tem a peregrinação à Meca.” (CHARCHIECH, 2010 – a).

O registro dos alunos no último ano da escola, 1972, foi feito de maneira diferente dos anos anteriores. Além das informações anteriores, o local de nascimento foi trocado para nacionalidade, nome do pai ou tutor para filiação e a residência do aluno. As anotações são feitas todas juntas, sem páginas específicas para cada série.

O registro está dividido em duas partes: primeiramente pode-se concluir que foram as matrículas feitas no início do ano letivo e a segunda parte com o título de

“Matrículas suplementares”, provavelmente com os alunos que ingressaram após o começo das aulas. Mesmo com essas matrículas suplementares, o número de alunos diminuiu drasticamente comparado aos anos anteriores. Foi o ano com o menor número de alunos de sua história.

Pela primeira vez aparece o nome das mães dos alunos. Pelos endereços, a maioria dos alunos morava próximo à escola, muitas vezes no mesmo prédio. A família Bozgazi é proveniente de Colombo, devendo fazer um longo trajeto de casa até a escola, talvez por seus pais trabalharem em Curitiba. Alguns nomes apresentam um número de telefone, sendo destacados como “Emergência”. Os sobrenomes já começam a ser mais diversificados, não somente de origem árabe. As turmas já estão menores se comparadas com as do ano anterior.

Dois nomes que chamam a atenção são dos possíveis irmãos, Gilson e Rosane Koppe, Pré e Jardim de Infância respectivamente, que, no espaço reservado à filiação, aparecem os nomes de duas mulheres, com sobrenomes diferentes. A turma de 5º série contava com apenas um aluno e não foi aberta uma classe de 6º série, provavelmente porque não houve procura.

As atas de exames finais estão presentes nos quatro anos da escola. Nelas, estão descritas reuniões feitas pelos professores e a diretoria com o objetivo de validar a passagem do aluno para a série seguinte. São relatados todos os nomes dos alunos, as respectivas médias nas disciplinas e o parecer da professora regente da turma. O índice de reprovação não ultrapassava um aluno por turma, com muitas classes sem qualquer reprovação.

Em 1972, ocorreu na escola uma reunião com os professores para debater a “nova” lei da educação na época: 5692, de onze de agosto de 1971³².

Escola Islâmica do Paraná

Aviso nº. 14

Senhores professores,

Será realizada nessa escola, em data ainda não determinada deste mês, uma reunião presidida pela senhora Inspetora Regional de Ensino – Maria Rocha Kalil. Esta reunião terá por fim esclarecer vários pontos relativos à aplicação da Lei 5692 de 11/8/71, e será no período de aula. Os alunos serão dispensados neste horário.

Peço que providenciem os documentos abaixo relacionados e aguardem a determinação da data, ainda neste semana.

Documentos e material necessário:

³²A lei 5692/71 reformou o ensino primário e médio, sendo sancionada pelo Presidente da República Emílio Médici. Pela nova lei, o ensino uniu o primário e o ginásio (1º a 4º série; 5º a 8º série, respectivamente) criando o 1º grau e o colegial passou a ser chamado de 2º grau.

1. Carteira de identidade
2. Registro das disciplinas no MEC
3. Certificado dos cursos, seminários, simpósios, estágios, etc.
4. Documentos que comprove o salário recebido
5. Lápis e borracha

Curitiba, 07 de novembro de 1972.

Pela diretora – Ermelina Bontorin (LIVRO ATA, 1971).

O ano seguinte marcou o fim da escola, com a sua documentação acabando em dezembro, com o término do ano letivo. Seria possível levantar três hipóteses sobre as possíveis causas desse fim. 1. A dificuldade na adaptação à lei 5692/71; 2. A fundação da Mesquita, local onde a comunidade poderia reunir-se e praticar a sua religião; 3. Desentendimentos entre a comunidade. Essa terceira hipótese é evidenciada nas entrevistas feitas com os protagonistas da escola.

Foi briga interna. Do sheik com alguns membros da sociedade. O motivo da briga, não lembro. Eram desavenças que acabaram influenciando a escola. Lembro que o sheik foi embora para o Egito e, com isso, muitos alunos deixaram a escola. Não era questão financeira, mas de desentendimento das partes. A comunidade permanece unida ainda hoje. Ainda conversamos sobre a escola. Que se ela estivesse em andamento, poderia ser uma universidade. (ZAHRA, 2010).

Infelizmente, tiveram pessoas que não entenderam o real objetivo da escola e não deu certo. Tinha duas alas, que defendiam a diretoria e a escola outra ala que era contra o sheik. Colocavam pessoas sem capacidade para governar. Muita mudança de diretoria fez a escola se enfraquecer. (CHARCHIECH, 2010 – a).

Os desentendimentos entre os próprios membros da comunidade levou a escola à ruína.

Percebe-se nesses relatos, um certo ar de tristeza quando o fechamento da escola é lembrado. O sonho era o de continuar com a instituição de ensino até os dias de hoje, contando até mesmo com o ensino superior. Essas lembranças permeiam os seus atores e fazem-nos desejarem uma nova chance, como a criação de uma nova escola.

3 PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ

Ao longo dos anos de sua existência, a escola foi parte integrante de um contexto maior, muitas vezes diversificado de sua realidade. Esses diferentes modos de observar a educação e os valores, construíram a identidade da instituição e sua cultura escolar.

3.1 CRIAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR ÁRABE ATRAVÉS DE RELATOS

As instituições sociais são bancos de dados cotidianos nos quais encontramos lembranças relatadas por pessoas... Os bancos de dados que cada um de nós somos espera tempos de encontro, no qual narramos nossas histórias, as pertinentes em cada momento, para enlaçar-nos coletivamente. (MEZZANO, 1998, p. 62).

Para Halbwachs (2004), a memória é sempre coletiva, pois nunca estamos sós. O homem é fruto da convivência, mantendo um universo próprio, com sua família, lugares de encontro, etc. Como cada lugar ou pessoa marcou a sua vida? Cada um do grupo vai interpretar os acontecimentos de modos diferentes, dando uma maior ou menor ênfase a determinados detalhes ou particularidades. As referências mudam, sendo construída a memória a partir disso.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, íntimo da pessoa. A idéia de uma memória coletiva deve ser analisada ao apontar que cada um do grupo percebe e lembra-se de acontecimentos de formas diferentes. Deve-se questionar o que a pessoa presenciou e de que maneira o grupo fez com que essa informação fosse armazenada ou silenciada.

Outro fator importante ao estudar memória, é o fator de interesse do pesquisado em relação ao que se pretende descobrir. Cada grupo constrói suas características a partir do que mais se identificam. Além disso, cada um irá tomar decisões diferentes, como parte do processo da vida. Isso vai sendo modificado ao longo dos tempos, construindo quadros de memórias individuais. Thompson assinala que “as palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história” (THOMPSON, 1992, p.41).

O relato dos participantes da história da escola torna-se elemento central para a compreensão de seu processo. Essas lembranças são experiências de como

o espaço escolar foi utilizado e como as normas e regras desse espaço foram sendo construídas e apropriadas.

O resgate da memória coletiva requer a armação de um dispositivo grupal como o obrador, em que se institui, através de ordens particulares, a intenção de recordar sem censuras e muito especialmente tolerando as diversas, antagônicas e plurais recordações. Recordar é uma intenção saudável para as subjetividades pessoais e para os processos históricos das comunidades. (MEZZANO, 1998, p. 72).

Os ex-alunos entrevistados apresentaram diversas características em comum, como a saudades da escola, dos amigos e do ambiente familiar que na instituição era proposto.

A primeira imagem que me vem à mente quando lembro da escola (um suspiro) é a de que eu gostei muito de lá. Eu dei valor depois que sai. É sempre assim, quando se perde uma coisa, se dá valor só mais tarde. Eu odiava ter que ir para a escola árabe, porque éramos obrigadas. Sai de uma escola para ir para lá. Mas depois, quando fui embora, eu fiquei sentindo falta daquilo. Falta dos meus amigos, falta de praticar mais o árabe com meu pai. (ZAHRA, 2010).

Esse relato ajuda a compreender de que maneira os alunos entenderam a escola como uma forma de continuidade da educação domiciliar. Por ser uma instituição de ensino nascida em um berço árabe muçulmano, nada mais coerente que trouxesse de forma intrínseca os valores dessa determinada comunidade.

A escola me influenciou em muitas coisas. Na minha maneira de pensar a educação, porque lá era uma continuação da educação que eu tinha em casa. Meu pai era muito rígido e lá também, então eu não via a diferença. A escola foi uma continuação da educação que eu tinha em casa. Eu fiz isso também com meus filhos hoje. Eu nem sabia que ainda havia esse registro. Fiquei feliz em saber que meu nome está lá. (ZAHRA, 2010).

Durante as entrevistas era comum perceber dois momentos distintos: no início, durante o convite e a explicação sobre o que seria essa conversa e, após, com as lembranças que apareciam a cada pergunta. Foi possível fazer a construção de uma memória que há muito tempo não era resgatada. Certo espanto e depois um ar de satisfação ao relembrar esse importante fato para a preservação de uma cultura. Era como se as idéias fossem surgindo aos poucos, uma parte da vida que estava apenas guardada, mas não esquecida. Sentimentos de amizades, de alegrias

e conquistas. A ideia de ingresso à escola trazia junto à esperança dos pais em perpetuar as tradições e fazer os filhos entenderem a importância desse gesto: de tirar os filhos das escolas que já estavam habituados para iniciar uma nova etapa, mais perto de suas origens. “Tínhamos pouco contato com os pais dos alunos. Em geral eles cobravam muita disciplina e conteúdo.” (BONTORIN, 2011).

Com o fechamento da escola, perdeu-se esse convívio, mas ela sempre ficou na memória de quem por ali passou. “Meus filhos sentiram falta, mas não tinha mais o que fazer. Até hoje eles se lembram da escola, tem os mesmos amigos.” (CHARCHIECH, 2010 – a).

Grande parte dos alunos dirigia-se até à escola em um transporte fornecido pela própria instituição. Esse ônibus, já citado anteriormente, era responsável por levar as crianças que estudavam em bairros não tão próximos. “Com um ano de escola, tínhamos uma Kombi para levar os alunos. Depois era um ônibus, para levar os que moravam mais longe.” (CHARCHIECH, 2010 – a). Pelos endereços relatados, os alunos eram provenientes de diferentes partes da cidade e da Região Metropolitana da capital. Esse auxílio no caminho até a escola servia como um incentivo e reforçava as amizades entre os alunos, característica sempre lembrada nas entrevistas.

Quando lembro de meus melhores amigos, a escola sempre está presente. Podemos até ficar sem nos falar, mas sempre vamos lembrar uns dos outros. E isso foi a escola que nos proporcionou, sem ela talvez mal tivéssemos nos conhecido. A escola era uma diversão para nós. Foi quando começamos a nos preocupar com a nossa cultura, com o que nos deixava unido. Uma coisa era o pai falar em casa que éramos como irmãos, outra é vivenciar isso na prática. (CHARCHIECH, 2010 - b).

Além da professora Ermerlina, a professora Sônia também participou desse trajeto. “Na saída, o ônibus da própria escola entregava os alunos em casa. Muitas vezes também fiz este trajeto.” (SAUKI, 2011).

Mas qual era o diferencial da escola? Para a professora Ermelina,

a começar pela origem dos alunos, pois todos eram pertencentes à comunidade islâmica, a qual tinha o objetivo de alfabetizar as novas gerações na língua árabe, condição de acesso à cultura e inserção religiosa. Outro fator diferencial é a economia que implicava numa organização pobre a escola, muito próxima ao emergente. (BONTORIN, 2011).

Duas características fundamentais da escola eram a origem dos alunos e a difícil condição financeira que vivia a comunidade na época. A escola surgiu como um sonho, mas que seria difícil de ser realizado em sua plenitude.

Ao entrevistar algumas ex-diretoras da escola, percebe-se uma noção de tranquilidade durante os dias letivos e de união dos funcionários e alunos como uma família.

Na hora do lanche, todos os alunos ficavam juntos. Como se todos fizessem parte de uma mesma família. Realmente, não dava a impressão de uma escola. Éramos todos unidos, como se todos, alunos e professores, ajudassem a manter a escola funcionando. (FRIEDLAUDER, 2010).

Eu não era curitibana. Mas me recordo que havia respeito e consideração pela cultura árabe. Apenas pensavam, muitas vezes, erroneamente, que eles eram "turcos". Precisei sempre explicar a diferença entre sírios e turcos... (SAUKI, 2011).

Algo triste durante a pesquisa foi a descoberta do falecimento da primeira diretora, a professora Lorys Jorge Marchenisi, com 93 anos. Na nota de seu falecimento publicado no jornal Gazeta do Povo, foi feita uma referência à escola, porém citando-a com o nome da atual instituição.

Figura paranaense conhecida, atuou em quase 30 entidades associativas, culturais e feministas, principalmente vinculadas à filantropia. Exerceu o magistério por mais de 40 anos em escolas públicas de ensino médio e no Instituto de Educação. De ideias arrojadas, no princípio dos anos 70 foi a primeira professora de Técnica em Turismo no primeiro curso para formação de pessoal de nível médio, no Colégio Estadual Lamenha Lins. Aproveitou a experiência de quando, nos anos 50 auxiliou seu marido, o advogado Waterloo Marchesini nas pesquisas solicitadas pelo então governador Moisés Lupion, quanto às potencialidades turísticas do estado. Foi presidente durante cinco anos do Clube dos Soroptimistas, sendo sua delegada internacional. De ascendência árabe, cristã-ortodoxa, Loris dirigiu a Escola Árabe Brasileira. Trabalhou pela construção de bases de convívio harmonioso dos imigrantes que escolheram o Paraná, procurando preservar a cordialidade tanto entre as correntes xiitas e sunitas, quanto entre muçulmanos e cristãos. (GAZETA DO POVO, 21/02/2009).

Essa passagem de Loris pela escola teve uma grande importância para a sua vida que mereceu uma nota no jornal, que fora escrito pelos seus filhos. A união de muçulmanos e cristãos, uma boa convivência, na nova fase da vida dos que vieram para Curitiba, pode ter como primeiro passo o seu trabalho na escola. A escola que fora criada por esses imigrantes, embora muçulmanos, mas inseridos em

uma comunidade majoritariamente cristã. O convívio, como buscou Loris, poderia ser pacífico e amistoso.

O cotidiano da escola era marcado pela disciplina, por rígidos horários e pelo crescimento das professoras da instituição.

Quando chegava “esbaforida”, pois cursava pedagogia na UFPR e não havia ônibus para acesso a essa região. Então, saía às 12h e entrava às 13h. No trajeto da Reitoria até a Rua Dr. Keller, passava pela loja Americana para pegar um cachorro quente ou então as colegas que chegavam antes na escola, cozinhavam alguns ovos para a gente se alimentar. Pontualmente às 13h soava a sirene, o Sheik ou a diretora da escola (Gilda) formava a fila dos alunos que desciam para as salas. Nós deveríamos estar na sala. Havia um recreio e as aulas de Educação Física e de árabe. O restante do tempo era com cada professor. Havia aula só à tarde no horário das 13h às 17h. Só havia uma turma para cada série desde o Jardim de Infância até a 5ª série. (BONTORIN, 2011).

A professora Ermelina Bontorin, ainda acadêmica na época da escola, relatou a cumplicidade entre as colegas e certa emoção em dar aula na instituição. Era uma tarde de experiências, de aprendizado. Caminhando a pé até a escola, a professora relata um pouco de Curitiba na época, como as Lojas Americanas, que era conhecida como um local bem movimentado.

Curitiba era linda, como não o é hoje. Não havia "shoppings centers", as lojas eram no centro, refinadas, lembro que as "Lojas Americanas" servia almoço e lanches deliciosos. Havia cinemas no centro da cidade muito bem frequentados. Havia já o Teatro Guaíra. Para mim, Curitiba foi linda nesta época como nunca. (SAUKI, 2011).

As duas professoras, sendo entrevistadas em momentos diferentes, citaram as Lojas Americanas como um caminho entre o almoço e o início das aulas na escola.

Mesmo sem propagandas de seu funcionamento nos veículos de comunicação da cidade, a escola começou a ser conhecida aos poucos, com as recomendações de pessoas que passaram a divulgá-la.

Eu trabalhava com uma amiga em uma agência de viagens, que me falou que tinha visto uma escola recém-aberta na Rua Kellers. Como tinha acabado de me formar, isso em 1970, fui até à escola e comecei a lecionar. Trabalhava de manhã na agência e à tarde na escola. (FRIEDLAUDER, 2010).

Uma figura sempre lembrada era a do sheik Mohamed Hussam Iddin, aparecendo como alguém que cuidava da parte religiosa da escola, mas tentava manter distância dos assuntos educacionais. Quando perguntado sobre a participação dele nas decisões internas da instituição, a ex-diretora Gilda Maria Souza Friedlauder afirmou que

O sheik sempre estava junto aos professores, mas não tomava partido das nossas decisões. Era ele quem fazia o convite para quem deveria ser a diretora e, o fato de terem havido muitas, era justificado com a idéia de todos participarem plenamente da administração da escola. (FRIEDLAUDER, 2010).

Esse relato pode explicar o fato da grande rotatividade de diretoras presentes na escola, como já fora citado no Capítulo 2. Porém, isso enfraqueceu a educação, uma vez que não era possível afirmar com clareza quem estava à frente do comando da instituição. Tanto que, os ex-alunos entrevistados referem-se ao sheik quando se lembram de quem liderava a escola.

O sheik foi o responsável por ensinar aos alunos dois hinos: o nacional e um que descrevia a importância do país que agora os imigrantes habitavam e da escola.

Hino da Escola Islâmica do Paraná

Sou muçulmano brasileiro

Gosto muito de estudar

Gosto do Brasil, da minha família e de todas as pessoas

Gosto da minha escola porque aqui eu aprendo a respeitar

(...)

Sou muçulmano brasileiro com muito orgulho

Gosto da minha escola e de estudar

Os alunos cantavam três vezes por semana, no mínimo. Esse ritual era feito na escadaria da escola. Depois vinha o hino nacional. Quem ensinava tudo isso era o sheik. Ele acompanhava sempre o canto. (ISKANDAR, 2011).

Esse hino representava a ambição dos muçulmanos: vontade de adaptação na nova terra, não esquecendo a religião e seus valores (família, estudo, respeito).

Isso era sempre reforçado, deixando implícita a importância da escola como um meio para que tudo isso pudesse acontecer.

A foto abaixo mostra um destes momentos. Mesmo sendo datada após o fechamento da escola, as crianças perfiladas estudaram na escola e, ainda voltavam até o seu ambiente para cantar o hino. À frente, o sheik comandava esse momento, enquanto os mais velhos acompanhavam de longe. Provavelmente havia outras crianças a mais, porém foram cortadas da imagem. Esse pátio localizava-se entre a escada que levava às salas de aula, abaixo, e o jardim da escola, acima. Os meninos e as meninas estão juntos, de forma que os menores ficaram à frente. Não são observadas vestimentas próprias da religião, a não ser as do sheik. Os adultos encontram-se fora da cena principal, olhando as crianças e adolescentes. Tem crianças sorrindo, outras atentas ao sheik, lendo o papel em mãos (poucas com esse papel) ou conversando com o colega ao lado. Isso indica duas hipóteses: ou estavam no início da preparação da oração ou no seu término.



IMAGEM 2 – Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.
FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

O sheik passou a ser não somente o líder religioso, mas o professor principal, aquele que ensinava valores, bem parecidos com os que os alunos tinham em casa.

O Sheik era uma pessoa interessantíssima, ditatorial, exigente, autoritário, assim como pai, amigo. Sua relação com os docentes e discentes era também assim. Muitas vezes era necessário dialogar bastante para conseguir algo simples. (...) Apesar de haver diferenças e algum atrito em meu relacionamento profissional com o sheik, tenho lembranças agradáveis. (SAUKI, 2011).

A diretora Sônia Sauki permaneceu somente por quatro meses na escola. Era recém-chegada a Curitiba, vinda de Santa Catarina, e encontrou um anúncio no jornal onde a escola estava contratando uma coordenadora pedagógica. “Lembro-me que a Escola era muito bonita, com jardim, as classes, pátio, auditório, a sala do Sheik e a minha sala.” (SAUKI, 2011). Diferentemente da professora Ermelina Bontorin, a catarinense Sonia não conseguiu se adaptar na escola. “Já tinha um bom alicerce e uma boa experiência profissional em Santa Catarina e o tempo nesta escola foi muito curto. O salário era baixo, então procurei outros rumos.” (idem, 2011).

Quando o tema “salário” é lembrado, duas questões entram em cena: ele era insuficiente e difícil de ganhar. Insuficiente até porque a escola não apresentava um grande número de alunos, sendo mantida pela Sociedade, com poucos anos de funcionamento. A comunidade não tinha todo o dinheiro necessário para manter uma instituição de ensino funcionando corretamente. A outra questão, sobre dificuldade de ganhar o salário é relacionado com a forma de recebimento dos funcionários.

Nós professoras éramos muito amigas e lutávamos juntas pelo minguado salário, pois não era o Sheik que nos pagava, mas a diretoria da sociedade. Não havia um local certo, então ficávamos a cada final de mês percorrendo as lojas, como se estivéssemos mendigando. O responsável nunca estava e nos mandavam para outra loja. (BONTORIN, 2011).

A Sociedade, mantenedora da escola, era também responsável pelo pagamento dos funcionários, incluindo o dos professores. O salário não era pago em uma conta bancária ou na escola, eram os membros da Sociedade, grande maioria trabalhando como comerciantes, os responsáveis pela folha de pagamento. As

professoras, no final de cada mês, percorriam o centro da cidade, de loja em loja, atrás de seus salários. Isso mostra a ausência de uma organização financeira, criando uma descrença em relação à escola. “Também me lembro da grosseria de alguns homens com quem tínhamos relações trabalhistas que nos tratavam como “escravas”. Não por parte do Sheik, mas da contabilidade da sociedade.” (BONTORIN, 2011).

Além disso, os professores trabalhavam com carteira assinada, mas eram dispensados no final do ano letivo e recontratados no ano seguinte. “Trabalhei por três anos letivos, porém na carteira de trabalho constam 30 meses, pois sempre éramos despedidos nas férias e recontratados no início do outro ano.” Com isso, férias e diversos direitos trabalhistas não eram pagos aos funcionários, amenizando os problemas financeiros da Sociedade.

Apesar de a escola ter como base a religião islâmica, lá dentro as obrigações cumpridas eram semelhantes às outras escolas. No final do ano letivo, eram feitas festas de despedidas dos alunos e funcionários.

Algo que nunca mais foi esquecer foi uma festa surpresa de despedida que os alunos fizeram para mim, quando era diretora. Quando cheguei à escola, eles tinham preparado presentes, frases falando sobre mim, estavam todos reunidos. Até as famílias estavam junto, o que me fez sentir-me muito importante. (FRIEDLAUDER, 2010).

O primeiro impacto na cidade não aconteceu somente com os imigrantes. A professora Ermelina também sentiu como era viver em um lugar diferente.

O trabalho na Escola Islâmica foi o meu 1º emprego em Curitiba. Cheguei em meados de janeiro de 1970, vim morar com uma tia, pois meus pais moravam no norte do Paraná. O meu objetivo era o de cursar a faculdade e para isso precisava trabalhar. O anúncio foi publicado no jornal na semana seguinte à minha chegada e tive a sorte de ser bem aceita pelo Sheik, talvez pelo meu jeito mais tímido estar mais em acordo com o modo da mulher se comportar na sua cultura. Assim, minhas lembranças são muito boas porque esse tempo me propiciou a realização do projeto de vida: ambientar-me na cidade, estabelecer vínculos profissionais e de amizade e ingressar no curso de Pedagogia da UFPR. (BONTORIN, 2011).

A ambientação também fez parte da vida da professora e, por ter sido sua primeira experiência como docente, a escola ficou marcada em sua vida. A escola acabou influenciando sua vida, lhe ensinando uma cultura diferente, em uma cidade diferente.

O atual presidente da Sociedade, Jamil Iskandar, participou dessa etapa de sua comunidade.

Eu era o faz-tudo na escola. Cheguei até a dirigir a condução com os alunos. No ônibus estava escrito “Escola Islâmica do Paraná”. Não ganhava nada. Realmente servia à Sociedade. Servir com a intenção de preservar culturalmente a comunidade muçulmana em Curitiba. Eu era jovem, tinha 22 anos. Mas depois me afastei, fui fazer faculdade, trabalhar. Quando voltei, a escola estava fechada, a Sociedade estava sem presidente. (ISKANDAR, 2011).

Esse empenho pode ser notado quando outros membros da Sociedade foram questionados sobre a escola. O ideal era servir aos recém-chegados, ajudar na formação das novas gerações.

Quando a escola começou, era o orgulho de todos nos. Uma realização. Só se falava da escola. A esperança da preservação estava ali. Quando fechou foi traumático. Até hoje tem pessoas que não aceitam isso. A partir dessa época, criou-se uma cisão entre as pessoas. Foi briga por poder, por liderança. Os alunos adoravam a escola. Os alunos e seus familiares estavam, através da escola, reivindicando a cultura religiosa deles. Os documentos, como as fotos da escola, ou alguém deu sumiço ou não está mais no Brasil. Tudo acabou se perdendo. (ISKANDAR, 2011).

Essa sensação de incapacidade de concretizar os sonhos da primeira geração de imigrantes em Curitiba nunca foi esquecida. Uma nova tentativa teve início em 2006, com a inauguração da Escola Brasileira-Árabe, no mesmo local da anterior.

As entrevistas feitas por correio eletrônico poderiam representar um distanciamento entre ambos os lados, mas não foi o que ocorreu. O primeiro contato, explicando quais eram os objetivos do trabalho e questionando se poderia fazer algumas perguntas sobre a escola sempre retornaram com indagações como: “Como você sabe sobre mim?”, “Por que você quer escrever sobre algo que já passou a tanto tempo?”. Depois de várias explicações, o roteiro era enviado e respondido logo em seguida por uma parte dos protagonistas. Durante a leitura das respostas foi possível perceber a nostalgia pela qual o entrevistado deve ter passado, ao lembrar-se de Curitiba, de sua vida naquela época. Foi como se pudessem analisar a situação com outros pontos-de-vista, já mais amadurecidos e conscientes de suas atuações.

Devido a minha pouca experiência como educadora, naquela época e também pelo contexto histórico (regime militar) não aproveitei o tanto que poderia ter aproveitado para me aprofundar nesse aspecto. Hoje, percebo que o objetivo era a preservação de uma cultura e para a comunidade, na época, era essencial por causa do domínio do idioma islâmico. (BONTORIN, 2011).

Os papéis desempenhados pelos protagonistas da Escola Islâmica do Paraná revelam a integração entre dois grupos distintos. De um lado, as pessoas que já estavam estabelecidas na cidade, com sonhos profissionais referentes à educação, com uma nova experiência pela frente; e de outro, imigrantes e seus filhos, com o sonho de guardar as tradições e se integrar a um novo espaço, através da educação. A escola era o centro de tudo isso, acreditando-se ser através do ensino a possibilidade de eternizar uma cultura, um modo de vida e de uma crença.

A cidade de Curitiba, durante o funcionamento da Escola Islâmica do Paraná, foi relembrada pela professora Ermelina, uma estrangeira nessas terras.

Nos anos 70 Curitiba estava implantando um de seus planos pilotos de urbanização, expandindo o comércio do anel central para os eixos norte-sul, 1ª linha estrutural de transporte coletivo. Assim, a comunidade islâmica constituída em sua maioria por comerciantes também estava se ampliando, diante das novas oportunidades. O comércio do centro girava em torno de produtos de vestuário (lojas de tecido, calçados, oficinas de costura rápida), armarinhos, eletro domésticos, móveis, papelarias, livrarias... e se organizava em lojas – pequenas em sua maioria. Havia poucas lojas de departamentos e não havia Chopin Center. O comércio de máquinas e equipamentos localizava-se nas ruas mais próximas da antiga rodoviária (Guadalupe) e Ferroviária. O comércio de alimentos era bem reduzido. Não havia tanta demanda como hoje por alimentação rápida. Havia os cafés (confeitaria das famílias) a loja Americana (coqueluche da época para os estudantes), o supermercado Demeterco (Praça Tiradentes). O EIXO central para referência em Curitiba estava nas Praças: Tiradentes, Generoso Marques, XIX de Dezembro, Zacarias, Ozório e Rui Barbosa, bem como nas Ruas XV de novembro, Marechal Floriano Peixoto e Marechal Deodoro. Conhecendo esses logradouros era possível circular por toda cidade. O transporte coletivo tinha seus pontos nesses espaços. O centro político era a Rua Cândido de Abreu, estrutura nova e ampla para a época. As secretarias de Estado estavam localizadas no anel central, tanto que a educação estava na praça da sinagoga, Rua Ébano Pereira com Saldanha Marinho. O governo municipal estava concentrado no Palácio 29 de março. Cabiam todos lá, inclusive com uma sala de aula para treinamento do pessoal, no subsolo. O desenvolvimento cultural estava concentrado em duas grandes instituições a UFPR e a Faculdade Católica. As livrarias mais conhecidas eram a do Chain, a Curitiba, as Paulinas e a Vozes. Havia a papelaria Requião na Dr. Murici. A biblioteca pública era ponto obrigatório de todos os amantes da leitura. Bem, vou parar aqui devido ao tempo, mas lembrar Curitiba é uma paixão. (BONTORIN, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à fragilidade e escassez das fontes sobre a imigração árabe no Brasil e o funcionamento da Escola Islâmica do Paraná, estas se tornam pedras preciosas quando encontradas.

Nas instituições escolares, o que se observa é o desejo de poucos de preservar a documentação. Ocorre o silêncio da instituição, onde é preciso muito trabalho do pesquisador em resgatar essa memória. Para contar a história da Escola Islâmica do Paraná, esse resgate precisou ser feito, uma vez que contava com poucos documentos escritos.

Aspectos como a frequência escolar, os conteúdos curriculares, os rituais escolares, devem ser discutidos para explicar determinados fenômenos educacionais de constituição histórica. As instituições de ensino mostram suas particularidades, mesmo fazendo parte de um contexto geral. Na escola pesquisada, são refletidas em sua filosofia as influências do ideário cultural e religioso de seus fundadores. A doutrina islâmica fundamenta o ensino, guiando a estrutura e o espaço ao qual a escola pertence.

Para a comunidade estudada a escola seria, e ainda é, um local que vai além do processo ensino-aprendizagem. Caracteriza-se por um instrumento de agregação de valores árabe muçulmanos, sendo um desejo de retomada da história dessa comunidade na cidade. O que ocorreu nos quatro anos de funcionamento da escola foram tentativas, erros e acertos, na educação, colocando acima de tudo a comunidade árabe muçulmana que passou a residir na cidade de Curitiba. Sonhos, desejos e decepções marcaram essa “primeira” etapa de adaptação do grupo em uma terra estranha.

A escola marca a presença de seus imigrantes sendo a primeira experiência no Estado. Outras escolas surgiram no Brasil, algumas desapareceram outras existem até os dias de hoje. O valor está na tentativa de manter o aprendizado que teve início na terra natal e no coração de cada imigrante que chegou a cidade.

Este estudo revela que a noção de enraizamento e de pertencimento faz parte dessa comunidade na capital paranaense. A importância da manutenção da tradição e da religiosidade trazida pelos imigrantes faz com que os descendentes partilhem o sistema ideológico mesmo fora de seu local de origem. A cultura escolar da instituição traz um sistema de concepções herdadas, expressas em formas

simbólicas, como o ensino da língua e da religião, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

FONTES ESCRITAS

Documentos escolares

LIVRO DE CHAMADA, 1969-1972.

LIVRO DE FREQUÊNCIA, 1969.

LIVRO DO JARDIM DE INFÂNCIA, 1969.

ATA DE EXAMES, 1969.

LIVRO FINANCEIRO, 1970.

LIVRO DE CONTAS, 1970.

ATAS DE EXAMES FINAIS, 1970.

REGISTRO DE ALUNOS, 1971.

LIVRO DE FREQUÊNCIA, 1971.

LIVRO DE ATAS E REUNIÕES, 1971.

TERMO DE ABERTURA, 1971 (LIVRO EM BRANCO).

LIVRO DE EXAMES, 1971.

REGISTRO DE COMPRAS, 1971.

LIVRO DE AVISOS, 1971.

LIVRO PONTO, 1971 (COM ATESTADOS MÉDICOS).

LIVRO PONTO, 1971.

ESCOLA BRASILEIRA-ÁRABE. Projeto Político Pedagógico, 2003.

Diário Oficial

Diário Oficial. Data: 31 de dezembro de 1968. Local: Biblioteca Pública do Paraná.

Plantas

Plantas arquitetônicas da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná. Local: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.

Internet

Memorial do Imigrante. Disponível em <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historico/index.htm>> Acesso em: 10 abr. 2009.

Arquivo Público do Paraná

Livros de Registro de Naturalização do Departamento do Interior e Justiça do Paraná - códices 817 a 1100. Arquivo Público do Paraná.

Atas

Atas de Assembleias da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná – julho de 1957 a dezembro de 1975.

Jornal

Gazeta do Povo. Edição do dia 21 de fevereiro de 2009. Local: Biblioteca Pública do Paraná.

FONTES ORAIS

BONTORIN, Ermelina. Ex-professora e diretora da Escola Islâmica do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

CHARCHIECH, Mahoumod (a). Ex-membro da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná e pai de três alunos da Escola. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

CHARCHIECH, Saada (b). Ex-aluna da Escola Islâmica do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

CURI, Kamal. Arquiteto responsável pelo projeto da Escola e da Sociedade. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

FRIEDLAUDER, Gilda Maria Souza. Ex-diretora da Escola Islâmica do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

ISKANDAR, Jamil. Presidente da Sociedade Beneficente do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

SAUKI, Sônia Hey. Ex-diretora da Escola Islâmica do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

ZAHRA, Ática. Ex-aluna da Escola Islâmica do Paraná. Entrevista concedida a Wanessa Margotti Ramos Storti. Curitiba, 2011.

REFERÊNCIAS

AL-BAZZAZ, Abd Ar-Rahman. **Islam and arab nationalism**. Die Welts des Islams, vol. 3, 1954, p. 201-218.

AL-FURATI, Fadel. **Fátima y la Virgen Maria**. República Islámica de Irán: Fundación Cultural Oriente, 2006.

ALMEIDA, Djair Lázaro de. **Educação Moral e Cívica na ditadura militar: um estudo de manuais didáticos**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCar, 2009.

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

BALHANA, Altiva.; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, v. 1. 1969.

BLEY, Lineu. **Percepção do Centro de Curitiba: as imagens de antigos moradores**. In: Anais da XIX Reunião da SBPH/Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba: SBPH, 1999, pp. 229-230.

BUFFA, Ester. **História e filosofia das instituições escolares**. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JR., Décio (Orgs.). Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002.

BURKE, Peter. **Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro**. In: A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CARLOTO, Denis Ricardo; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **O espaço de representação da comunidade árabe-muçulmana de Foz do Iguaçu-Paraná**. Núcleo de Estudos em Espaços e Representações: UFPR, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

FARAH, Paulo Daniel. **Árabes viraram 'turcos' no Brasil**. Artigo publicado em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29778.shtml>. 2008. Acesso em 23 de set. 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios**. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FURET, François. **A oficina da história**. Lisboa, s.d., v. 1.

GATTAZ, André. **Imigração Libanesa para o Brasil**. In: Brasil. Ministério das Comunicações. Correios. Imigração Libanesa para o Brasil (Emissão Especial). 2002.

_____. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. Gandalf: São Paulo, 2005.

GATTI JR, Décio; OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico**. Cadernos de História da Educação, v.1, nº. 1, jan-dez, 2002, p. 73-76.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattani. **Memórias da imigração**: libaneses e sírios em São Paulo. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

HAIJAR, Claude. **Imigração árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio de um tradutor. In: DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ISKANDAR, Jamil. **A mesquita** - O berço das escolas árabes. Maringá: Revista Geonotas, Jul/Ago/Set, v.3, 1999.

JORGE, Salomão. **Álbum da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil**. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira. [19--].

KHATLAB, Roberto. **Brasil – Líbano**: amizade que desafia a distância. Bauru: EDUSC, 1999.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e libaneses**: mobilidade social e espacial. São Paulo: ANHAMBI, 1955.

KOSSOY, Bóris. **Fotografia e imagem: reconstituição por meio da fotografia**. In: SAMAIN, E. (Org.). **O Fotógrafo**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LAMB, Robert Edgar. **Uma jornada civilizadora**: imigração, conflito social e segurança pública na Província do Paraná – 1867 a 1882. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LIMA, Claudia. **O Islamismo na África**. Artigo publicado em: http://www.claudialima.com.br/pdf/O_ISLAMISMO_NA_AFRICA.pdf. Acesso em 23 de set. 2010. 2004.

LISSOVSKY, M. **Sob o signo do “clic”:** fotografia e história em Walter Benjamin. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.). Desafios da imagem: fotografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas: Papirus, 2001.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão no califado de Socoto.** In FLORENTINO, Manolo e MACHADO, Cacilda (Org.). Ensaio sobre a escravidão (I). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LOZANO, J. E. **Práticas e estilos de pesquisa na História oral contemporânea.** In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (orgs.) Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MAGALHÃES, Justino. **História das instituições educacionais em perspectiva.** In: GATTI JR., Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org.). História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Contributo para a história das instituições educativas: entre memória e o arquivo.** In: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (orgs.). Braga, Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação, 1999.

MAZLOUM, Sheik Ahmad Osman. **A educação espiritual no Islam.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

MEZZANO, Alicia Corválen de. **Lembranças pessoais – memórias institucionais: para uma metodologia de questionamento histórico-institucional.** In: BUTELMAN, Ida (org.). Pensando as instituições: teorias e práticas em educação. Porto Alegre, Artmed, 1998, p. 35-66.

MICHAELE, Faris Antonio S. **Formação étnica do Paraná.** In: EL-KHATIB, Faissal (Cord.). História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969.

MONTENEGRO, Silvia Maria. **Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização.** Lusotopie 2002/2: 59-79.

MOTT, Maira Lúcia. **Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. 500 anos do povoamento do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

MORGAN, Willian; ARMER, Michael. **Islamic and western educational accommodation in a west african society: a cohort-comparion analysis.** American Sociological Association, vol. 53, nº 4, 1988, p. 634-639.

NASSER, Omar. **O crescente e a estrela na terra dos pinheirais: os árabes muçulmanos em Curitiba (1945-1984).** 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história.** A problemática dos lugares. In: Revista Projeto História. São Paulo: PUC-SP, v. 10, 1993.

OSMAN, Samira Adel. **Caminhos da imigração árabe em São Paulo: história oral de vida familiar**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, V.I.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. **Imigração**. In: FAUSTO, Boris (Coord.). História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil republicano. Rio de Janeiro: Difel, 1978, tomo 3, v. 2.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?** Educar em Revista. Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar. Curitiba: UFPR, nº. 18, 2001.

RASHID, Hakim; MUHAMMAD, Zakiyyah. **The Sister Clara Muhammad Schools: Pioneers in the development of Islamic education in America**. The Journal of Negro Education, vol. 61, nº 2, 1992, p. 178-185.

SAFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil (1880 – 1971)**. São Paulo: USP, 1972.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **Da imigração à fundação do Clube Sírio-Libanês**. Curitiba: Edição do Coordenador, 2002. p. 25-26.

_____. **Migrações do Passado e do Presente: uma análise de gênero, etnicidade e preconceitos**. UFPR. Artigo publicado em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marcia_Siqueira_55.pdf. 2004. Acesso em: 24 mar. 2009.

SILVA, Edevaldo Alves. **História da imigração no Brasil**. São Paulo: SNDCB, 1986.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária**. Educar em Revista, 2001, n. 18.

STEWART, Desmond. **The Arab world**. New York: Time Inc. Book Division, 1962.

TEIXEIRA, Heitor Duarte. **Uma visão perspectiva das leis de restrição à imigração no Brasil (1920-1940)**. XIII Encontro de História – Anpuh. Rio de Janeiro, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRUZZI, Oswaldo. **A vinda de libaneses e sírios ao Brasil**. Painel VII - Cultura e imigração árabes: influência na sociedade brasileira. Relações entre o Brasil e o mundo árabe: construção e perspectivas, 2000.

_____. **Presença árabe na América do Sul**. UNISINOS: Vol. 11, nº. 3. Setembro/dezembro de 2007.

_____. **Educar na religião:** Desafios para a transmissão de valores entre muçulmanos em São Paulo. CADERNOS CERU, v. 19, n. 2, dezembro de 2008 (a).

_____. **Sociabilidades e valores: um olhar sobre a família árabe muçulmana em São Paulo.** Dados v.51 n.1. Rio de Janeiro, 2008 (b).

UTHMAN, Fuad. **Exporting architectural education to the arab world.** Blackwell Publishing, vol. 31, nº 3, 1978, p. 26-31.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920.** In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org.) Cinco estudos de História e Historiografia da Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIÑAO, Antonio. **El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico.** In: Contemporaneidade e Educação (Temas de História da Educação). Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura da Educação, nº. 7, 2000.

WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Os muçulmanos no Brasil:** elementos para uma geografia social. Artigo publicado em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n2_Waniez%20e%20Brustlein.pdf. Acesso em: 02 abr. 2010.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **História das instituições escolares: de que se fala?** In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. **Espaço escolar e história das instituições escolares.** Curitiba: Diálogo Educacional, v.7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

WRIGHT, Theodore. **Muslim education in Índia at the crossroads: the case of Aligarh.** Pacific Affairs, vol. 39, nº ½, 1966, p. 50-63.

YKEGAYA, Tupiara. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu: a construção de uma identidade étnica.** Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2006.

APÊNDICE**ROTEIRO PARA ENTREVISTA NÚMERO 1****NOME COMPLETO:****ANO QUE PARTICIPOU DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANA:**

1. Qual o seu país e cidade de origem?
2. Quando chegou em Curitiba, onde foi morar? Havia outros imigrantes árabes muçulmanos nas proximidades da sua casa?
3. Qual a reação dos habitantes em relação às suas práticas religiosas?
4. Como analisaria o convívio com a colônia árabe?
5. Em sua opinião, qual a importância da Sociedade Beneficente Muçulmana para a comunidade islâmica curitibana?
6. Que lembrança tem do convívio familiar?
7. Quando pensa na Escola Islâmica do Paraná, qual lembrança vem a mente?
8. De que maneira a escola influenciou a sua vida?
9. Como seus pais viam a escola?
10. Como é a educação de seus filhos hoje?
11. Qual foi a importância da escola para a comunidade na época?
12. Onde você foi estudar após o fechamento da escola?
13. Como você lembra-se de Curitiba na época?
14. Como era o dia-a-dia da escola?
15. Onde viveu a infância: lembranças da rua, dos amigos do bairro, das brincadeiras, do jardim de infância; como era a convivência com as outras crianças, os amigos não muçulmanos?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA NÚMERO 2**NOME COMPLETO:****FUNÇÃO NA ESCOLA:****ANO QUE PARTICIPOU DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANA:**

1. Como você tomou conhecimento da escola?
2. Quanto tempo você trabalhou lá?
3. Qual era a relação do sheik com os docentes e discentes?
4. Como era o cotidiano na escola?
5. O que você lembra-se da estrutura da escola?
6. Como analisaria o convívio dos curitibanos com a colônia árabe?
7. Quando pensa na Escola Islâmica do Paraná, qual lembrança vem a mente?
8. De que maneira a escola influenciou a sua vida?
9. Como os pais dos alunos viam a escola?
10. O que a Escola Islâmica tinha de diferente das outras escolas?
11. Qual foi a importância da escola para a comunidade na época?
12. Como você lembra-se de Curitiba na época?

TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento eu, _____, RG _____, CPF _____, residente na rua _____, número _____, complemento _____, cidade de _____, Estado _____, declaro ceder à pesquisadora Wanessa Margotti Ramos Storti, RG 6.105.396-4, CPF 032.713.469-09, sem quaisquer restrições aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do conteúdo depoimento de caráter histórico e documental que prestei em _____(data), num total de _____ minutos e _____ segundos gravados. Fica conseqüentemente autorizada a pesquisadora a utilizar, publicar e divulgar, para fins exclusivamente acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, na íntegra ou em parte, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade na indicação de fonte e autor.

Curitiba, ___ de _____ de 2011.

Assinatura do cedente: _____

ENTREVISTA

NOME COMPLETO: Ermelina Generosa Bontorin Thomacheski

FUNÇÃO NA ESCOLA: Na Escola Islâmica do Paraná fui professora da 5ª séries (admissão). Atualmente sou Professora da PUCPR e da Faculdade Arquidiocesana de Filosofia.

ANO QUE PARTICIPOU DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ: 1970

1. Como você tomou conhecimento da escola?

Por anúncio de jornal, onde havia oferta de emprego.

2. Quanto tempo você trabalhou lá?

Três anos letivos, porém na carteira de trabalho constam 30 meses, pois sempre éramos despedidos nas férias e recontratados no início do outro ano.

3. Qual era a relação do sheik com os docentes e discentes?

O Sheik mantinha relações de autoridade com toda a comunidade escolar. Foi ele que me contratou e definiu as normas de conduta. Ele também era responsável pelas aulas da língua árabe em todas as turmas. Ele sempre recebia os alunos na entrada com a habitual saudação “Salon aleicon” (não sei se é assim que se escreve), cujo sentido é “A paz esteja com você”. Na 5ª série sempre solicitava cópia dos conteúdos de história porque queria saber como tratávamos os temas referentes ao povo islâmico no contexto das grandes navegações, por exemplo. O 1º Sheik que conheci tinha uma família numerosa e uma de suas filhas foi minha aluna. Ele tinha projetos e queria que a IEMEN (1º nome da minha aluna) cursasse a faculdade de letras no Cairo e fosse professora de literatura brasileira.

Em final de 1971, houve mudança de Sheik. O novo Sheik era muito jovem, ainda não tinha família e a convivência era menos confiável.

4. Como era o cotidiano na escola?

Quando chegava “esbaforida”, pois cursava pedagogia na UFPR e não havia ônibus para acesso a essa região. Então, saía às 12h e entrava às 13h

No trajeto da Reitoria até a Rua Dr. Keller, passava pela loja Americana para pegar um cachorro quente ou então as colegas que chegavam antes na escola, cozinhavam alguns ovos para a gente se alimentar.

Pontualmente às 13h soava a sirene, o Sheik ou a diretora da escola (Gilda) formava a fila dos alunos que desciam para as salas. Nós deveríamos estar na sala. Havia um recreio e as aulas de Educação Física e de árabe. O restante do tempo era com cada professor. Havia aula só à tarde no horário das 13h às 17h. Só havia uma turma para cada série desde o Jardim de Infância até a 5ª série.

Não havia reuniões de planejamento. Havia uma exigência inicial que cada professor tivesse especialização para a série onde atuava e um pressuposto tácito de que cada um teria a competência para tal. Assim, todos os professores haviam cursado ou estavam cursando os cursos de especialização ofertados pelo Instituto de Educação do Paraná.

No final da aula, grande parte dos alunos vinha no ônibus da escola. Durante o ano de 1970 eu acompanhava o ônibus para entregar os alunos pela cidade.

Às 6ª feiras os homens tinham suas orações no salão às 12h; Então quando chegávamos aos dirigíamos diretamente para as salas de aula.

Nós professoras éramos muito amigas e lutávamos juntas pelo minguido salário, pois não era o Sheik que nos pagava, mas a diretoria da sociedade. Não havia um local certo, então ficávamos a cada final de mês percorrendo as lojas, como se estivéssemos mendigando. O responsável nunca estava e nos mandavam para outra loja.

5. O que você lembra-se da estrutura da escola?

Na época ainda não havia a mesquita, apenas o prédio da sociedade que era uma estrutura de três pisos. No térreo havia a secretaria, a residência do Sheik – com entrada independente- uma recepção e uma biblioteca; no 1º andar uma grande sala, onde eram realizadas as orações e cerimônias da sociedade, de acesso restrito aos homens; as salas de aula ficavam no subsolo. Na frente da sociedade havia uma área ampla, onde os alunos realizavam as atividades de recreação.

A estrutura administrativa contava com o Sheik, uma secretária e diretora, um contador, um atendente e segurança, uma cantineira e servente, um motorista e os professores. Era tudo muito direto e pouco formal.

6. Como analisaria o convívio dos curitibanos com a colônia árabe?

Havia preconceitos e resistências de ambas as partes. Talvez por falta de conhecimento da cultura.

7. Quando pensa na Escola Islâmica do Paraná, qual lembrança vem à mente?

Lembro-me das conversas com o Sheik sobre a cultura islâmica. Ele era muito culto e fazia questão de chamar atenção para a influência árabe na cultura ocidental. Lembro-me que ele me explicou a origem de meu sobrenome (Bontorin) e disse que com certeza eu teria ascendência árabe por o sufixo “in” é próprio dessa cultura e que foram os árabes que colonizaram a península ibérica.

Também me lembro da submissão das mulheres, todavia era uma submissão protegida e aceita por elas como normal. Não havia revolta por parte das alunas, mas aceitação desses valores.

Também me lembro da grosseira de alguns homens com quem tínhamos relações trabalhistas que nos tratavam como “escravas”. Não por parte do Sheik, mas da contabilidade da sociedade.

8. De que maneira a escola influenciou a sua vida?

O trabalho na Escola Islâmica foi o meu 1º emprego em Curitiba. Cheguei em meados de janeiro de 1970, vim morar com uma tia, pois meus pais moravam no norte do Paraná. O meu objetivo era o de cursar a faculdade e para isso precisava trabalhar. O anúncio foi publicado no jornal na semana seguinte à minha chegada e tive a sorte de ser bem aceita pelo Sheik, talvez pelo meu jeito mais tímido estar mais em acordo com o modo da mulher se comportar na sua cultura. Assim, minhas lembranças são muito boas porque esse tempo me propiciou a realização do projeto de vida: ambientar-me na cidade, estabelecer vínculos profissionais e de amizade e ingressar no curso de Pedagogia da UFPR.

9. Como os pais dos alunos viam a escola?

Tínhamos pouco contato com os pais dos alunos. Em geral eles cobravam muita disciplina e conteúdo.

10. O que a Escola Islâmica tinha de diferente das outras escolas?

A começar pela origem dos alunos, pois todos eram pertencentes à comunidade islâmica, a qual tinha o objetivo de alfabetizar as novas gerações na língua árabe, condição de acesso à cultura e inserção religiosa.

Outro fator diferencial é a economia que implicava numa organização pobre a escola, muito próxima ao emergente.

Num dos períodos em que a diretora Gilda teve um problema de saúde, foi solicitada a responder junto à secretaria da educação do estado (SEED) pelos relatórios, históricos escolares e tive muita dificuldade porque havia várias questões pendentes por falta de uma estrutura administrativa regularmente constituída. Quem respondia por essa organização era sempre pego de surpresa, como foi o meu caso, ou seja, não como profissional responsável pelo setor, mas para atender a uma situação de emergência, acumulando funções.

11. Qual foi a importância da escola para a comunidade na época?

Devido a minha pouca experiência como educadora, naquela época e também pelo contexto histórico (regime militar) não aproveitei o tanto que poderia ter aproveitado para me aprofundar nesse aspecto. Hoje, percebo que o objetivo era a preservação de uma cultura e para a comunidade, na época, era essencial por causa do domínio do idioma islâmico.

12. Como você lembra-se de Curitiba na época?

Nos anos 70 Curitiba estava implantando um de seus planos pilotos de urbanização, expandindo o comércio do anel central para os eixos norte-sul, 1ª linha estrutural de transporte coletivo. Assim, a comunidade islâmica constituída em sua maioria por comerciantes também estava se ampliando, diante das novas oportunidades. O comércio do centro girava em torno de produtos de vestuário (lojas de tecido, calçados, oficinas de costura rápida), armarinhos, eletro domésticos, móveis, papelarias, livrarias ... e se organizava em lojas – pequenas em sua maioria. Havia poucas lojas de departamentos e não havia Chopin Center. O comércio de máquinas e equipamentos localizava-se nas ruas mais próximas da antiga rodoviária (Guadalupe) e Ferroviária. O comércio de alimentos era bem reduzido. Não havia tanta demanda como hoje por alimentação rápida. Havia os cafés (confeitaria das famílias) a loja Americana (coqueluche da época para os estudantes), o supermercado Demeterco (Praça Tiradentes). O EIXO central para referência

em Curitiba estava nas Praças: Tiradentes, Generoso Marques, XIX de Dezembro, Zacarias, Ozório e Rui Barbosa, bem como nas Ruas XV de novembro, Marechal Floriano Peixoto e Marechal Deodoro. Conhecendo esses logradouros era possível circular por toda cidade. O transporte coletivo tinha seus pontos nesses espaços.

O centro político era a Rua Cândido de Abreu, estrutura nova e ampla para a época. As secretarias de Estado estavam localizadas no anel central, tanto que a educação estava na praça da sinagoga, Rua Ébano Pereira com Saldanha Marinho. O governo municipal estava concentrado no Palácio 29 de março. Cabiam todos lá, inclusive com uma sala de aula para treinamento do pessoal, no subsolo.

O desenvolvimento cultural estava concentrado em duas grandes instituições a UFPR e a Faculdade Católica. As livrarias mais conhecidas eram a do Chain, a Curitiba, as Paulinas e a Vozes. Havia a papelaria Requião na Dr. Murici. A biblioteca pública era ponto obrigatório de todos os amantes da leitura.

Bem, vou parar aqui devido ao tempo, mas lembrar Curitiba é uma paixão.

Curitiba, 09 de fevereiro de 2011.

Ermelina G. B. Thomacheski

TABELAS DE ALUNOS

TABELA 7 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 1º ANO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amara Omairi	Mahmud Omairy	04/03/1963	Curitiba
Ali Janhari	Said Janhari	17/01/1960	Curitiba
Maria Jenon	Cheker Jenon	14/02/1963	Curitiba
Rosana Estrela Saleh	Faissal Saleh	24/01/1962	
Omaiah H. Zahra	Hassan Zahra	15/06/1962	Curitiba
Jafla Bark	Mohamad M. Bark		
Jalal Hassan Iskandar	Hassen Iskandar	15/07/1962	Curitiba
Fauze Abdul Assel	Abdul el Assel	29/09/1961	Rio Negro
Walid Omairi	Zuhair Omairy		
Zahira Ali Iskandar	Ali Iskandar	25/07/1962	Curitiba

TABELA 8 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 2º ANO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Abdo Charquie	Mohamed Charchiech	03/07/1961	Curitiba
Aissar Omairi		27/11/1959	
Amira Klara Kaiel	Raehid Said Khazaal	24/08/1960	Curitiba
Faissal Abdul el Assal	Abdul Mohamad el Assel	23/10/1961	Rio Negro
Fátima A. Fayad	Abdalla Fayad	29/03/1961	Curitiba
Haider Mahmud Charquiech	Mashmud Ali Charquiech	15/10/1958	Curitiba
Hayat Ali Iskandar	Ali Iskandar	25/09/1961	Curitiba
Hilda Iskandar	Ali Iskandar		Curitiba
Jamila Janhari	Said Janhari	10/12/1958	
Leila Iskandar	Ibrahim Iskandar	13/07/1962	Curitiba
Nohade Charquie	Mohamed Charchiech		Curitiba
Hassen José Hamoud			
Mohamed H. Hajar	Hamed Hajar	09/04/1961	Líbano
Selma Saleh	Naif Hussein Saleh	24/09/1961	Curitiba
Saada H. Zahra	Hassan Mustafá Hussein	07/03/1961	Curitiba

TABELA 9 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 3º ANO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Fauzie José Hamoud Gondura Hajar Traya Riad Ali Iskandar Rached Hajar Trayá	Abdul Rahman Mahmond Traya Ali Iskandar Abdul Rahman Mahmond Traya	25/06/1960 25/11/1959 29/08/1961	

TABELA 10 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – 4º ANO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Aticah Hassan Zahra Faissal Saleh Saada Charchiech	Hassan Mustafá Hussein Zahra Nacif Hussein Saleh Mahmud Ali Charchiech Zuleiman	04/02/1960 08/08/1959 06/12/1959	Curitiba Ponta Grossa Curitiba
Sandra Suraia Saleh Saleh Ghaze Saleh Abdala Fayad Zaimab Jezzini	Nacif Saleh Nacif Saleh	21/12/1957	Curitiba

TABELA 11 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1969 – JARDIM DE INFÂNCIA

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Nassre Bark Ráguia M. Hussan el Din Juman Abidin Kaled Mahmud Charchiech Faugie Ibrahim Fauaz Hassan Hamound Kassan Zogheib Amale Fala Wafá Fala Nemer Hajar Nádia Hamdar Jarek Iskandar	Hassan Mohamad Ali Iskandar	04/11/1964	Curitiba
Raouf Omairi Mussira Janhari Ali Mohmud Charchiech	Mahmond A. R. Omairi Said Jaouhari	14/09/1964 24/05/1964	Curitiba Curitiba
Assad Zogheib Azize Jezzini Salva Iskandar Yola Zogheib Nádia Hamoud	Ali Iskandar	01/09/1964	Curitiba
Nizar Hassan Zahra Inam Hamdar	Hassan Mustafa Zahra	09/12/1963 11/10/1964	Curitiba Beirute – Líbano
Nehmat Hamdar		26/02/1966	Beirute – Líbano
Fadua Hussam el Din Roger Wagner Garcia	José Augusto Garcia	21/11/1967	Curitiba

TABELA 12 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 1º ANO – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Assad Zogheib	Naim Zogheib	08/10/1962	Curitiba
Kaled Charchiech	Mohmed Al Charchiech	25/09/1963	Curitiba
Kassam Zogheib	Naim A. Zogheib	08/10/1963	Curitiba
Kurt Bozgazi	Neset Bozgazi	04/04/1963	Colombo
Nemer Hajar	Said Ahmad Hajar	21/08/1963	Curitiba
Nizar Zahra	Hassan Mustafá Hussein Zahra	09/12/1963	Curitiba
Ribamar Pacheco	João Adalberto Pacheco	16/01/1962	Antonina
Said Ali Assah	Ali Ismael Elassal	05/06/1963	Rio Negro
Tarek Iskandar	Hassan Mohamad Ali Iskandar	04/11/1964	Curitiba
Saliman Ibrahim Ali			
Ali Iskandar	Ibrahim Iskandar	16/01/1964	Paranaguá
Ibrahim Ali	Ibrahim Ali	04/06/1960	Jordânia
Hassen Hamoud			
Hussein Sakar	Ahmad Sakar	25/10/1960	Líbano
Mohamad Fares	Hassan Fares el Messmar	27/11/1963	Curitiba
Messmar			
Samir Atet			

TABELA 13 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 1º ANO – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amale Falá	Jandat Falá	01/02/1964	
Alia Messmar	Radwan Fares Messmar	09/04/1963	Curitiba
Glaucimar Pacheco	João Adalberto Pacheco	04/03/1963	
Gomana Abadim	Abdul Halim Ali Abadim	08/05/1963	Curitiba
Najla Haya Traya	Abdul Traya	13/03/1963	Curitiba
Salma Iskandar	Ali Iskandar	01/09/1964	Curitiba
Samira Youssef Tassi	Jaissef Mohamad Tassi	03/09/1963	Curitiba
Samira Kadri	Muhamad el Kadri	28/11/1963	Curitiba
Samia Salmaci	Roberto Salmaci	08/11/1962	Santos
Soraya Mansour	Hussein Abd Ali Mansour	24/04/1963	Curitiba
Sohaila Iskandar			
Zeirab Muhamad D.	Mohamad Ali Dihaini	15/11/1963	Curitiba
Hadije Jezini	Abdul Hussein Mohamed Jezini	29/04/1963	Curitiba

TABELA 14 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 2º ANO – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ale Janhari	Said Janhari	17/01/1960	Curitiba
Fanez Ali el Assel	Abdul Ali el Assel	29/09/1961	Rio Negro
Talal Iskandar	Hassan Mohamad Ali Iskandar	15/07/1962	Curitiba
Edgar Kappout	Margarita Márcia Kappout	07/04/1962	Curitiba
Kalled Mohammad	Mohamad Ismail Chehady		
Walid Omairi	Zouhair Omairi		
Uçama Morade	Armando Mourad	05/05/1961	Curitiba

TABELA 15 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 2º ANO – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amara Omairi	Mahmond Omairi	14/02/1963	Curitiba
Maria Genon	Chequer Jenon	15/06/1962	Curitiba
Omaia Zahara	Hassan Zahra	15/01/1962	Curitiba
Rosane Saleh	Faisal Saleh	25/07/1962	Curitiba
Zaira Iskandar	Fatme Ali Iskandar	29/15/1958	Rio Negro
Amine Ali el Assel	Ali Ismael el Assel	27/11/1959	Curitiba
Amira Khazaaal	Rachid Saide Khazaaal	25/09/1961	Curitiba
Hilda Iskandar	Hassan Mohamad Ali Iskandar	27/02/1963	Egito
Jamna el Din	Muhamad el Din	20/05/1961	Curitiba
Fátima Tassi	Youssef Mohamed Tassi	04/10/1962	Paranaguá
Malake Soraia Sanhari	Ahmed Amad Sanhari		

TABELA 16 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 3º ANO – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Abdel Nasser Ali	Rajane Nasser	25/01	Curitiba
Abdo Charchiech	Mohamad Charchiech	03/07/1961	Curitiba
Aisar Omairi	Sachair Omairi	07/08/1961	Curitiba
Faissal el Assal	Abdo Mohmad el Assal	24/08/1960	Rio Negro
Haydar N. Charkieh	Mohmued Omar Charkieh	29/03/1961	Curitiba
Issa Ali el Assel	Ali Ismail el Assel	27/01/1961	Rio Negro
Jorge Amir Hereibe	Ahmad Huin el	11/02/1961	Belo Horizonte
Mustafa Ismail	Mohamade Ismail	13/01/1956	Jordânia

TABELA 17 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 3º ANO – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Fátima Fayad	Abdalla Fayad	23/09/1961	Curitiba
Fauzie José Hamoud	José Hamoud	07/08/1960	Curitiba
Hanife Bozgazzi	Neriman Hassen	14/11/1960	Curitiba
Hayet Ali Iskandar	Ali Iskandar	15/10/1958	Curitiba
Hossen Hamoud	José Hamoud	08/07/1962	Curitiba
Jamile Janhari	Said el Janhari	29/06/1961	Curitiba
Leila Iskandar	Ibrahim Iskandar	10/12/1958	Porto Alegre
Mariam Ali el Assel	Ali Ismail el Assal	27/01/1961	Rio Negro
Nohade Charchiech	Mohamed Charchiech	13/07/1962	Curitiba
Sade Zahra	Hassan Zahra	07/03/1961	Curitiba
Selma Saleh	Nayelh Saleh	24/09/1961	Curitiba

TABELA 18 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 4º ANO – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Abdu Aziz Kadri	Mohamed Abdul Kadri	29/11/1961	São Paulo
Rached Iranja	Abdul Rachman Traya	29/08/1962	Curitiba
Riad Ali Iskandar	Ali Iskandar	27/11/1959	Curitiba

TABELA 19 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – 4º ANO – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Candura Iranja	Abdul Rachman Traya	25/06/1960	Curitiba
Fátima Kanson	Adel Ali Kanson el Ghouri	10/10/1959	Porto Alegre
Fátima Jazini	Abdul Hussein Jazini	16/10/1960	Curitiba
Fátima Salmaci	Roberto Mohamed Salmaci	06/02/1960	Santos
Haula Morad	Armando Morad	28/03/1960	Curitiba
Iman Hel Din	Mohmad Hussen el Din	08/09/1960	Egito
Sandra Suraia Saleh	Faisal Hussein Saleh	10/11/1959	Santos
Latife Moghachel		1959	

TABELA 20 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ali Charkieh			
Bassam Hamdar			
Almir Dias			
Alfredo			
Ibraim Charkieh			
Samir Haidar			
Tarik Fala			
Omar Imail			
Halid Nasser			
Raouf Omairi			
Nagli Dehaini			
Eric Thierry el Omairi			Curitiba
Pascal Chritaphe Omairi			Curitiba
Paulo Roberto Abouriham			Curitiba

TABELA 21 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1970 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amina Hgar Traya Aziza Hiam Handar	Abdul Traya	14/07/1964	
Yola Zogheib Laila Magid Lattife Handar Fadua Hel Din Fátima Sankari Fátima el Hessmar Fauzie Faucz Munira el Jauhari Nádia Handar Nádia Hamoud Raguia Hel Din Saada Atel Salette Saleh Selma Samaha Sohaila Boehem Nehmat Handar Wafá Fala Zeinali Aluidin	Naim Zogheib	29/06/1967	Curitiba

TABELA 22 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ali Moukhaiber Kanaan	Moukhaiber Ali Kanaan	08/06/1967	Curitiba
Ali Rodean Fares Messmar	Radwan Fares Messmar	10/07/1966	Curitiba
Anwar Muhammad Shehadeh	Muhammad Ismail Suleman Shehadeh	06/09/1967	Toledo
Gerson Freire de Lima Tarek Fala Suna Fala	José Tomé de Lima Jaoudat Fala Jaoudat Fala	13/02/1967	Curitiba
Michel Samaha	Georges Gebrail Samaha		
Roberto Palombo	Lyzette Menegassi Palombo	24/06/1967	
Borges Wagner Garcia	José Agnaldo Garcia	21/11/1967	

TABELA 23 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – JARDIM DE INFÂNCIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Fádua Hassam el Din	Mohamad Hassam el Din	19/05/1967	Curitiba
Giselle Freire de Lima	José Tomé de Lima	26/04/1968	Curitiba
Haula Said Nasser	Said Mohamad Said Nasser	28/05/1967	Curitiba
Luciano Pansolim	Augusto Valmir Pansolim	31/05/1968	Curitiba
Samira de Fátima Nabbouh	Kalil Anis Nabbouh	14/01/1967	Curitiba
Sileia Mansour	Mustafa Faabdul Hussein Mansour	11/04/1967	Curitiba
Audra Marília Nóbrega	Marília Nóbrega	21/04/1967	Antonina
Sandra Alves Kalil	Sain Kalil	22/11/1965	Curitiba
Chistiany Maria de Penha	Luis Francisco Stingheu	22/10/1968	Curitiba

TABELA 24 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – PRÉ-PRIMÁRIO – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ale Mahmud Charkieh	Mahmud Charkieh	09/08/1965	Curitiba
Edson Franceschi	Enoc Franceschi	22/11/1965	Curitiba
Ibrahim Mohamed Charkieh	Mohamed Charkieh	09/06/1966	Curitiba
Kaaled Said Nasser	Said Mohamad Said Nasser	18/06/1966	Curitiba
Omar Muhammad Shehadeh	Muhammad Ismail Suleiman Shehadeh	18/06/1965	Curitiba
Samir Mohamad Andrade	Issa Mohamad Andrade	26/07/1966	Rio Grande do Sul
Daniel Mohamad Andrade	Issa Mohamad Andrade	27/08/1966	Rio Grande do Sul

TABELA 25 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – PRÉ-PRIMÁRIO – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ana Lúcia Barbosa de Souza Pinto	Jair Pereira de Souza Pinto	02/09/1965	Curitiba
André Menegassi Stroppa	Iridio Stroppa	03/06/1965	Curitiba
Fátima el Horr	Ahmad el Horr	27/07/1965	Curitiba
Iola Zogheib	Naim Assad Zogheib	29/06/1967	Curitiba
Nadia Hamoud	Ibrahim Hamoud	29/03/1966	Curitiba
Salma Jorge Samaha	Georges Gebrail Samaha	09/01/1966	Curitiba
Sady Atet	Abdo Atet	14/09/1965	Assunção
Sara Salete Saleh	Faisal Hussin Saleh	20/04/1966	Rio Negro
Soraria Boehm Ibraim Arram	Muhammad Arefkia Hasan Ibraim Ali Arram	28/01/1966	Curitiba
Soraya Jazzini	Abdul Hussen Mohamed Jazzini	11/06/1965	Curitiba

TABELA 26 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 1º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Gabriel Jorge Samaha	Georges Gebrail Samaha	29/01/1965	Curitiba
Kalil Amis Nabbouh Filho	Khalil Amis Nabbouh	16/08/1964	Curitiba
Raouf Omeiri	Mahmoud Abdul Raouf Omeiri	14/09/1964	Curitiba
Elsithon Andrade Júnior	Elsithon Andrade	04/06/1964	Santos

TABELA 27 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 1º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amina Hajar Traya	Abdul Rahman Mahmoud Traya	14/07/1964	Curitiba
Asisa Jazzini	Hussein Salim Jazzini	12/08/1965	Curitiba
Badrie Abdallah Fayad	Abdallah Fayad	14/03/1964	Curitiba
Fátima Hammoud	Adnan Ruehdi Hammoud	23/03/1964	Curitiba
Fátima Reduan el Messmar	Reduan el Messmar	15/08/1964	Curitiba
Fátima Sankari	Ahmad Ghazi Abdul Hamid Sankari	22/07/1964	Curitiba
Fauzie Ibrahim Fauaz	Zaki Ibrahim Fauaz	18/06/1964	Curitiba
Leila Silveira Abdel Majid	Khalil Uthman Abdel Makid	10/04/1964	Curitiba
Munira Janhari	Said Janhari	24/05/1964	Curitiba
Raguia Hossan el Din	Mohamad Hassam el Din	09/02/1965	Egito
Rosemeri Mancia	Edgard Mancia	28/08/1964	Curitiba
Sahaila Boehm Ibrahim Arram	Muhammad Haran Ibrahim Ali Arram	30/01/1965	Curitiba
Wafá Fala Yamna	Jaoudat Fala	20/01/1965	Hermel - Líbano

TABELA 28 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 2º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ali Iskandar	Ibrahim Iskandar	16/01/1964	Paranaguá
Assaad Zogheib	Naim Assad Zogheib	08/10/1962	Curitiba
Hassen Hamoud	Ibrhaim Hamoud	03/03/1964	Curitiba
Kassan Zogheib	Naim Asaad Zogheib	08/10/1963	Curitiba
Kaled Charkieh	Mahmoud Ali Youssef Charkieh	25/09/1963	Curitiba
Kurt Bozgazi	Neset Bozgazi	04/04/1963	Curitiba
Nemer Hajar	Said Almad Hajar	21/08/1963	Curitiba
Nizar Zahra	Hassan Mustafá Hussein Zahra	09/12/1963	Curitiba
Samir Atet Recalde	Abdo Ale Atet	11/06/1963	Assunção – Paraguai
Walid Omairi	Zouhair Abdul el Omairi	07/01/1963	Curitiba
Mamon Mahmud Ismael Shehadeh	Mahmud Ismael Shehadeh	14/09/1958	Amman - Jordânia

TABELA 29 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 2º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ália Messmar	Radwan Fares Messmar	09/04/1963	Curitiba
Amale Fala	Jaoudat Fala	01/02/1964	Hermel
Hadije Jezzini	Abdul Hussein M. Jezzini	29/04/1963	Curitiba
Jomana Abidin	Abdul Halim Abidin	08/05/1963	Curitiba
Najla Traya	Abdul Rahman Traya	13/03/1963	Curitiba
Samia Salmaci	Roberto Mohamed Salmaci	08/11/1962	Santos
Samira Kadri	Mohamad Abdul Kader Kadri	27/10/1963	Curitiba
Eiman Ismail Sulaiman Shehadeh	Mahmud Ismael Shehadeh	20/01/1960	Az-Zarca - Jordânia

TABELA 30 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 3º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Ali Janhari	Said Janhari	17/01/1960	Curitiba
Carlos Kaled Mohamed Ismail	Mohamad Ismail		
Edgard Kappout	Adnan Said el Kappout	07/04/1962	Curitiba
Uçama Ahmod Abou Mourad	Ahmad Mohamad Abou Mourad	05/05/1961	Curitiba

TABELA 31 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 3º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Amara Omairi	Mahmoud Omairi		
Amira Clara Khazzal	Rachid Said Khazzal	27/11/1959	Curitiba
Malake Soraia Sankari	Ahmad Amad Abdul el Sankari	04/11/1962	Paranaguá
Omaia Hassan Zahra	Hassan Mustapha Hussein Zahra	15/06/1962	Curitiba
Rosana Estrela Saleh	Faisal Saleh	24/01/1962	Curitiba
Yonna Mohamed Hussan el Din	Mohamed Hossam el Din	27/02/1963	Elmansoura- Egito

TABELA 32 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 4º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Abdo Ibraman Charkieh	Mohamed Charkieh	03/07/1961	Curitiba
Aisar Sésar Omairi	Zohair Omairi	07/08/1961	Curitiba
Haidar Mahmud Charkieh	Mahmud Ali Charkieh	29/03/1961	Curitiba
Mustafá Mohamade Ismail	Mohamad Ismail	13/01/1956	Jordânia
Jorge Amir Hereibi	Youssef Jacoub Hereibi	11/02/1961	Belo Horizonte

TABELA 33 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 4º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Fátima Abdalla Fayad	Abdalla Fayad	23/10/1961	Curitiba
Fauzie Yussef Hamud	Yussef Hamud	07/08/1960	Curitiba
Hamife Bozgazi	Mustafa Bozgazi	14/11/1960	Curitiba
Hassen Yussef Hamud	Yussef Hamud	08/07/1962	Curitiba
Jamila Janhari	Said Janhari	29/07/1961	Curitiba
Leila Iskandar	Ibraim Iskandar	10/12/1958	Porto alegre
Maria Regina Najar	Ahmed Najar	12/05/1960	Curitiba
Nuhad Mohamed Charkieh	Mohamed Charkieh	13/07/1962	Curitiba
Saada Hassan Zahra	Hassan Mustapha Zahra	07/03/1961	Curitiba
Selma Saleh	Ghaze Hussein Saleh	24/09/1961	Curitiba
Dalila Hafiz Bark	Hafiz Rada Bark	22/10/1960	Curitiba

TABELA 34 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 5º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO MASCULINO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Abdul Aziz Kadri	Mohamad Abdul Kader Kadri	28/11/1960	São Paulo
Rached Hajar Traya	Abdul Rahman Mahmoud Traya	29/08/1961	Curitiba

TABELA 35 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1971 – 5º SÉRIE PRIMÁRIA – SEXO FEMININO

Nome do aluno	Nome do pai ou tutor	Data de nascimento	Local
Candura Hajar Traya	Abdul Rahman Mahmoud Traya	25/06/1960	Curitiba
Fátima Jezzini	Abdul Hussein Mohamed Jezzini	16/10/1960	Curitiba
Fátima Kanso el Ghouri	Adel Ali Kanso el Ghouri	16/10/1959	Porto Alegre
Fátima Salmaci	Roberto Mohamed Salmaci	16/02/1960	Santos
Haula Ahmed Abu Murad	Ahmed Muhamed Abu Murad	28/03/1960	Curitiba
Iman Hossan el Din	Mohamad Hassan el Din	08/09/1960	Egito
Sandra Suraid Saleh	Faisal Hussim Saleh	10/11/1959	Santos

TABELA 36 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1972

Nome do aluno	Data de nascimento	Nacionalidade	Série	Filiação	Residência
Everton Nazaré de Freitas	07/11/1966	Brasileira	Pré	Ivandel Segismundo de Freitas/Ciléia Maria de Freitas	Rua Dr. Keller
Omar Dutra Filho	09/02/1968	Brasileira	Jardim	Omar Dutra/Lucília Maria Nasser	Rua Gregório Matos, n.º 79/Emergência fone 22-6381
Cristina Sankari	08/04/1968	Brasileira	Jardim	Ahmad Sankari/Lígia Sankari	Av. Iguazu n.º 4010/2º andar
Maurício Luis Maito	26/11/1967	Brasileira	Jardim	Jair Dino Maito/Sirlei Maito	Rua Visc. do Rio Branco, esquina Júlia da Costa n.º 422.
Ali Moukhaibert Kanaan	08/06/1967	Brasileira	Jardim	Moukhaibert Kanaan/Antonia Kanaan	Rua Tibagi, n.º 394
Fauzie Moukhaibert Kanaan	09/07/1968	Brasileira	Jardim	Moukhaibert Kanaan/Antonia Kanaan	Rua Tibagi, n.º 394
Abdo Monhen	28/08/1966	Brasileira	Pré	Ahmad el Horr/Heroína dos Santos el Horr	Rua Madre Leoni, n.º 202
Adile Bozgazi	30/04/1967	Brasileira	Jardim	Neset Bozgazi/LoreençaAyala	Rua Vila Guaraci, Colombo
Audra Rio Apa Nóbrega	21/04/1967	Brasileira	Jardim	Arnaldo Elias Agnaldo Nóbrega/Marília Rio Apa Nóbrega	Av. Manoel Rivas, n.º 416
Abrão Mahmoud Filho	22/05/1966	Brasileira	Pré	Abrão Mahmoud/Eliane Araci Mahmoud	Rua Piquiri
André Mahmoud	12/07/1967	Brasileira	Jardim	Abrão Mahmoud/Eliane Araci Mahmoud	Rua Piquiri
Samir Mohamad Andrade	26/06/1966	Brasileira	Pré	Kalda Issa Mohamad Andrade	Martim Afonso 536, 3ºandar apto 5/Emergência fone 105/371
Joarez Carlos Ferreira Tavares	27/02/1968	Brasileira	Jardim	Jorge Tavares/Matilde Ferreira Tavares	Av Manoel Ribas
Josemar Lecheta				Nelson Antonio Lechetta/Ildia Cordeiro Lechetta	

Josemara do Rocio Lechetta Silvia Carla Durgante	Nelson Antonio Lechetta/Illidia Cordeiro Lechetta Antonio Cirineu Durgante/Arlete Nascimento Ramos	Pré				
Gilson Koppe	Alcione Koppe/Sonia Maria Koppe	Pré	23/12/1968	Brasileira	Rua Carlos Laet, n.º 2200 Vila Hauer	
Rosane Koppe	Alcione Koppe/Sonia Maria Koppe	Jardim	23/02/1969	Brasileira	Rua Carlos Laet, n.º 2200 Vila Hauer	
Claudia Guerra	Djama Medeiros Guerra/Terezinha Medeiros Guerra	1º ano	01/12/1964	Brasileira	Av. Iguaçú, n.º 4010 2º andar	
Mustafá Bozgazi Fahima el Horr	Neset Bozgazi/Lorença Ayala Ahmad el Horr/Heroína dos Santos el Horr	1º ano 1º ano	30/10/1964 27/07/1965	Brasileira Brasileira	Vila Guaraci Colombo Madre Leoni n.º 202	
Yamna Youssef Hamoud	José Hamoud/Maria Hamoud	1º ano	14/09	Brasileira	Ermelino de Leão n.º 341	
Talel Youssef Hamoud Atila Freitas	José Hamoud/Maria Hamoud Ivandel Segismundo de Freitas/Clélia Maria de Freitas	1º ano 1º ano	06/06/1964	Brasileira Brasileira	Ermelino de Leão n.º 341 Rua Dr. Keller	
Nádia Hamoud Sandra Mara Alves Kalil	Ibrahim Hamoud/Jamile Hamoud Sain Kalil/Luiza Kalil	1º ano 1º ano	29/03/1966 22/11/1965	Brasileira Brasileira	Praça Tiradentes Jardim Paranaense Rua 6 n.º 2	
Elsinthon Santos Andrade Júnior	Elsinthon Santos Andrade Júnior/Marilene dos Santos Andrade	1º ano	04/06/1964	Brasileira	Av. Iguaçú, n.º 4010.	
Yola Zogheib	Naim Asaad Zogheib/Noha Zogheib	1º ano	29/06/1967	Brasileira	Av. Vicente Machado	
Daniel Mohamad Andrade	Kalda Issa Mohamad Andrade	1º ano	27/07/1965	Brasileira	Martim Afonso 536, 3º andar	
Fátima Sankari	Ahmad Ghazi Sankari	2º ano	22/07/1964	Brasileira	Av. Iguaçú n.º 4010 2º andar	
Rosimeri Mância Laila Silveira Abdel Majid	Edgard Mância/Rose Mância Armando Mohamad Majid/Santa Silveira Majad	2º ano 2º ano	28/08/1964 08/04/1963	Brasileira Brasileira	Rua Rockfeller n.º 965 Rua Prudente de Moraes 543, 1º andar – apto 3 Vila Guaraci Colombo Praça Tiradentes	
Kurt Seyt Bozgazi Hassen Hamoud	Neset Bozgazi/Lorença Ayala Ibrahim Hamoud/Jamile Hamoud	3º ano 3º ano	04/04/1963 03/03/1964	Brasileira Brasileira		

Assad Zogheib	08/10/1962	Brasileira	3º ano	Naim Assad Zogheib/Noha Zogheib	Av. Vicente Machado
Kassan Zogheib	08/10/1963	Brasileira	3º ano	Naim Assad Zogheib/Noha Zogheib	Av Vicente Machado
Amira Kazzal	27/11/1959	Brasileira	4º ano	Rachid Kazaal	Rua Urbano Lopes nº. 151 – Cajuru
Fátima Gomes Gebara	26/05/1959	Brasileira	4º ano	Ahmad Mohamade Gebara/Belqui Neli Gomes Gebara	Rua José Bonifácio nº. 116
Loris Gomes Gebara	01/05/1960	Brasileira	4º ano	Ahmad Mohamade Gebara/Belqui Neli Gomes Gebara	Rua José Bonifácio nº. 116
Anife Ayala	14/11/1959	Brasileira	5º ano	Neset Bozgazi/Loreença Ayala	Colombo Vila Guaraci

TABELA 38 - REGISTRO DE ALUNOS DE 1972 - MATRÍCULAS SUPLEMENTARES

Nome do aluno	Data de nascimento	Nacionalidade	Série	Filiação	Residência
Adiles Bastian	28/03/1958	Brasileira	3º ano	Mário Gabriel Bastian/Zelinda Ferreira Bastian	Manoel Ribas fone 105 – ramal 371
Marco Aurélio Mância		Brasileira	Jardim	Edgard Mância/Rosi Mância	Rua Marechal Floriano
Namat Handar			Pré		Rua Emiliano Pernetá
Hian Handar			1º ano		Rua Emiliano Pernetá
Najira Handar			Jardim		Rua Emiliano Pernetá
Nicanor Moraes Neto		Brasileira	Jardim		R. Dr. Keller, 531 fone 23-5090
Ellen Lucy Alves dos Santos	18/10/1970	Brasileira	Jardim	Jorge Antonio Carvalho dos Santos/Elizabeth Alves dos Santos	Rua Marechal Deodoro 1295 apart 3 fone 105 ramal 412
Claudete Cruz	05/02/1966	Brasileira Erechim - RGS	Pré	Oswaldina Cruz	
Dirceu Xavier de Oliveira	07/02/1963	Brasileira Erechim - RGS	3º ano	Waldomiro Xavier de Oliveira/Nisia de Oliveira	
Eiza Terezinha Cruz	09/08/1961	Brasileira Erechim - RGS		Oswaldina Cruz	

TABELA 30 - FAMÍLIAS DE IMIGRANTES ÁRABES MUÇULMANOS NATURALIZADOS NO PARANÁ (1956-1983)

Libano	Síria	Jordânia	Transjordânia	Jerusalém	Turquia
Aouada	Katel	Shehadeh	Shama	Mushashe	Burnakli
Nasser	Yassin	Majid	Ahmad		
Abid	Haouache	Ramonija	Mustafa		
Dehaini	Mohammad				
Tarbine	Rahd				
Youssef					
Messmar					
Hamdar					
Kheireddine					
Iskandar					
Weizani					
Salomão					
Bark					
Raad					
Zein					
Omeiri					
Omairy					
Karin					
Moukhalled					
Kadri					
Hachem					
Taha					
Gharib					
Chahin					
Kader					
Leidan					
Dib					
Jezzini					
Hamdan					
Hajar					
Barakat					
Khatib					
Eddine					
Hamoud					

Zraik



IMAGEM 3 – FRENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ – ATUAL (1).
FONTE: Arquivo pessoal, 2009.



IMAGEM 4 – FRENTE DA SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DO PARANÁ - ATUAL (2).
FONTE: Arquivo pessoal, 2009.

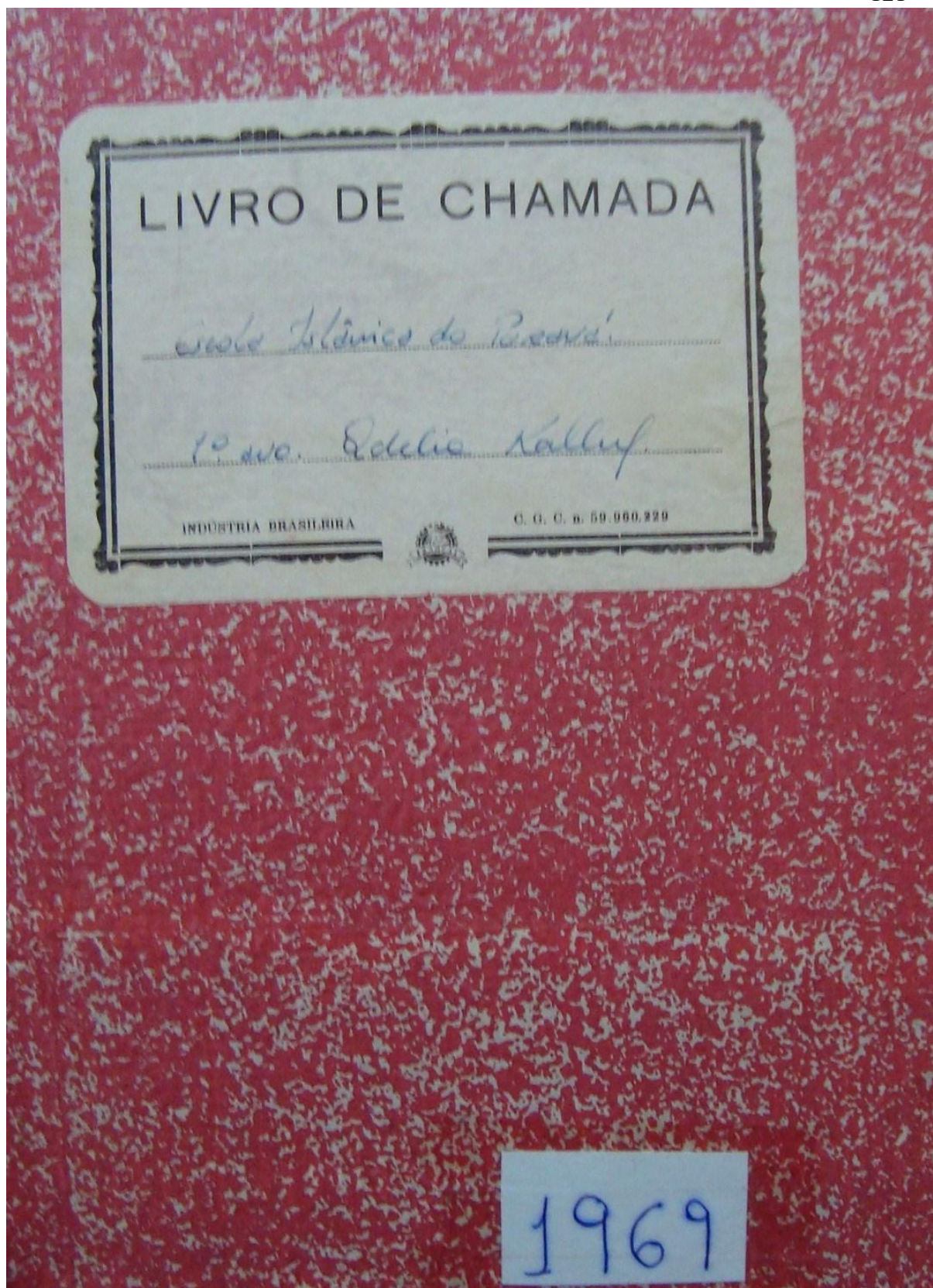


IMAGEM 5 – LIVRO DE CHAMADA DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ, 1969.
FONTE: Arquivo pessoal, 2009.

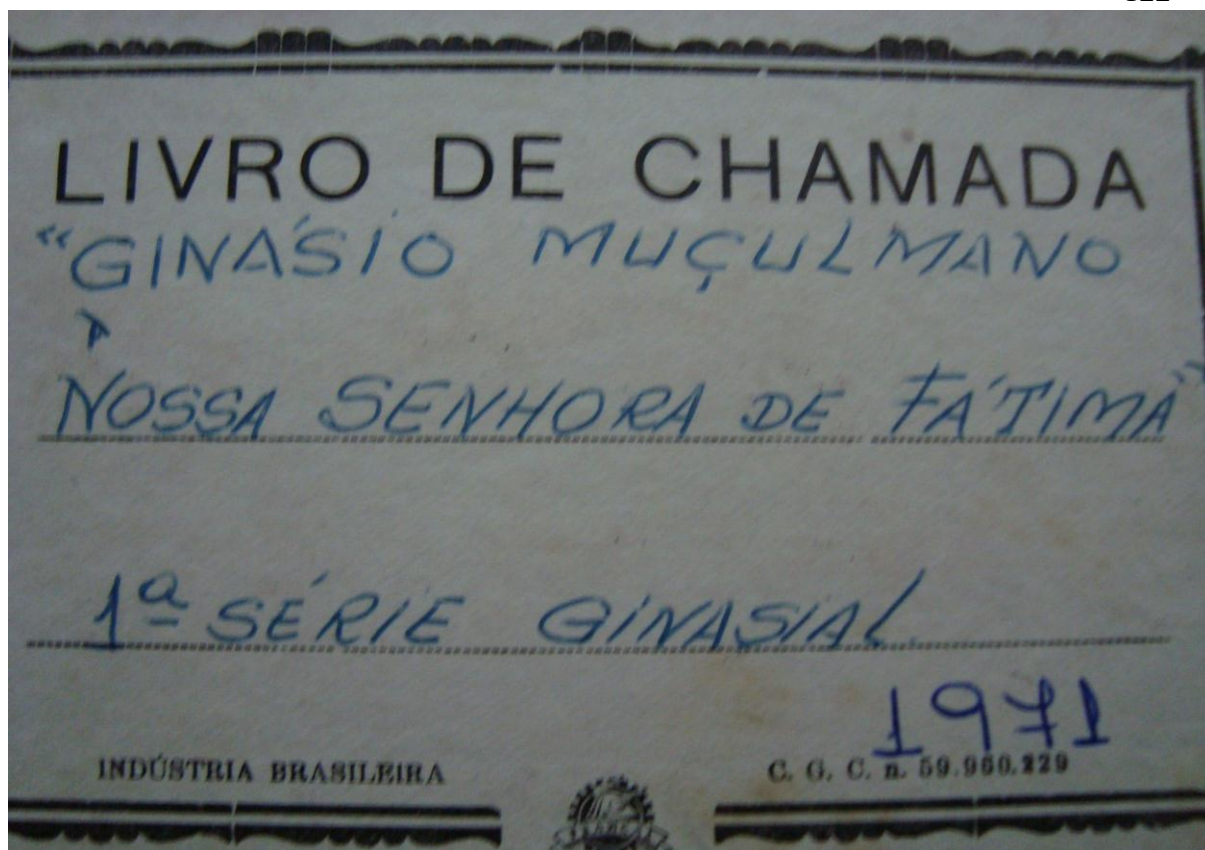


IMAGEM 6 – LIVRO DE CHAMADA DO GINÁSIO MUÇULMANO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 1971.

FONTE: Arquivo pessoal, 2009.



IMAGEM 7 – BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (1), 1970.

FONTE: Arquivo pessoal, 2009.

BOLETIM

Aluno: - **KURT S BOZGAZZI**

Professora: - **WANDA LUCIA DAVET**

Diretora: - **SONIA HEY SAUKI**

IMAGEM 8 – BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (2).
 FONTE: Arquivo pessoal, 2009.

Mês	Português	Mate- mática	Estudos Sociais	Ciências	Religião	Aplíc.	Comporf.	Faltas		Assinatura do Pai ou Tutor
								Just.	Inj.	
Janeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Março	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Abril	7,5	6,5	7,5	7,5	5,0	7,0	9,0	-	3	Safiqi Mez
Maio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Junho	8,0	7,5	7,5	7,0	5,0	10	10	-	1	Safiqi Mez
Agosto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Set.	7,0	7,5	9,0	7,0	7,0	9,5	9,0	-	-	Safiqi Mez
Out.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Nov.	9,0	8,0	7,0	9,0	6,5	10	8,0	1	1	Safiqi Mez
Média Anual	8,0	7,5	7,5	7,5	6,0	9,0	9,0	1	5	Safiqi Mez

Exames Finais _____ Médias _____ Classificação de Alunos pelas Médias

Matemática _____ Anual **7,5**

Português _____ De exame **7,5**

Estudos Sociais _____ *Aprovado*

de 0 a 4,4 - Frac
 de 4,5 a 7,5 - Méd.
 de 7,5 a 10 - Forte

Média de Aprovação **7,5 (sete e meio)**

Judith Landt
 Wanda Lucia Davet

OBS.: A vista das notas obtidas nas provas e exames finais, fica o aluno com direito a matrícula na 3ª série do Curso Primário.

IMAGEM 9 – BOLETIM DA ESCOLA ISLÂMICA DO PARANÁ (3).
 FONTE: Arquivo pessoal, 2009.

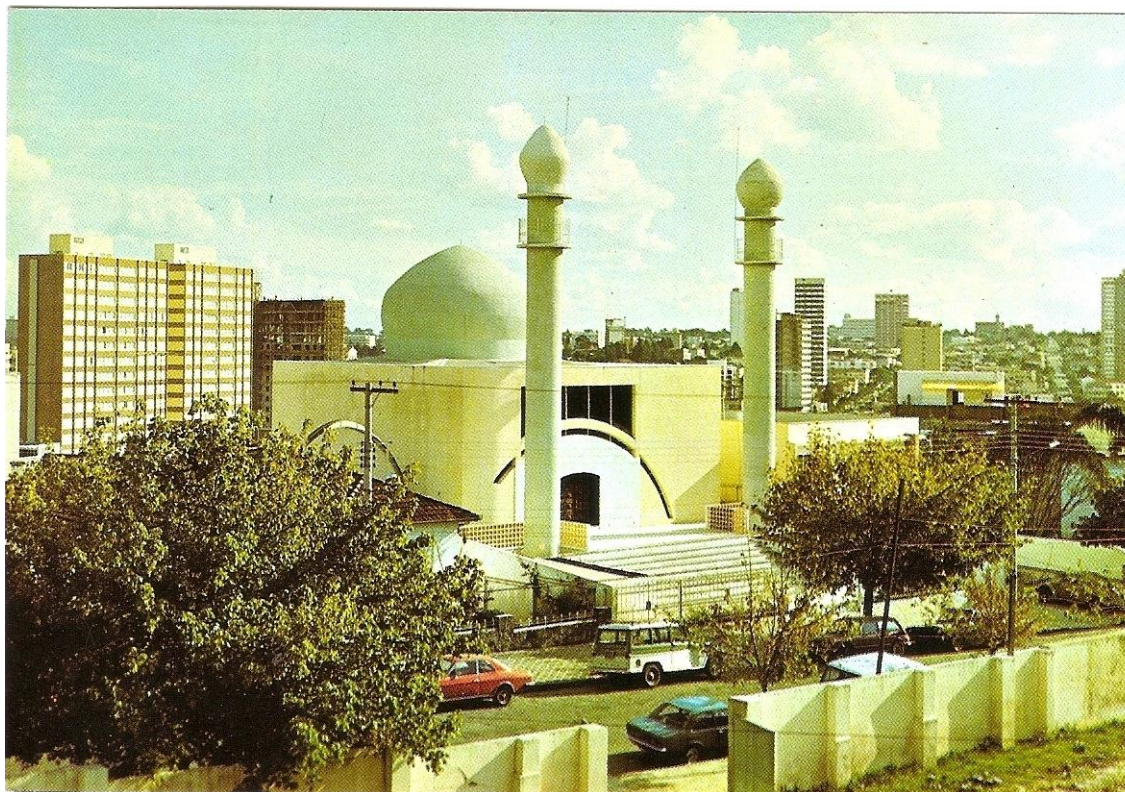


IMAGEM 10 – MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB (DÉCADA DE 70).
FONTE: Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná.



IMAGEM 11 – MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB - ATUAL.
FONTE: Arquivo da autora, 2010.

Quadro de Horário de Trabalho de Maiores

EMPREGADOR: ESCOLA ISLAMICA DO PARANÁ Denominação do Estabelecimento: ESCOLA

Rua DR. KALLER N.º 473 Atividade: ENSINO PRIMARIO

N. de Ordem	Nome do Empregado	Função	Cart. Prof.		Entrada	Intervalo	Saída	Descanso Semanal	Visto do Fiscal
			Número	Série					
01	WANDA LUCIA DAVET	PROFESSORA	33889	231	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
02	BARBARA GOHR	PROFESSORA	74889	232	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
03	LEDA MARA ANJOS CARON	PROFESSORA	74888	232	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
04	TEREZA BILOBRAN	PROFESSORA	75900	232	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
05	DANIELA JOSEFINA VITORIA NOTA	PROFESSORA	19650	208	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
06	TELMA DE OLIVEIRA	DIRETORA	94078	232	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
07	ARAMIS FERREIRA PACHECO	MOTORISTA	53902	187	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
08	MARIJU ETSUKO WASHIDA	PROFESSORA	37060	231	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
09	MARIA DE JESUS DA ROSA	PROFESSORA	24001	231	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
10	LENITA MASSIGNAN	PROFESSORA	44397	231	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
11	MARIA YONNE GUAYCURU VIZACO	PROFESSORA	35199	278	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
12	ERMELINA GENEROSA BONTORIM	PROFESSORA	33093	278	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
13	VALDECI DE FRANÇA	PROFESSORA	30885	231	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
14	SONIA MARIA HEY SAUKI	DIRETORA	56749	278	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
15	LURDES TEREZINHA PAGLIO	PROFESSORA	42478	278	13,00	15,00 P/LANCHE	17,00	DOMINGO	
16	LEILA CARNEIRO DOS SANTOS	SERVEANTE	66838	278	12,00	13,00 AS 17,00	18,00	DOMINGO	

OBSERVAÇÕES:

Curitiba, 02 de MARÇO de 1970

NOTA:—Este quadro acompanha o regulamento

Assinatura do Empregador ou seu representante legal

Quadro de Horário de Trabalho de Maiores

EMPREGADOR: SOCIEDADE BENEFICIENTE MUÇULMANO DO PARANÁ Denominação do Estabelecimento: SOCIEDADE BENEFICIENTE
 Rua DR. KELLER N.º 473 Atividade: SOCIEDADE BENEFICIENTE

N. de Ordem	Nome do Empregado	Função	Cart. Prof.		Entrada	Intervalo	Saída	Descanso Semanal	Visto do Fiscal
			Número	Série					
01	HAIDAR CALIL AMIZ	GELADOR	71930	232	8.00	11.00 AS 13.00	18.00	DOMINGO	
02	ILDA RAMOS SALVI	SERVEnte	58664	125	8.00	11.00 AS 13.00	18.00	DOMINGO	
03	JOACI FERREIRA GONÇALVES	MOTORISTA	54652	116	12.00	13.00 AS 17.00	18.00	DOMINGO	
04	GENOVEVA KALIL	SERVEnte	28855	125	8.00	11.00 AS 13.00	18.00	DOMINGO	

OBSERVAÇÕES:

Curitiba, 01 de SETEMBRO de 1970

Assinatura do Empregador ou seu representante legal

NOTA:—Este quadro acompanha o regulamento

Quadro de Horário de Trabalho de Maiores

EMPREGADOR: GINÁSIO MUCULMANO NOSSA SENHORA DE FATIMA Denominação do Estabelecimento: GINÁSIO

Rua DR. S. KELLER N.º 473 Atividade: ENSINO SECUNDÁRIO

N.º de Ordem	Nome do Empregado	Função	Cart. Prof.		Entrada	Intervalo	Saída	Descanso Semanal	Visto do Fiscal
			Número	Série					
01	GILDA MARIA BOUZA FRIEDLAEUDER	PROFESSORA	42447	278	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
02	ROSEMERI JUCH	PROFESSORA	24066	231	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
03	GILBERTO GRACIA PEREIRA	PROFESSOR	14910	208	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
04	SONIA MARIA HEY SAUKI	DIRETORA	56749	278	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
05	SEISABURO ARAGAKI	PROFESSOR	72742	99	13.00	15, M' P/ LANCHES	17.00	DOMINGO	
06	WALLI SAEFFLER	PROFESSORA	14152	231	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
07	CORNELIA MARIA ZRAIK CHATAGNIER	PROFESSORA	78242	278	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	
08	LEIA DE OLIVEIRA BERGE	PROFESSORA	43942	231	13.00	15, M' P/ LANCHE	17.00	DOMINGO	

OBSERVAÇÕES:

Curitiba, 08 de MARÇO de 1971

NOTA:—Este quadro acompanha o regulamento Assinatura do Empregador ou seu representante legal



MINISTÉRIO DA FAZENDA
DEPARTAMENTO DE ARRECAÇÃO

N.º de Inscrição

MOD - 1

N.º de Ordem

7 6 6 7 7 8 7 1

01

2ª Via

CADASTRO GERAL DE CONTRIBUÍNTES

Visto da Repartição

1.a PESSOA JURÍDICA

1.1 ESCOLA ISLAMICA DO PARANÁ
(Firma ou denominação)

1.2 CURITIBA (Município) 1.3 PARANÁ (Unidade da Federação)

1.4 REGISTRO CIVIL OU COMERCIAL 1.4.0 989 (Número) 1.4.1 25-11-68 (Data)

1.4.2 AUTORIZ. DO GOVERNO DO EST. 1.4.3 CURITIBA (Localidade)

1.5 NATUREZA JURÍDICA

- 0 — Empresa individual
- 1 — Sociedade em nome Coletivo
- 2 — Sociedade por Cotas de Responsabilidade Limitada
- 3 — Sociedade de Capital e Indústria
- 4 — Sociedade em Comandita Simples
- 5 — Sociedade em Comandita por ações
- 6 — Sociedade Anônima
- 7 — Sociedade Civil, inclusive Fundação e Cooperativa
- 8 — Autarquia ou Empresa Pública
- 9 — Filial de Empresa Estrangeira

1.6 ATIVIDADE PRINCIPAL

- 0 — Produção Animal ou Vegetal
 - 1 — Produção Mineral
 - 2 — Produção e Distribuição de Petróleo e Derivados
 - 3 — Produção e Distribuição de Energia Elétrica
 - 4 — Produção Industrial
 - 5 — Comércio de Mercadorias
 - 6 — Construção Civil Incorporação e Compra e Venda de Imóveis
 - 7 — Crédito, Seguro e Compra e Venda de Títulos e Valores Mobiliários
 - 8 — Transportes e Comunicações
 - 9 — Atividades não Especificada (*)
- (*) Qual? ENSINO PRIMARIO

II - ESTABELECIMENTOS

2.1 ESCOLA ISLAMICA DO PARANÁ (Nome se houver)

2.2 RUA DR. KALLER, 473 (Endereço)

2.3 CURITIBA (Município) 2.4 PARANÁ (Unidade da Federação)

2.5 É responsável pela declaração do Imposto de Renda? Sim Não

2.6 IMPOSTOS QUE ESTÁ OBRIGADO A RECOLHER:

2.7 SENDO ESTABELECIMENTO OBRIGADO A RECOLHIMENTO DE IMPÓSTO DE CONSUMO, INFORMAR SE SE TRATA DE:

- 0 — Imposto de Renda (Retido na Fonte)
 - 1 — Imposto de Consumo
 - 2 — Imposto de Sêlo (Livro de Registro)
 - 3 — Imposto de Importação
 - 4 — Imposto Único sobre Combustíveis
 - 5 — Imposto Único sobre Minerais
 - 6 — Imposto Único sobre Energia Elétrica
- 0 — Produtor
 - 1 — Comerciante equiparado à Produtor (art. 5.º incisos III e IV do R. I. C.)
 - 2 — Atacadista de Produtor ou de Comerciante Equiparado a Produtor
 - 3 — Comerciante Importador
 - 4 — Atacadista de Importador

2.8 OBSERVAÇÕES: Não foi dado base

CURITIBA, 05 de JANEIRO de 1970

[Handwritten Signature]
(Assinatura do contribuinte)

NOTAS: 1) Preencha esta ficha datilograficamente, via por via. (NÃO USE CARBONO). 2) Cinco vias para inscrição de cada estabelecimento. 3) "Número de Inscrição" é o que consta do talão de protocolo. 4) "Número de Ordem" é o que tomou o estabelecimento no requerimento de inscrição. 5) "Órgão de Registro" Cartório do Registro Civil Junta Comercial, etc..